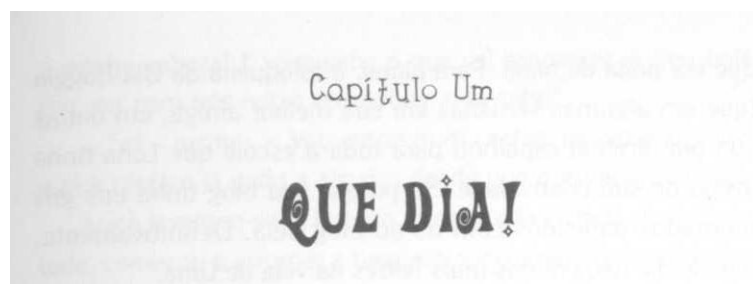
Digitalização: Bruno Matos

Luna estava desolada, de nada adiantaram suas lágrimas melodramáticas. Djalma, professor de Geografia sem alma, sem sentimento (e sem cabelo no cocuruto), não se abalou nem um pouquinho com elas e não lhe deu o meio ponto pelo qual ela tanto implorou. Resultado imutável dessa história: era sua segunda nota vermelha no bimestre, o que lhe renderia um castigo daqueles, como sua mãe já alertara. Ficaria sem festas, sem cinema, sem praia e sem música por tempo indeterminado. Quer tragédia maior do que essa?

O pior ainda estava por vir. No dia seguinte, Luna teria prova de Matemática - que simplesmente odiava - e precisava estudar muito, muito mesmo, para se dar bem. Caso contrário, ela teria sua terceira nota vermelha no boletim, o que significava um aumento drástico do já terrível castigo: televisão, shopping e computador também seriam cortados de sua vida. Ou seja, tortura geral, crueldade total.

Não bastasse o drama que vivia com as notas, Luna soube que o fofo do Pedro Maia, dono dos cílios mais enormes, mais lindos e mais charmosos do planeta, ficou com a metida da Lara Amaral, uma menina que se achava tudo de tudo, mas que era nada de nada. Para piorar, a fofoqueira da Bia Baggio (que em algumas semanas era sua melhor amiga, em outras sua pior amiga) espalhou para toda a escola que Luna tinha inveja de sua

criatividade. Só porque seu blog tinha uns *gifs* animados parecidos com os do blog dela. Definitivamente, aquele dia não era dos mais felizes na vida de Luna.

À noite, enquanto devorava números, cálculos e fórmulas, a menina sabia que em pouco tempo sua mãe chegaria do trabalho e lhe daria uma bronca, a nonagésima sétima da semana, ao constatar que seu quarto continuava o retrato do caos, como se por lá tivesse passado um furacão dos grandes. Roupas amontoadas em cima da cômoda, da escrivaninha e no chão, meias e tênis espalhados por todo canto, CDs fora das caixas, papéis de bala pelo colchão, prendedores de cabelo embaixo da cama, livros abertos, lápis, canetas e revistas adolescentes por todo lado... Por conta da bagunça (e também do alerta do castigo-pedreira), o clima entre ela e sua mãe não estava nada bom e a tendência era piorar.

Foi o que aconteceu.

- Ah, não, Luna! Não acredito que você ainda não arrumou esse quarto! Está parecendo um chiqueiro!

- Eu tenho que estudar, mãe!

- Arruma e estuda depois! E diminui esse som!

- Música alta me ajuda a concentrar.

- Conversinha! Diminui esse barulho horroroso e arruma essa bagunça já!

- Mas tem muita coisa para arrumar, vai demorar e atrapalhar meus estudos! E você não quer que eu me dê mal na prova de Matemática, né?

- Espero que você se dê maravilhosamente bem nessa prova, porque três notas vermelhas no bimestre é demais para a minha cabeça! E você sabe o que vai acontecer se seu boletim vier com três notas vermelhas, não sabe?

- Sei - rosnou. - Vou entrar num castigo desumano, cruel, o pior castigo já dado a alguém desde que o mundo é mundo.

Luna levantou-se e, irritada, emburrada e cheia de má vontade, começou a arrumar a bagunça sob o mal-humorado olhar materno.

- Não tenho medo de cara feia, não, viu? Cara feia para mim é fome - disse sua mãe antes de sair do quarto.

Foi só ela bater a porta para a menina logo parar a encenação.

Luna - garota da Zona Sul viciada em fruta-do-conde e pingue-pongue e alucinada pela lua (Luna significa "lua" em italiano, e ela sempre adorou isso) - era apaixonada por seu quarto, mas nunca gostou de arrumá-lo. Costumava dizer que se entendia na sua bagunça. Seu quarto não era o quarto que se espera de uma menina de 13-quase-14 anos. Nada de rosa, nada de cortininha meiguinha, de coisinhas fofinhas e bonitinhas de pelúcia. Tudo lá era multicolorido e pintado à mão por ela, que, aos três anos, já mostrava aptidão para lidar com os pincéis.

As paredes eram decoradas pelas telas que pintava e o banquinho de madeira que ficava ao lado de sua cama também era "Lunamente" colorido, como ela gostava de dizer. Tudo tinha seu toque de artista: a cama, o armário, a caneca, até o teto... A adolescente adorava pintar o sete no quarto que não era quarto, era a Casa da Luna, como frisava a placa pintada por ela pendurada na porta. A porta, aliás, era cheia de luas. Crescentes, minguantes, cheias... De várias formas, cores e tamanhos.

Depois do jantar, por volta das oito e meia, ela conectou-se para um animadíssimo bate-papo virtual com Nina Dantas (sua melhor amiga número dois). O assunto era Lara Amaral. Como a Lara Amaral era uma equivocada, sem noção da vida, como a Lara Amaral era falsa e mentirosa, como a Lara Amaral era metida, como a Lara Amaral conseguiu ficar com o gato da escola e, por isso, ficou ainda mais metida, como a Lara Amaral parecia um pequinês subnutrido. Daí para as duas começarem a brincar de dar a Lara Amaral apelidos asquerosos foi um pulo, mas bem nessa hora sua mãe entrou no quarto sem bater, uma ofensa gigante para Luna.

- Eu vou desligar esse computador **agora** se você não arrumar esse quarto decentemente e estudar.

- Invasão de privacidade é crime! - chiou. - Eu estou fazendo a digestão, não dá para estudar de barriga cheia! Estou aproveitando esse tempo para ter uma conversa importantéééesima com a Nina, não tá vendo?

- Importantésima é a prova de amanhã. Você já terminou de estudar?

- Não... - disse Luna, cabisbaixa.

- Já arrumou o quarto?

- Não...

- Então desliga esse computador agora!

- Ainda não terminei com ela. Tô quase acabando, já desligo.

- Desliga agora, Luna. Eu estou mandando! Ou você quer que eu entre nessa conversa e deixe um recadinho para a Nina dizendo que você precisa desligar para levar uma bronca da mãe?

Luna engoliu a raiva, inventou uma desculpa para a amiga e desligou o computador.

- Você tem quase 14 anos, filha! Assim não dá! Eu tenho uma vida atribulada, não posso ser sua babá, ficar em cima o tempo todo para ver se você está fazendo as coisas direito. Você já é uma moça, quase uma adulta, precisa aprender a ter responsabilidade!

- Eu sou responsável!

- Não sei em que planeta! Faz tudo errado, está virando uma péssima aluna, ficou respondona, desobediente, agressiva... e agora deu pra brigar comigo, logo comigo! A gente sempre se deu tão bem!

- Mas você tá muito chata com essa pressão em cima de mim.

- Eu não estou chata, eu estou preocupada. Você quer repetir o ano? Ficar com os pirralhos em vez de ficar na mesma sala das suas amigas?

- Eu não vou repetir, depois eu recupero!

- Recupera agora, Luna! Quero ver você meter a cara nos livros **agora!**

- Tá - resignou-se a menina, tristonha.

- Mas antes arruma o quarto.

- Tá! - disse ela, agora emburrada.

Luna não arrumou, apenas dobrou umas roupas que estavam jogadas em cima da cômoda e deixou-as por lá mesmo. O livro de Matemática... bom, ela achou por bem estudar. Não queria ficar sem festa, sem cinema, sem praia, sem shopping, sem música, sem computador e sem televisão. Isso seria pééééssimo!

Passaram-se três horas. Sua mãe bateu à porta e entrou:

- Você não arrumou nada, Luna? Não é possível!

- Como não arrumei, mãe? Dobrei várias roupas que estão em cima da cômoda, não tá vendo? Que saco!

- Luna!

- Ah, é isso mesmo! O quarto é meu, a bagunça é minha, você não mora no meu quarto, mora? Sabe por que você se preocupa tanto com ele? Porque você é uma chata que não tem o que fazer da vida.

Silêncio. Silêncio desconfortável.

- Você era tão boa filha, Luna... tão boa filha... - desabafou sua mãe, quase chorando, saindo do quarto. - Onde foi que eu errei? Onde foi que eu errei?

Não era uma pergunta para ser respondida, Luna sabia. Sua mãe (que, diga-se de passagem, tinha, sim, o que fazer da vida, trabalhava numa agência de publicidade e era uma ótima profissional) saiu com a maior expressão de decepção e desgosto que ela já vira. Por sua causa.

Que chato. Chatão. A menina não queria magoar sua mãe, mas acabou sendo dura demais com ela. Assim que ficou sozinha de novo, sentiu-se culpada, incompetente, má filha, má aluna, má pessoa, irresponsável... tudo de ruim. E ainda tinha sido uma grossa com a pessoa que mais amava no mundo. Ficou triste à beça. E chorou baixinho. Baixinho e rapidinho, pois logo sentiu-se na obrigação de enxugar as lágrimas para voltar a estudar.

Lá pela meia-noite, as pálpebras pesaram e ela caiu no sono com o livro de Matemática no colo.

Entrar na vida das pessoas era a pior parte do trabalho para Tatu. Ela ficava sem jeito na hora de se apresentar, o primeiro contato sempre assustava, mesmo sem querer, e isso a deixava bem aborrecida. Naquele dia, depois de décadas e décadas de sono profundo no mundo das fadas, tinha uma missão: resolver mais um problema juvenil. Como de praxe, entrou em sonho na vida da pessoa escolhida, aquela que iria ajudá-la em sua incumbência na Terra.

Claro que a escolhida era Luna, que a essa altura sonhava com cálculos para a prova do dia seguinte, quando Tatu entrou no meio de uma equação, toda rebolativa. Como era exibida aquela fada!

"Oi, Luna, tudo bem? Muito prazer, eu sou a Tatu."

"Tatu? Fala sério! Que nome é esse?"

"Meu nome mesmo é Ortatulina, Tatu é apelido."

"Melhor. Mas por que Tatu? Tatu é um bicho tão feio..."

"É, mas eu sou uma fada linda, que entrou no seu sonho para te acordar."

"Fada? Eu não acredito em fada. E, na boa, não te acho nada linda."

"Mesmo assim, sua mal-educada, você precisa acordar Para ter uma conversa séria comigo."

"Eu não acredito em fada, portanto, não converso com fada."

"Nem em sonho?"

"Nem em sonho. Agora pode ir embora, por favor? Preciso dormir, tenho prova importante amanhã e você está atrapalhando meu sono. E meu sonho!"

"Você vai tirar sete, não vai ser mais uma nota vermelha no boletim. Pronto, dá para acordar agora?"

"Não! Como você é insistente! Vai embora!"

"'Vai embora?' Por isso que sua mãe te acha uma grossa!"

"Grossa? Grossa é você! Tchau!", gritou Luna, irritada.

"Que 'tchau', o quê? Eu não posso ir embora! Droga! Sempre esqueço o que o Livro das Fadas diz para fazer com gente que reage mal até nos sonhos... Como é mesmo? Sinsalabim... Bimbimbim! Não, não é nada disso! Coisa ridícula, sinsalabim bimbimbim! De onde eu tirei isso?"

"Ei! Pára de falar! Eu quero voltar a sonhar com números, estava bem melhor. Chispa daí!"

"Não posso chispar, já não disse? Você é a pessoa escolhida para me ajudar na minha missão, precisamos conversar urgentemente!"

"Eu não acredito que você ainda tá falando! Sai do meu sonho, me deixa dormir. Fadas não existem!"

"Existem, sim, sua malcriada! Olha eu aqui!"

"Ah, é? Então me belisca! Se você for de verdade, eu acordo e a gente conversa."

"Conversa tranqüilamente?"

"Tranqüilamente."

"Promete?"

"Prometo."

Tatu tascou-lhe um beliscão de respeito no braço (ela adorava essa parte, era comum os escolhidos pedirem para ser beliscados. Vai entender os humanos...). Luna acordou imediatamente e deu de cara com a fada, que tinha olhos cintilantes e empolgados e estava sentada toda empinada, de pernas cruzadas no canto da cama tamborilando os dedos no joelho. A menina assustou-se sinceramente. Resolveu coçar os olhos, para conferir se

aquele momento era mesmo real. E coçou muito, muito mesmo, chegaram a ficar vermelhos. Quando viu que aquela pessoa na sua frente era de verdade, não teve outra alternativa a não ser:

- Sai daqui agora senão eu vou gritar.

- Gritar não é conversar tranqüilamente. Você prometeu que a gente ia conversar tranqüilamente, não acredito que mentiu pra mim!

- Eu não sei o que é você, como você fez para entrar no meu sonho e para invadir a minha casa, mas eu vou gritar - avisou a adolescente.

E gritou, e gritou, e gritou.

E estranhou o maior silêncio que já ouvira na vida assim que seu fôlego acabou.

A fada não se abalou com os gritos e o nervosismo de Luna.

- Pode gritar mais, só não vai adiantar. Nem sua mãe, nem seu pai, nem ninguém do prédio vai acordar. Passei o dia inteiro jogando neles um pozinho sensacional, o mundo pode acabar que ninguém vai nem se mexer.

- Por que é que está acontecendo isso na véspera da prova de Matemática? Deve ser porque eu estudei muito e estou delirando. Tadinha de mim!, desesperou-se Luna, a essa altura andando pelo quarto em círculos.

- Como foi que você entrou aqui? Tá tudo trancado, meu pai sempre checa as fechaduras antes de dormir.

- Já viu fada precisar bater em porta, guria?

- Eu não acredito em fada! - exasperou-se Luna.

- Ai, como vocês, humanos, são chatos com isso de não acreditar! Como é que não acredita em fada se está falando com uma?

- Isso não pode ser verdade. Se você fosse fada mesmo, estaria com roupa de fada, branca, esvoaçante, linda, comprida... não com esse vestido amarelo-ovo rodado, de bolinhas pretas, essas luvinhas nada a ver, esse cabelinho armado e essa bolsa em forma de banana.

- Que fada é essa que você conhece que anda vestida desse jeito? Só se for uma fada antiga! Nossa, como você é desatualizada! Eu sou uma fada moderna, não está vendo?

- Você vai insistir nessa história ridícula? Se você é fada mesmo, cadê as asas? Hein? Hein?

- Que asas? Quem tem asa é anjo. E pombo. E eu não sou nada disso, eu sou uma fada. Fa-da!

- A Sininho tem asa!

A fada descontrolou-se seriamente:

- A Sininho do Peter Pan?! Ah! Faça-me o favor, menina, a Sininho é uma **personagem!** É ficção! **ELA** não existe. Eu não, eu existo, sou de verdade, tô aqui bem na sua frente, ó!

- Então me prova que é fada! Faz alguma... alguma... alguma coisa de fada aí!

- Entrar no seu sonho, depois no seu quarto, te dizer a nota de amanhã e fazer seus pais e todos os moradores dormirem profundamente é pouco para você? Eu não estou autorizada a ficar gastando meus poderes com os escolhidos, não, tá?

Luna ouviu a enxurrada de palavras e ficou ainda mais confusa. Tatu tinha realmente feito aquilo tudo, o que devia bastar para que acreditasse nela. Mas era difícil demais para a

menina acreditar na jovem serelepe de roupa esquisita que invadiu sua vida no meio da noite... Era tudo muito estranho, surreal, inacreditável.

- Eu não vejo você, eu não escuto você, você é fruto da minha imaginação, do meu cansaço, do meu estresse. Você não existe.

- Ô, Luna, assim você me magoa... - Fez beicinho a fada.

- Eu estou dormindo. Tenho a falsa sensação de que acordei, mas estou dormindo profundamente, tenho certeza!

Tatu levou as mãos à cabeça, dramática, olhou na direção do céu e exclamou:

- Aí, aí, aí, dá-me paciência, Fadona das Fadas!

- Fadona das Fadas? Vê se eu vou acreditar num ser que se chama Fadona das Fadas! Alou! Você é uma farsa! Ou então... já sei! Foi a Bia Baggio que te mandou aqui para ver se eu ainda estava chateada com ela, né?

- Imagina! Ela jamais faria isso! A Bia Baggio é fofa.

- Ah, então você é amiga dela?

- Não, apenas conheço a Bia Baggio e todos que fazem parte do seu universo. As fadas do departamento de pesquisa capricharam, sei tudo sobre você.

- Arrã, não vem com essa historínha de fada, não, por favor! Se você não veio aqui a mando da Bia, você é uma ladra muito da espertinha. Olha, não temos dinheiro nem jóia em casa. O que posso fazer por você é te dar alguns tíquetes-refeição e vales-transporte do meu pai. E só.

- Vale-transporte? Tíquete-refeição? Caramba, eu ia estar ferrada se quisesse te roubar, hein?

- Se você não é ladra, nem enviada da Bia Baggio, quem é você?

- Eu sou uma fada, garota! Fa-da! Além de teimosa você é surda?

- Fadas não existem!

- Ô, coisa chata... O tempo passa, mas isso nunca muda.

- Isso o quê?

- Essa descrença insuportável de vocês, humanos.

- O que é que eu posso fazer se não acredito em fadas?

- Ai, ai... quanto tempo você acha que leva, mais ou menos, para acreditar em mim, hein? Preciso arrumar alguma coisa para fazer enquanto você pensa, não quero ficar entediada.

- Eu nunca vou acreditar em você! Fada é uma entidade fantástica, que só existe nas histórias infantis, nos filmes e na imaginação.

- Boa essa definição! Só que eu não estou na sua imaginação. Eu estou no seu quarto. Quanto tempo você vai demorar para acreditar nisso?

- Já disse, não vou acreditar nunca!

- Xiiii... Vai ser demorado. Tem revista de fofoca? Adoro revista de fofoca! E preciso muuuito me atualizar. A Jovem Guarda ainda está na ativa?

- Você acha mesmo que eu conheço algum guarda? Nem jovem, nem velho, tô nem aí pra guardas! E não, aqui não tem revista de fofoca! Nós somos uma família culta! - exaltou-se Luna.

- Ai, que lástima!

- Escuta aqui, eu não vou me abalar com esse delírio, que é fruto do meu estresse diante da possibilidade de mais uma nota vermelha no boletim. Vou dormir e não me lembrarei de nada amanhã.

- Não achei que você fosse tão turrona, Luna! Ô, garota desconfiada! Só espero que não aconteça o que aconteceu com minha tia Efidélia. A coitada ficou **sete meses** sentada esperando a pessoa escolhida se convencer de que ela era fada de verdade. Vê se pode!

- Eu vou me deitar, estou delirando, isso só pode ser preocupação com a prova - disse Luna, agora sentada na cama.

- Já não falei que você vai tirar sete amanhã? Pra que se preocupar? Falando em prova, eu, se fosse você, nem pensaria em olhar para a da Clara, ela tá bem pior do que você na matéria.

Deitada, com a cabeça no travesseiro, Luna disse:

- Eu não estou mais te escutando. Eu estou dormindo. Sua voz está ficando longe... longe... - sussurrou, antes de fechar os olhos.

Silêncio se fez. Luna achou que tudo não passava de um sonho maluco como tantos outros. Claro que era sonho!, pensou. E estresse, pressão, preocupação com a prova, com sua relação com a mãe... Mas não era hora de pensar, era hora de dormir. Precisava acordar cedo amanhã. Relaxando aos poucos e sentindo as batidas do coração acalmarem, ela estava, aos poucos, entrando novamente no mundo do sono quando...

- Buuu! - fez Tatu, baixinho, agora sentada no banquinho Lunamente pintado, cara a cara com a menina, que se levantou num salto dando um berro mais agudo que berro de montanha-russa.

Ao levantar-se, Luna empurrou Tatu - que caiu de bunda no chão - e correu para a cozinha, apavorada, respiração ofegante, coração pulando, boca seca, estômago queimando. Chegando lá, bateu a porta com força e a trancou. Virou-se e deu de cara com um rosto familiar...

- Ainda bem que você correu pra cá! Ótima oportunidade para ver que eu sou fada mesmo e parar de desconfiança. Imagina se eu conseguiria estar aqui antes de você se não fosse fada? Ainda mais depois de ser brutalmente jogada no chão! -disse Tatu, sentada em cima da pia, comendo uma maçã. -Convenci agora?

Não, não tinha convencido. A menina ficou mais confusa. Quis voltar para o quarto, mas a porta da cozinha não abria de jeito nenhum. Nervosa, suando frio, mexendo repetida e forçosamente na chave para sair dali, Luna conversava consigo mesma, bem baixinho:

- Não entra em pânico. Não entra em pânico. Isso é uma alucinação.

- Você não vai conseguir sair, eu dei um sopro mágico para trancar a porta para a gente poder conversar direito e para você não fugir de mim de novo. Sentaííí!

- Pára! Você tá me assustando! Manhêêê! - gritou Luna, chorosa, socando repetidas vezes a porta da cozinha.

- Ela está dormindo profundamente! Menina desmemoriada, eu não disse que joguei nos seus pais o maravilhoso "O, sonho bom!"? Esse pozinho é ótimo! Infalível!

"Ô, sonho bom!" era o nome do pozinho. Pozinho de uma fada que se chamava Tatu. Era demais para a cabeça de uma menina de 13-quase-14 anos.

Luna caiu no berreiro.

Chorou, chorou e chorou. Ficou à beira de um ataque nervoso. A fada, por sua vez, não moveu uma palha com a choradeira. Deu uma mordida na maçã, duas, três, quatro. E devorou a fruta, sua preferida.

Sem alternativa, depois do choro calmante, a menina fez a pergunta que não queria calar, ainda soluçando:

- O que você quer de mim?

- Que você fique amiga da Lara Amaral.

- Como é que é?

- Você precisa ficar amiga da Lara Amaral. Por isso eu estou aqui. Porque me designaram para essa missão: resolver o problema da Lara, que vai acontecer logo, logo. Você precisa ajudar e, para isso, tem que ficar amiga dela. É, resumindo é isso, eu acho.

- Que mané Lara? O que é que eu tenho a ver com o problema da Lara? Tô nem aí para o problema da Lara! Como é que um problema da Lara é problema para deslocar uma fada de seus afazeres? Agora é que eu não acredito em você mess-sssmo! - disse Luna, antes de virar-se para a porta da cozinha e girar sua maçaneta. - Viu? Abri. Não foi nada seu sopro mágico que trancou, a porta tinha só emperrado, tá? Agora eu vou para o meu quarto, com licença!

Tatu foi atrás dela.

Qual não foi a surpresa da menina ao chegar à Casa da Luna. Ela estava arrumadíssima, limpíssíma, nem um farelo no chão, nem um CD fora da caixa, nenhuma roupa fora do armário. Um quarto como há muito tempo Luna não via.

- Como é que... O que... Como... Estava tudo tão... Como é que tudo agora está... Não é possí...

Luna ficou boquiaberta, estática, parada na porta, sem conseguir sequer entrar. Aquilo tinha sido um senhor choque. Seu quarto estava arrumado como jamais estivera antes! Mais arrumado que quarto de hotel!

Aos poucos foi caindo a ficha: aquela tagarela de roupa esquisita era mesmo uma fada. Caraca!

- Viu? Posso até assustar, mas também faço umas coisinhas bem bacaninhas de vez em quando, né? - brincou Tatu, entrando no quarto e sentando na cama. Ao ver Luna ainda boquiaberta e paralisada, disse: - Vem logo, a gente precisa conversar sobre o problema da Lara.

Vagarosamente, Luna entrou - ainda impressionada, olhos descrentes, boca escancarada. Sentou-se e não disse uma palavra, observando o quarto meio encantada, meio chocada.

- Luna? Luna! Lunaaaa! Ai, ai, ai... a fase do choque. Da constatação de que eu sou uma fada. Você acha que essa vai demorar muito? Porque, se for, você precisa me arrumar um livro, uma revista...

Silêncio. Luna estava assustada, confusa, com a cabeça embaralhada. Aquilo não podia estar acontecendo! Não com ela! Não na véspera da prova! E por que **ela** ajudaria a resolver um problema da **Lara?** Logo da Lara?

Finalmente decidiu falar:

- Achei que fadas tivessem mais o que fazer.

- Olha a agressividade, olha a má-criação! Fadas têm muito o que fazer. Eu, por exemplo, resolvo problemas de adolescentes! E, pelo que me adiantaram, o problema da Lara vai ser um problemão.

- A Lara é a mais popular da escola, é rica, é bonita, todo mundo queria ser igual a ela... Que problemão ela pode ter?

- Não sei, você acha que as fadas-mestras me contam tudo? Sei que o problema é sério e que ela vai precisar de você.

- De mim? Não sei pra quê... - desdenhou Luna, para logo perguntar, cabreira: - Taí, nunca achei que uma fada se preocuparia com uma adolescente...

Tatu baixou a cabeça, meio que com vergonha do que diria a seguir:

- Eu não exatamente me **preocupo** com adolescentes. Acho a maioria chatinha, vazia, arrogante e ruim de papo, mas cuidar de adolescentes é a minha função. Fazer o quê?

- Função?

- E, eu sou uma fada júnior, designada para resolver problemas juniores, de gente nova. É a única coisa que me deixam fazer. As fadas-mestras me acham muito desastrada e avoada para pegar uma missão importante, tipo ajudar nos Jogos Olímpicos, na Copa do Mundo, como tantas fadas por aí...

- Você não é nada avoada, fez vários truques ótimos aqui em casa!

- Truque quem faz é mágico, Luna. Eu sou fada, fa-da! Faço magia, alguns feitiços, umas poções... Mas eu realmente erro a mão de vez em quando, troco as palavras, os ingredientes... Tanto que minhas chefas já disseram na minha cara que eu sou a fada mais incompetente que já pisou no mundo das fadas.

- Que grossas!

- Isso porque você não conhece as fadas-mestras, elas é que não são fáceis! Já me rebaixaram três vezes a estagiária por causa de umas besteirinhas nas minhas últimas missões por aqui.

- Que besteirinhas?

- A última vez que errei um feitiço eu tentava fazer nascer cabelo num careca infeliz, pai de uma menina escolhida, assim, como você. Só que em vez de nascer cabelo na careca, nasceu na bun...

- Não!

- Pois é... As duas bandas pareciam um urso, coitado dele. A minha fada-chefa precisou descer para consertar a minha burrada. Depois me deu a maior bronca e me deixou com cara de bunda na frente de todas as minhas colegas.

- Imagino!

- Não, claro que não imagina! Não estou falando no sentido figurado, a fada-chefa transformou cada bochecha minha em uma minibunda! Minibunda!!! E o queixo também! Fiquei com a maior cara de bunda que o mundo das fadas já viu por oito anos. Virei uma fada bizarra, todos debochavam de mim e faziam piadinhas. Foi horrível.

- Oito anos?! Caraca! Ô, Tatu... estou ficando com peninha de você...

- Pode ficar. Eu também fico quando penso que uma fada júnior não tem as mordomias de uma fada supersênior.

- Fada supersênior?

- É! Tem as fadas seniores, que resolvem problemas de adultos, e as superseniores, designadas para ajudar muitos adultos de uma só vez ou adultos VIPs, tipo artistas, políticos, esportistas consagrados...

- Não é possível! Você só pode estar brincando!

- Que nada! Tem fadas que ajudam nas guerras, na Cruz Vermelha, que trabalham na Casa Branca, no Projac, com as celebridades em Hollywood...

- Pára! - pediu Luna, chocada.

- Ih, menina, nem te conto! A amiga da prima da vizinha da minha manicure é ex-clu-si-va do Brad Pitt, olha que empregão! Tem fada pra tudo: pra tomar conta dos surfistas de ondas gigantes no Havaí, pra auxiliar o pessoal que trabalha no turno da noite, pra ajudar bailarinas a superar seus limites... O sonho de muitas fadas, meu, inclusive, é virar uma fada supersênior.

- Sei. E enquanto isso não acontece, você vai ajudando a galera mais jovem.

- Isso. Eu rodo o mundo para ajudar os adolescentes a resolver seus problemas. Mas você já viu adolescente sem problema?

- Difícil... - concordou a menina. - Então você é um tipo de anjo da guarda?

- Não delira! Anjos da guarda protegem! Eu só resolvo problemas!

- Ah, tá...

- Pois é, minha vida é muito sobrecarregada, eu só trabalho, trabalho e trabalho, nunca tenho um tempo para mim, para o meu lazer... Há séculos não vou ao salão, não faço uma escova, uma limpeza de pele... Tudo bem, sei que posso fazer isso usando meus pozinhos sensacionais, mas salão é ótimo!

Relaxa, a gente põe a conversa em dia, fala mal das outras fadas, dos adolescentes... Tem muito adolescente problemático nesse mundo! Fico completamente sem tempo pra cuidar de mim, para me dar alegria. Nem malhar mais eu consigo. Minha carteirinha da Fada Fitness deve estar toda empoeirada. A minha vida é muito cansativa, Luna...

- Eu tô boba...

Completamente boba. Boba com a rapidez de Tatu com as palavras, boba com o fato de estar conversando com uma fada vaidosa, que fazia escova no cabelo e malhava numa academia chamada Fada Fitness. Luna estava boba. E curiosa:

- Me diz uma coisa, como é que vocês escolhem os problemas que vão ajudar a resolver? - rendeu-se à curiosidade.

- Eu não escolho nada, as fadas-mestras que escolhem. Elas ficam bisbilhotando a vida dos humanos e quando vêem uma coisa que vai ser bem complicada de resolver enviam fadinhas fofas como eu para se intrometer e ajudar.

- Que legal! Então você é uma espécie de fada madrinha?

- Que é isso, falta muuuuito para eu chegar lá! - ruborizou Tatu. - Se chegar! Só vira fada madrinha quem pode, não é para qualquer uma, não. Precisa de um currículo excelente, de anos e anos de provas dificílimas, indicações de fadas superseniores... sem contar que fadas madrinhas precisam ser inteligentes, disciplinadas, estudiosas e pacientes, o que eu não sou muito, sabe? Eu sou uma fada comum, podemos dizer que eu sou uma... fada-prima.

- Fada-prima, fada júnior, fada-mestra, Fadona das Fadas... tô amando isso tudo! - Riu Luna.

- Não é tão bom, assim... Eu bem que queria fazer uma coisa mais adulta, trabalhar menos, ganhar mais e aproveitar mais a vida, sabe? Mas para isso eu preciso resolver muitas questões juvenis antes.

- Entendo. Mas um dia você chega lá, você vai ver!

- Eu sei, por isso eu estou aqui, por isso eu preciso da sua ajuda.

- Não estou entendendo, eu preciso te ajudar ou ajudar a Lara?

- Ajudar a Lara vai me ajudar, porque assim eu sei que o problema dela vai ser resolvido.

- Continuo sem entender.

- Se você não se aproximar da Lara, eu não vou conseguir resolver o problema dela, ou seja, não vou voltar para o mundo das fadas com minha missão cumprida. Aí as fadas-mestras vão me botar de castigo de novo por não sei quantos anos e eu não vou ser promovida tão cedo.

- Anos? Isso é que é castigo!

- E eu não sei? Eu não mereço ser castigada desse jeito! Quero flanar pelo mundo, ver gente, ajudar as pessoas, levar felicidade para as pessoas!

A fadinha falava sem parar, era cativante, espevitada, agitada, animada, gesticulava muito. Era uma figura divertida. Luna pensou, pensou, pensou... E resolveu:

- Eu vou te ajudar, Tatu! Fica tranqüila. Se depender de mim, você não vai ficar de castigo dessa vez!

- Oba! Gostei de você, Luna! Você é uma brasa, mora?

- Que brasa? Mora onde?

- Uma brasa, mora! Isso é uma gíria, ué. Não se usa mais? A última vez em que eu estive aqui "mora" era supimpa!

- Supimpa? Quando foi que você esteve aqui, hein? - quis saber Luna, achando graça daquela fada divertida, de voz fina e olhos acesos.

- 1965.

- 1965? Nossa, muita coisa mudou!

- Imagino!

- E o que você fez desde 1965 que não veio pra cá?

- Eu dormi.

- Dormiu?!

- É. Foi esse o meu último castigo. Ai, nem sei se estava autorizada a falar sobre isso... Ah, agora já era!

- Não acredito que as fadas são carrascas assim! Te deixam com cara de bunda por oito anos e depois te fazem dormir por 42! Caraca!

- Elas não são tão carrascas, têm mesmo que nos castigar quando não fazemos a coisa certa! Imagina sua turma sem professor.

- Ia ser uma eterna zona.

- Pois é! As fadas-mestras são rigorosas, mas muitas vezes ficam com pena e dão castigos brandos para a gente. Eu, por exemplo, estou ficando acostumada a dormir anos a fio. É só cometer um errinho que, pimba!, lá estou eu roncando.

- Isso é um castigo **brando?** E eu reclamando do castigo da minha mãe... que absurdo!

- O que você ia preferir, passar 150 anos acordada rodando num labirinto sem saída ou dormir por 42?

- Dormir por 42... eu acho... - respondeu Luna, chocada.

- Claro! Foi o que escolhi!

Caraca! Mil vezes caraca! Era muita informação! Era muita viagem!

Tudo bem que Luna nunca fora muito ligada em fadas, era mais em bruxas, mas aquilo não se parecia com nada do que já tinha lido nas revistas, nos livros...

Tatu era fada nova, júnior, como ela mesma explicou. Não aparentava ter mais de 20 anos. Na sua idade, muitas fadas já ocupavam postos importantes, com funções de relevância mundial, inclusive. Ela, Novelita, Sofrosine e Lozilá eram as únicas que ainda não tinham passado para a área sênior.

A fadinha sempre esteve mais interessada em usar seus poderes para pregar peça nas amigas e xeretar conversas alheias. Não era muito de estudar, não fazia as lições de casa... Gostava mesmo de brincar, de se divertir, jogar bola e dançar por qualquer pretexto.

Cabelos castanhos na altura do ombro, impecavelmente arrumados e lisos, presos por uma faixa rosa, olhos maquiados com delineador *à la* "gatinha" e um sapato alto verde-abacate que não combinava em nada com o vestido amarelo-ovo de bolinhas pretas, Tatu parecia ter saído da figuração de *Grease -nos tempos da brilhantina.*

Aos poucos, mesmo que com milhões de pontos de interrogação na cabeça, Luna se entregava à verdade que para ela seria a maior mentira do mundo duas horas antes: ela estava conversando com uma fada. E não era qualquer fada! Era uma que tinha passado 40 anos dormindo.

- Quarenta anos... Caraca! É muito tempo! - abismou-se a menina.

- Não no mundo das fadas, tolinha... Mas é chaaaato...

Luna riu da espontaneidade da fadinha. E resolveu ser sincera com ela:

- A Lara me odeia! Eu odeio a Lara!

- Ah, tadinha! Por quê?

- Porque ela contou para a Letícia, que contou para a Samanta, que contou para a Bia, que contou pra mim que nunca ia ser minha amiga. Só porque ela acha que Luna & Lara parece nome de dupla sertaneja e, pra ela, dupla sertaneja é a coisa mais brega do mundo. Olha que ridícula! Nem me conhece, mas fala que eu não sirvo pra ser amiga dela! E por esse motivo bizarro! Alou!

- Não fica assim, vai! Respira, conta até 20...

- Vou ter que contar até 20 mil para engolir aquela ali, viu? Ela se acha muito para o meu gosto. Toda metidinha, vive com o nariz em pé. Os país também são metidos, esnobes, o pai é um médico conhecido, dizem que ele tem vários quadros famosos em casa. Parece que tem mais quadro que parede na cobertura onde eles moram, em Ipanema.

- Entendi. Típica "família pum".

- Como é que é?

- Família que se acha tão acima de tudo e de todos que pensa que tem o pum cheiroso.

A menina riu. E continuou enumerando os motivos pelos quais ela não ia com a cara de Lara Amaral.

- Ela tem umas amigas inacreditáveis, que me odeiam.

- Por que elas te odeiam?

- Sei lá! Nunca fiz nada pra elas. Não entendo por que eu tenho que me meter nessa história se ela tem váááarias amigas, todas patricinhas que nem ela.

- Patricinhas? O que é isso? Um grupo de anãs chamadas Patrícia?

- Não! Patricinha é como a gente chama uma menina fresquinha, rosinha, ligada em grife, em jóias, em futilidade, que faz escova progressiva...

- Faz o quê?

- Uma parada aí pra alisar o cabelo.

- O que é parada?

- Esquece.

- Não, fala mais das patricinhas! - pediu Tatu.

- Ah... Elas compram feito doidas, andam com motorista, só pensam na aparência, apesar de pirralhas andam maquiadésimas... essas coisas. E eu sou o oposto disso. Ando de saião, às vezes saio de tênis trocado, não penteio o cabelo, não uso nem rímel, nem blush, odeio gloss, acho que todo mundo fica com cara de boca babada, não uso salto alto porque gosto de ser baixinha, ando de busum...

- Busum?

- Ônibus.

- Ah, tá. E gloss?

- Um tipo de batom.

- Entendido.

- Também *tô* nem aí para marca famosa, acho a Louis Vuitton brega, não ando vestida como todo mundo, não uso boné famosinho só porque é famosinho, pintei meu quarto do jeito que eu queria sem seguir moda nenhuma, gosto de preto mas também de rosa, verde, vermelho e amarelo... Eu sou eu! *Tô* nem aí para a opinião das pessoas, tô nem aí se minha camiseta tá furada, contanto que esteja confortável!

- Olha aí! Bravo! - Aplaudiu Tatu. - Deve ter sido por isso que te escolheram. Gostaram do seu estilo, do seu quarto, do seu modo de ver a vida. Tenho certeza de que você é a pessoa ideal para ajudar a Lara e para me ajudar.

- Sério? Não é possível que as fadas-mestras tenham me escolhido só por isso!

- Por isso e para eu te convencer a cortar um pouquinho esse cabelo, tá muito comprido, ressecado, cheio de ponta dupla.

Luna riu. E acabou dizendo à fada:

- Tá bom, pode contar comigo.

- Que maravilha! Então começa amanhã cedo a se aproximar da Lara, hein? Não temos muito tempo, o problema vai estourar já, já.

- Beleza. Boa-noite.

- Boa-noite.

Depois de alguns segundos de reflexão, Luna pediu:

- Tatu, será que daria para você dar uma pequena bagunçada no quarto? Bagunça pequenininha. Minha mãe ia desconfiar de alguma coisa se visse esse quarto tão arrumado.

- *Xá* comigo!

- Brigada. Vem cá, onde é que você vai dormir?

- Dormir? Você acha mesmo que eu vou dormir? Eu dormi 40 anos, menina! O que eu menos quero fazer é dormir!

- Ah, é. Esqueci, desculpa. - Riu Luna, dando um bocejo gostoso.

- Não se preocupe comigo. Amanhã de manhã a gente se vê.

- Tá... - murmurou a menina, já quase entrando no mundo dos sonhos.

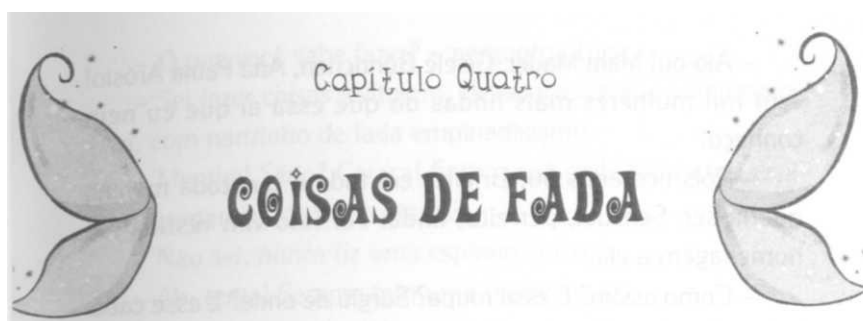
Tatu não resistiu e, antes que a escolhida entrasse num sono profundo, quis saber:

- Você ainda está achando que isso é sonho?

- Não. E espero que não seja, porque agora estou achando TDB essa história. Muito perfeita!

- TDB?

- Amanhã te explico, Tatu. Boa-noite!

Com a cabeça no travesseiro, prestes a cair no sono, Luna pensou: Não sei o que é isso, no que vai dar e por que está acontecendo comigo. Mas que vai ser divertido, ah, vai!

No dia seguinte, Luna acordou com o despertador. Abriu os olhos e logo procurou a fada pelo quarto. Um escondido cantinho de sua mente acreditava que tudo não passara de um sonho, mas seus olhos logo viram o que procuravam: Tatu, que se olhava no espelho e penteava as madeixas lentamente.

A menina deu um sorriso sincero quando viu que a fadinha continuava por perto.

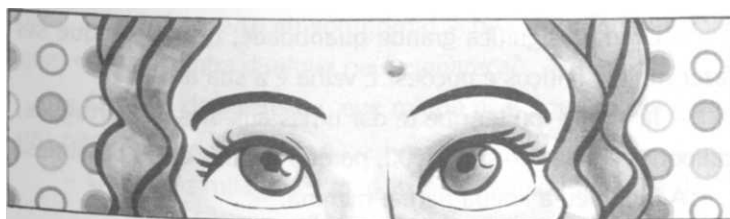
- Bom-dia, Tatu.

- Bom-dia, Luna.

- Que roupa é essa? Que cabelo é esse? - assustou-se a menina, ao ver a fada loura, em vez de morena como na noite anterior, com um coque bem armado e franjinha, e um macacão rosa-choque bem diferente do vestido da noite anterior.

- Vim de Brigitte Bardot.

- De quem?

- De Brigitte, musa do cinema francês, a mulher mais linda do mundo!

- Alô-ou! Malu Mader, Gisele Bündchen, Ana Paula Arósio! Tem mil mulheres mais lindas do que essa aí que eu nem conheço!

- Pois nos anos 60, Brigitte era tudo o que toda menina queria ser. Sensual, perfeita, linda. Por isso vim vestida em homenagem a ela.

- Como assim? E essa roupa? Surgiu de onde? E esse cabelo louro?

- É só imaginar que roupa eu quero e, pimba!, estou vestida com ela. Quanto ao cabelo, quando quero um resultado mais sofisticado vou ao Fada's Coiffeur. Lá eles pintam nossas madeixas num estalar de dedos.

- Que inveja!

- É, fadas são invejáveis, mesmo. Nós somos um espetáculo - gabou-se Tatu.

- Você não compra roupa, então. Nunca.

- Não, eu copio mentalmente os modelos das vitrines, faço umas adaptações e, pimba!, visto.

- Uau! Isso é um tipo de magia?

- É.

- Você sabe fazer muitas magias?

- Claro! Eu sou uma fada. Fa-da!

- O que mais você sabe fazer?

- Uma pá de coisas.

- Uma pá? De que baú empoeirado você tira essas expressões, hein? Parece uma velha falando!

- Uma pá significa grande quantidade, quer dizer que sei fazer muitos feitiços e poções. E velha é a sua avó!

- Já vi que vou ter que te dar umas aulinhas de português, carioquês e gírias do século XXI, porque as suas estão péssimas!

A fada deu a língua para a menina.

- O que você sabe fazer? - perguntou Luna.

- Sei fazer coisas levitarem, desaparecerem... - enumerou Tatu, com narizinho de fada empinadíssimo.

- Mentira! Sério? Caraca! Então você pode fazer essa espinha desaparecer da minha testa?

- Não sei, nunca fiz uma espinha sumir.

- Ah, tenta! Sempre tem uma primeira vez.

- Hum... não sei... acho que não estou liberada para exercer esse tipo de poder com você...

- Por favor!

- E se eu errar e fizer desaparecer suas sobrancelhas também?

- Você não vai fazer isso... eu confio em você.

- Confia? Mesmo? - disse Tatu, toda alegrinha.

- Claro que confio! Agora vai, tira esse treco da minha cara. Hoje tem festa e eu não posso ir com esse chifre medonho no meio da fuça! Por favor, fadinha, lindinha, amadinha, tira da minha cara essa espinha!

- Fadinha? Você me chamou de fadinha? E ainda rimou com espinha? Que lindooo! Aaaamo quando me chamam de fadinha! Adoro diminutivo! - A fada bateu palminhas enquanto dava pulinhos.

- Então faz uma magiazinha!

- "Magiazinha" foi péssimo! Péééssimo! Magiazinha quem faz é fada incompetentinha. Sei que as fadas-mestras me acham incompetentona, mas eu sou boa de magia. Quero dizer... quando acerto eu sou ótima! - brincou a fada. - Você quer que a espinha diminua ou desapareça?

- Que ela desapareça e que minha pele fique macia como um pêssego.

- Quem faz milagre é santo, Luna. E eu sou fada. Fa-da!

- Tá bom, tá bom. Faz o melhor que você conseguir, então. Tatu fechou os olhos, baixou a cabeça, deu uma respirada

profunda e começou a mexer os braços como se quisesse dançar uma música árabe.

- Simsalamiiii! Pastramiiii, abacaxiiii, piuííí! Sopro mágico tira esse chifre daí! - ela cantarolou, assoprando a testa de Luna. - Acho que você vai gostar do resultado.

A menina, mesmo cabreira com os versos amalucados entoados por Tatu, foi correndo para o banheiro checar se aquela fada era boa mesmo.

E era!

De frente para o espelho, ela deu um u-hu histérico e voltou correndo para o quarto, aos pulos, para dar em Tatu um abraço esmagadaço.

- Adoro você, fadinha! Adoro! Muito obrigada - Luna disse, apertando e bitocando a bochecha da nova amiga.

- De nada! Mas só fiz isso porque você está me ajudando, hein? Não acostuma, não.

- Puxa, logo agora que eu ia perguntar o que mais você poderia fazer por mim...

- Muitas coisas. Poderia, por exemplo, jogar no seu computador o pozinho "Ô, Internet rápida!" e melhorar essa sua conexão lentíssima.

- Jura? - chocou-se Luna, incrédula. - Que coisa moderna!

- Ih, minha filha! Você acha que fada é atrasada, é? Tolinha, está mais por fora que umbigo de vedete!

- Quê?

- Tá por fora, não sabe de nada!

- Ah, tá... - Luna riu.

- Nós temos uma tecnologia super-hiper-megaavançada. Somos ultramodernas. O nosso portal, fff.fadas.fa.das, é super-lindo, supervisitado e com mil serviços para os usuários.

- Tô chocada...

- Isso sem mencionar o "Ô, iPod porreta!".

- Que é que é isso?

- É um pozinho para recarregamento instantâneo de iPods, ué. Uma maravilha.

- Sério? Ah, então acelera a minha conexão e joga esse pozinho no meu iPod aê! Por favor!

- Não, não, por hoje chega. Fazer magia cansa a minha beleza... - Ela bancou a esnobe. - Agora vai tomar banho, quanto mais cedo você chegar ao colégio, mais tempo vai ter para se aproximar da Lara.

- Tá bom.

Depois de um banho rápido, que teve direito a cantoria desafinada de Tatu do lado de fora (ela entoou sucessos da Jovem Guarda), Luna botou um tipo diferente de argola em cada orelha (sem querer, claro) e correu para a cozinha para pegar seu café-da-manhã: uma fruta-do-conde que levaria para comer no caminho. Os caroços seriam devidamente cuspidos num saquinho plástico que ela jamais esquecia. Achava um nojo gente que suja as ruas. Procurou a fada pela casa, mas não a achou.

- Tatu! Tatuuuu!

E nada de Tatu. Luna resolveu ir para não se atrasar. Quando abriu a porta de casa, surpresa:

- Tatu? O que você está fazendo aí?

- Estou te esperando. Como você demora para sair de casa!

- É, meu pai sempre reclama disso. Por que você está parada na porta do elevador, posso saber?

- Vou com você para o colégio.

- Tá maluca? Não vão deixar você entrar no colégio nunca, ainda mais com essa roupa que você tá usando.

- Luna, menina! Ninguém vai ver essa roupa! Ninguém, além de você, vai me ver ou me ouvir.

A menina levou um susto:

- Fala sério!

- Estou falando, seriíssimo!

- Só eu vou te ver?

- Isso mesmo.

- Só eu vou te ouvir?

- Isso mesmo.

- Que tudo! Parece filme!

- Mas não é, é vida real. Por isso, é melhor não comentar sobre mim nem em casa, nem na escola, nem no futebol.

- Como você sabe que eu faço aula de futebol?

- Eu sei muito mais sobre você do que você imagina, tolinha... - implicou Tatu. - Então já sabe: bico fechado!

- Claro que eu vou ficar de bico fechado. La todo mundo me achar doida se eu falasse qualquer coisa sobre você!

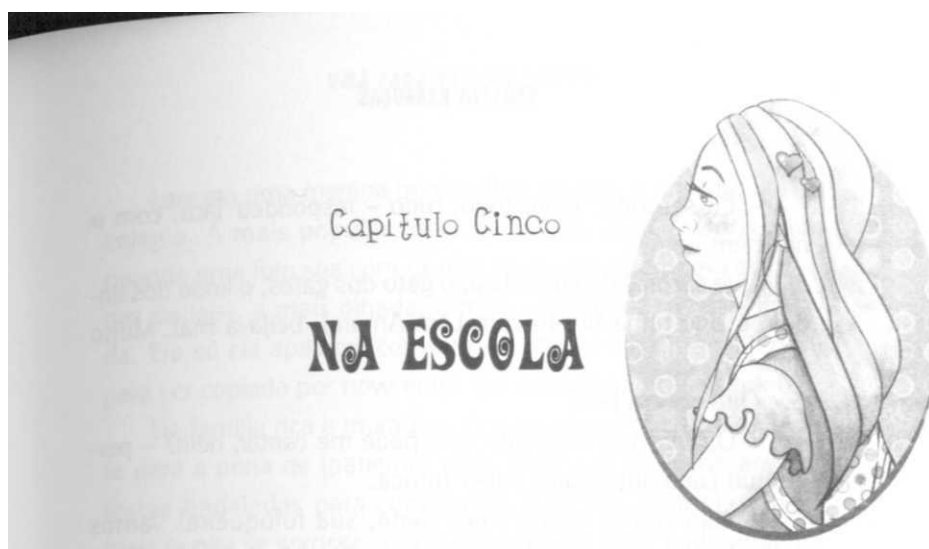
- Cuidado quando estivermos em lugares públicos. Quando quiser falar comigo, só se for bem baixinho e disfarçadamente. Ou então no banheiro. As meninas ainda fofocam no banheiro, né?

- Muito!

- Sabia que isso não mudaria nem em 40, nem em 80 anos!

- Tatu, você bem que podia me ensinar a fazer poções mágicas, a aprender a tocar tamborim em um dia, a conquistar os gatinhos, a enrolar melhor os professores...

- Aí é querer demais! Já tirei aquela pipoca horrorosa da sua cara, tá bom, né? Se a Fadona das Fadas descobre que usei meus poderes para isso, eu tô frita! - disse Tatu, antes de entrar no elevador.

E as duas deixaram o prédio de Luna às sete da matina, alegres, empolgadas, sorridentes e tagarelas, como velhas amigas.

No ônibus, Luna murmurou para sua colega de poltrona:

- Olha, essa história de correr o risco de ser a culpada por mais 40 anos de sono ou outro castigo terrível foi essencial para eu te ajudar, viu? Porque eu odeio a Lara! Odeio!

- Odeia só por causa do Pedro Maia.

- Não, mesmo, eu odiava a Lara muito antes do Pedro Mai... Espera aí! Como é que você sabe do Pedro Maia?

- Eu sei muitas coisas, muitas coisas sobre você - disse, enigmática.

Luna olhou para Tatu desconfiada. E explicou:

- Eu não odeio a Lara por causa do Pedro Maia. O Pedro Maia só aumentou o meu ódio por ela. Pô, como assim ele ficou com ela? Que inveja!

- Não fique com inveja, você deveria ficar com pena dela.

- Pena? Ela ficou com o maior gato da escola!

- Ele beija mal. Pavoroso o beijo do Pedro Maia, pronto, falei.

- Quê?

- Pelo menos foi o que ela contou para uma amiga do inglês.

- Como é que você sabe uma coisa dessas?

- Eu sei tudo. Tudo, tudo, tudo - respondeu Tatu, com o nariz em pé.

Que surpresa! Pedro Maia, o gato dos gatos, o lindo dos lindos, o que tinha ficado com Lara Amaral, beijava mal. Muito mal.

Que notícia boa!

- O que mais você sabe que pode me contar, heín? - perguntou Luna, louca para saber futrica.

- Não vou te contar mais nada, sua fofoqueira! Vamos parar de falar porque já tem umas pessoas olhando pra cá e te achando maluca, e não é esse o objetivo da minha missão.

Na frente da escola, enquanto Luna saltava do ônibus, Lara descia de seu carrão com motorista.

- Que maravilha! Chegaram juntas! Vai lá falar com ela!

- Já? - reclamou Luna.

- Claro! Estamos correndo contra o tempo, o problema vai estourar a qualquer momento!

- A qualquer momento quando? Daqui a dez minutos, dez horas? Eu tenho o direito de saber, já que vou ser obrigada a ajudar!

- Não sei! As fadas-mestras não são de dar detalhes! Elas gostam que as fadas juniores estejam sempre alertas, preparadas para tudo.

- Chatas essas fadas - rosnou Luna. - Como é que eu faço para falar com essa garota?

- Chega perto e puxa conversa, ué. Vai, vai.

A fada deu um empurrãozinho leve em Luna, que andou emburrada na direção de Lara.

- Tira esse bico! Ninguém vai querer ficar sua amiga com esse bico! Ai, ai, ai! - gritou a fada, de longe. Não queria se aproximar, para não constranger mais ainda sua escolhida.

Lara era uma menina bonita. Para muitos, a mais bonita do colégio. A mais popular (mas não só na escola. De vez em quando uma foto sua com os pais ou a irmã estampava as colunas sociais), a mais olhada, a mais comentada, a mais imitada. Era só ela aparecer com um casaco ou uma mochila nova para ser copiada por nove entre dez meninas no dia seguinte.

De família rica e moradora de uma megacobertura de frente para a praia de Ipanema, onde seus país costumavam dar festas badaladas para convidados famosos, Lara seria bem mais bonita se sorrisse. Tinha um olhar de tédio nada atraente e parecia gostar apenas de si mesma. 0 que mais chamava a atenção era seu cabelo louro, longo, brilhante e sempre impecavelmente escovado. Tão bonito que gerara o boato de que ela tinha um cabeleireiro exclusivo, que ia a sua casa diariamente às seis da manhã, só para deixar suas madeixas bem lisas para a escola.

- Oi. - Luna fez contato.

Lara olhou para ela com desdém, deu um meio sorriso forçado seguido de um desinteressado levantar de sobrancelhas e seguiu em frente, cara de desprezo total.

Que raiva! Garota metida! Garota insuportável, pensou Luna.

- Metida, mas você não pode nem cogitar desistir! - disse a fada, aparecendo ao lado de uma Luna absolutamente boquiaberta. - Sim, eu leio pensamentos! Sim, você ainda precisa ficar amiga dela. Puxa um assunto bacana. Elogia a mochila. Anda!

Mesmo atônita com todas as informações, Luna obedeceu à fada, apressou o passo e disse, meio sem pensar:

- Linda a sua mochila...

Por dentro, mastigava, bem irritada, a idéia de ter um ser fantástico invadindo seu pensamento. Fada mais enxerida!

- Linda? Eca! Já não agüento mais olhar para essa mochila, estou há mais de três meses com ela. Minha irmã vai voltar de viagem semana que vem com uma nova e muito mais bonita pra mim.

Grossaaaaa! Vacaaaa!

- Pára de xingar e puxa mais assunto! Fala do tempo! Falar do tempo é ótimo!

Mesmo muito, muito irritada com a nova intromissão de Tatu, Luna continuou:

- Parece que vai chover, né?

- O céu tá azulzinho e sem nenhuma nuvem, Luna, como assim? O que é que está acontecendo, hein?

- Nada, ué, fiquei a fim de falar com você, só isso.

- Coisa estranha, você nunca fala comigo! Já sei, está se aproximando por causa do Pedro Maia! Acha que perto de mim pode acabar conquistando o meu lindo, né? Pois fique sabendo que eu e o Pedro Maia somos ficantes, perca as esperanças. Agora desgruda, vai! Desinfeta! - disse a riquinha, antes de deixar Luna no vácuo e seguir com o passo apressado rumo à sala de aula.

"Tatu! Vamos para o banheiro! AGORA!", ordenou Luna mentalmente para a fada.

Ao chegar lá, checou se estava vazio antes de soltar o verbo:

- Eu odeio a Lara Amaral! Odeeeeeio! Tô fora dessa missão! Forésima!

Oooops! Esse retrocesso não estava nos planos de Tatu. Ela fez sua melhor cara apavorada:

- Não, você não pode fazer isso comigo! Vão me dar um castigo mil vezes pior do que dormir por 40 anos!

- Tô nem aí! Nem te conheço direito! E não gostei nada dessa história de você ler meus pensamentos! Pensamento é muito particular! Quem é que deixou você entrar no meu pensamento? Fada mais intrometida! - desabafou Luna, bem zangada.

- Eu não vou entrar sempre no seu pensamento...

- Eu gostaria que você não entrasse **nunca.** É horrível ter o pensamento vigiado.

- Desculpe, prometo que só vou entrar na sua cabeça quando o seu pensamento for relacionado a mim. Aliás, enxerida é a vovozinha!

- Que vovozinha? Ai, que fada antiga me mandaram! Tatu, mil desculpas, mas eu não estou pronta pra ter gente entrando na minha cabeça e lendo meus pensamentos, não estou pronta pra virar amiga da ridícula da Lara Amaral, não estou pronta pra ser gente boa com a Lara Amaral, não estou pronta pra viver essa experiência.

- Mas a Lara Amaral não é do mal... Ela é legal, uma menina que lê jornal, que gosta de sal e de luau e que come bacalhau na noite de Natal!

- Quê?! - perguntou Luna, irritada e sem entender nada.

- Foi só pra rimar e ficar bonitinho. E pra você rir e ficar menos brava.

- Eu não estou brava. E não achei a menor graça na rima. Estou decidida, pode escolher outra menina pra te ajudar.

O-ooou...

- Não posso, **você** é a escolhida!

- **Era!** Escolhe outra!

- Não posso!

- Claro que pode!

- Não posso! É contra as regras, e elas são claríssimas.

- Que regras?

- Depois que o escolhido aceita ajudar não pode voltar atrás! Jamais!

- Ããã?

- Xiii... te contei não, foi?

- Não!!!!!!!!!!!!!!!!!! - Luna aumentou o tom de voz, com mil exclamações.

- Mas é assim, menina!

- Não é possível!

- É sim! Está no artigo terceiro, parágrafo segundo do manual das fadas do meu departamento!

- Você não me falou nada disso! Aposto que inventou agora, não existe manual nenhum! Nem regra nenhuma!

- Ô, Luna! Não foi por mal, eu esqueço as coisas! Eu sou muito esquecida... Vivo errando essa questão nas provas, já repeti o ano por causa dela! Eu NUNCA posso me esquecer de falar para os escolhidos as regras da missão. Nunca! - disse a fada, dando tapas seguidos na sua própria testa.

- Além de antiga você é repetente, Tatu?

- E avoada, e distraída, e incompetente... - Entristeceu-se. - Se você desistir de me ajudar, a missão não vai ter sido cumprida, vão me punir e eu ainda vou ficar mais um ano inteiro sem ir à Fadísney...

- Fadisney?

- A Disney das fadas. É tão legal lá... - disse ela, cabisbaixa, tristinha mesmo. - Queria ter ido quando fiz 600 anos, que é a idade com que a maioria das fadas costuma ir à Fadisney.

- Você já fez 600 anos?

- Eu tenho 857 anos, sou uma fada superjovem, tá?

- E superconservada! - brincou Luna, descontraindo um pouco.

- Eu sei, eu estou ótima. Por isso não quero mais ser castigada, quero aproveitar a vida, estou no auge dela. O meu próximo castigo vai ser bem pior do que dormir 40 anos, tenho certeza. As fadas-mestras sabem ser cruéis com as reincidentes.

Golpe baixo! Aqueles argumentos eram imbatíveis!

Luna bem que queria ajudar, mas que missão mais complicada essa fada fora lhe arranjar! Por que ela? Por quê? Não podia ser apenas por causa de seu quarto maluco e de seu jeito descompromissado de encarar a vida.

- Por que eu?

- Por que não você?

- Porque mil pessoas nessa escola adorariam ajudar a Lara a superar um problema.

- Mas é você que vai fazer isso.

- Por quê?

- Porque sim!

- 'Porque sim' não é resposta!

- Que bobagem, 'porque sim' é uma excelente resposta!

- É péssima!

- Ô, Luna, acredita em mim, você não foi escolhida à toa. A Lara vai precisar ter você por perto quando a bomba dela estourar. Só quando isso acontecer é que você vai entender por que foi a escolhida.

- Você disse bomba? Uma bomba é maior do que um problema! Bem maior! Você sabe o que vai acontecer com a Lara e está escondendo o jogo!

- Eu não tenho idéia de qual é o problema da Lara, só sei que vai ter o efeito de uma bomba na vida dela. Mas se soubesse mais eu não poderia te dizer, realmente não estou autorizada a falar essas coisas para os escolhidos.

- Olha, Tatu, quer saber? Essa história de fada, de missão... tava legal até agora, mas de repente ficou muito chata, muito complicada. Você é gente boa, fada legal, divertida, mas eu não vou conseguir te ajudar... E, principalmente, não vou conseguir ajudar a Lara...

- Só você vai poder ajudar a Lara, Luna. Só você - disse Tatu, misteriosa. - Ela não é o monstro que você pensa.

- Ela é pior! E me irrita ter uma galerinha que puxa o saco dela só porque ela é rica, me irrita o ar superior que ela tem, me irrita ela tripudiar nos alunos nerds, me irrita ela usar maquiagem às sete horas da manhã, tudo na Lara me irrita profundamente. Eu nunca vou conseguir ficar amiga dela! Ela me deu três esnobadas em menos de dois minutos!

- Você que não soube puxar assunto direito. A gente devia ter ensaiado... Tenta de novo no recreio.

- Não quero.

- Por favor! Por favorrrrr!

A fada pôs-se a chorar. Chorar lágrimas esquisitas, meio cintilantes. Luna ficou com pena.

- Não chora! - pediu.

E pensou, pensou, pensou. E arriscou:

- Tá bom...

- Obaaaaa!!!! Obrigadinha, Luninha!

- Mas será que eu não poderia tirar 8,5 em vez de sete na prova? Só para a minha mãe me achar boa filha e boa aluna de novo?

- Já não falei que não faço milagre?

- Por favor!

- Já tirei sua espinha! Você está ficando muito folgada!

- Por favor! Prometo que não peço mais nada. E vou te ajudar com muito mais gosto! - disse Luna, rindo.

- Tá bom, pensarei no seu caso. Agora vai, você está atrasada!

A fada, boazinha que só ela, pensou no caso com carinho e decidiu ajudar. No momento da correção das questões, ela jogou no professor o pozinho "Ô, mestre bacana!", popularmente conhecido como "pozinho aumenta-nota". Na semana seguinte, Luna descobriria que tirara 8,5 na prova, a mais alta nota em Matemática em toda a sua trajetória escolar.

No recreio, Luna tentou se aproximar de Lara novamente, mas dessa vez teve de passar pelo interrogatório de Nina Dantas.

- Por que você quer ir falar com a pequinês subnutrida?

- Hum... Sei lá, acordei com vontade de puxar papo com ela.

- Irc! Écati! Bléééégou!

- Não faz assim, Nina! Alguma coisa me diz que ela não é o monstro que a gente pensa...

Nina achou que a amiga apresentava sérios sinais de insanidade, mas a fada ficou feliz à beça com a frase de sua escolhida. Agora, ela estava certa de que tudo voltaria a correr na mais santa paz, como deveria ser. Luna estava mais calma, mais ciente de sua missão, mais disposta a falar de novo com Lara, que lanchava tranqüilamente com Gisele, Daniele e Juliane, suas amigas rosinhas, riquinhas e metidinhas.

Luna se aproximou do quarteto antipático.

- Oi, Lara!

- Você de novo? Estou achando que você está apaixonada **por mim,** não pelo Pedro Maia!

Rosinhas riquinhas riram insuportavelmente alto. Riram muito. Rarrarrá pra lá, rarrarrá pra cá. Um rarrarrá interminável. Luna ficou bem, beeeem irritada.

- O que você quer agora, hein? - quis saber Lara.

- Quero dizer que eu te desculpo.

- Quê? - espantou-se Lara.

- Quê?! - gritou a fada, mais espantada ainda, e um pouco brava também.

- Pelos foras que você me deu mais cedo, quando eu fui falar com você, lembra?

- Lunaaa! - gritou Tatu, chutando seu tornozelo.

A menina engoliu a dor do chute, mas que aquela fada ia ouvir quando chegasse em casa... ah, ia!

- Eu não te dei nenhum fora! Apenas disse para você desinfetar! Isso é fora?

As amiguinhas rosinhas caíram na gargalhada.

- Eu só queria te conhecer melhor, perder a implicância que eu tenho com você. E te mostrar que para ser gente boa é só querer, que as pessoas são muito mais legais quando a gente sorri para elas, que falar 'bom-dia', 'por favor' e 'obrigada' não tira pedaço, que ser vaca não é bom para a imagem de ninguém...

- Vaca? Foi isso mesmo? Ela me chamou de vaca, Gi?

- Ela te chamou de vaca, La! - disse Gisele.

- Vaca é você! - rebateu Lara, partindo para cima de Luna.

Em pouco tempo, as duas estavam engalfinhadas, puxando o cabelo uma da outra e xingando: "Vaca é você! Não! Você que é!"

Foram parar na coordenação e, depois do sermão do coordenador, Luna teve de ouvir o sermão de Tatu em casa.

- Francamente, eu não esperava isso de você! "Eu te desculpo"... Onde é que você estava com a cabeça? E aquela briga? Precisava daquilo?

- Desculpe, eu me alterei. Mas você viu como ela foi grossa?

- Você chamou a garota de vaca!

- Mas ela é! - justificou-se Luna.

- Era para você ficar AMIGA da Lara, não para espancar a Lara!

- Eu não **espanquei** a Lara! - defendeu-se Luna. - Dei só uma pequena surra nela - completou, sapeca, risinho no canto da boca.

- Isso, ri bastante. Aproveita e ri por antecedência do cas-tigão que eu vou levar. Muito obrigada pela ajuda - irritou-se Tatu.

- Desculpa, desculpa... Ainda tem a festa hoje, vou tentar me aproximar dela de novo. Juro que vou ser a pessoa mais fofa do mundo.

- Mesmo com toda a sua fofura acho difícil ela querer papo com você. Agora ficou tudo muito mais complicado, graças a você e a sua liçãozinha de moral fora de hora.

- Falando em lição de moral, vamos combinar que foi a primeira e **última** vez que você chutou meu tornozelo, viu? Como eu queria ter te xingado naquela hora!

- Ainda bem que não xingou, quem xinga fada tem 90 anos de azar.

- Quem quebra espelho tem sete anos de azar! - corrigiu Luna.

- Isso, isso! Sempre me confundo com esses ditados! O que é que acontece mesmo quando xingam fada?

- Sei lá! Não sou fada! Eu sou humana. Hu-ma-na!

À noite, a mãe de Luna chegou em casa visivelmente exausta quando deu com a filha a lavar a louça do jantar. Ao vê-la na cozinha, deixando a água cair no prato, seus olhos cansados deram lugar a um sorriso, sorriso daqueles bem felizes de mãe. E disse logo em seguida:

- Adorei acordar e ver seu quarto daquele jeito hoje de manhã, viu? Quase não acreditei. Só percebi que não estava sonhando quando vi seu casaco branco e um par de meias no chão. Mas dei um desconto e resolvi continuar orgulhosa por você ter arrumado a Casa da Luna ontem à noite.

A menina olhou para a mãe, olhou para o prato que lavava e, vendo a água cair da torneira, deu um sorriso tão, mas tão escancarado, que mal cabia no seu rosto. Que afago materno gostoso! Sem contar aquele olhar orgulhoso que sua mãe trazia no rosto. Naquele momento, Luna percebeu que podia voltar a ocupar o posto de boa filha, que tanto prezava.

- Como foi a prova?

- Foi ótima! Acho que me dei benzão!

- Que bom, filha - disse ela, indo na direção de Luna para abraçá-la.

Mãe e filha ficaram um tempo abraçadas, a água caindo, beijos pipocando entre as duas. Quando sua mãe virou-se para ir para o quarto, a menina não resistiu:

- Você dormiu bem essa noite?

- Nossa, nunca tive sonhos tão bons na minha vida! Se o mundo tivesse acabado ontem acho que eu não acordaria.

Luna sorriu. Aquela fadinha era mesmo tudo de bom!

- Vou me arrumar para ir para a festa da Jordana, tá, mãe? A Ednica vai passar aqui pra me dar carona. Volto com ela também, tá?

- Antes de meia-noite.

- Uma.

- Meia-noite.

- Meia-noite e meia.

- Meia-noite.

- Meia-noite e quinze?

- Meia-noite em ponto, e não se fala mais nisso - decretou sua mãe, virando-se decidida para o quarto.

E assim findou-se o lindo momento "carinho materno" que aquela cozinha acabara de presenciar.

Luna foi para o quarto e Tatu estava lá, parada em frente ao seu armário aberto, dando uma olhada nas suas roupas.

- Você é muito enxerida, mesmo, hein? Quem foi que deixou você abrir a porta do meu armário?

- Ih, eu já abri várias vezes. Durante a noite, enquanto você dormia, depois de dar umas voltas pela cidade, achei por bem retocar algumas roupas suas com o auxílio do superpozinho

"Ô, estilista magnífica!". Acho que você vai gostar.

Ô-ou... Luna, filha única que adorava ser filha única, não gostava nadinha da idéia de gente mexendo no seu guarda-roupa. Imagina uma fada metida a costureira? Pior, a estilista magnífica! Isso era muita ousadia!

- Como é que é, Tatu?

Fada mais abusada!, pensou Luna, irritada.

- Não me julga antes de ver, vai! Ah, eu fiquei entediada de madrugada e resolvi botar em prática meus poderes de estilista. Eu sempre tive muito jeito para moda, viu?

- Você? Jeito para moda? Com essas roupas esquisitas que você usa?

- Esquisita é você. Meu senso crítico para moda é apuradíssimo. Sabe qual é o meu maior sonho de consumo? Uma varinha Prada, tá, baby? Sou chique ou não sou? O problema é que custa os olhos da cara, mas isso prova como tenho bom gosto.

- Prada? A marca Prada? A carésima e famosésima Prada?

- Não a Prada dos humanos, né? Estou falando da PraFada, a Prada das fadas! A gente é que abrevia o nome pra Prada.

- As fadas têm uma Prada que faz varinha de condão? Quer dizer que fada usa varinha, então?

- Claro que não! A gente usa em formaturas, casamentos, festas black-tie... É chique chegar com uma varinha a tiracolo. Ainda mais da Prada.

- Mas por que você não faz uma magia e cria a sua própria varinha da Prada?

- Tá louca!? Não é fácil imitar Prada, não! As fadas mais experientes reconhecem uma imitação de longe! Só três fadas no nosso mundo conseguem fazer varinhas Prada, é uma magia sofisticadíssima, por isso são caríssimas. E como não é todo mundo que pode comprar uma Prada, claro que algumas fadas compram as delas no camelô.

- Camelô? Tem camelô no mundo das fadas?

- Ô... Tá assim de camelô lá! As fadas-camelôs têm a vida tão dura, tão difícil... Mas pelo menos elas se dão bem no Carnaval, vendendo fantasias de Sininho, de Morgana...

- Carnaval? Vocês têm carnaval?

- Animadíssimo! Dura um ano.

- Um ano?

- É! Um ano! Ô, Luna, você é surda ou lenta de raciocínio, hein?

- Ah, claro, é supernormal conversar com uma fada, é supercotidiano ouvir de um ser fantástico que invadiu meu quarto durante a noite que existe uma loja Prada no mundo das fadas e que as fadas pulam carnaval. Você não entende que é muita informação nova para a minha cabeça? Além disso, eu fico zonza com tanta energia!

- Eu estou com muita, muita energia, mesmo, todas as fadas falaram isso. Também, depois de dormir 42 anos, era de se esperar que eu estivesse a toda, né? Pode vir quente que eu estou fervendo!

- Olha, eu não quero nem ver os retoques que você fez com tanta energia, não tenho tempo agora. Quando a gente chegar da festa, eu vejo as roupas em que você mexeu, tá? Mas se eu não gostar você faz tudo voltar a ser como antes?

- Claro!

Tudo combinado, Luna abriu a gaveta das calcinhas para pegar uma para depois do banho. Qual não foi sua surpresa ao perceber que havia algo estranho no mundo das lingeries:

- O que aconteceu com as minhas calcinhas, Tatu? - deu um grito enfezado.

- Tchanããã! - fez a fada, sorrisaço no rosto, empolgada e Parecendo bastante orgulhosa de seu... hum... trabalho.

- Por que elas estão enormes desse jeito? - quis saber a menina.

- De nada! Ficaram muito fofas, né? Também achei.

- Elas ficaram o oposto de fofas! - reagiu Luna, indignada.

- Você não entende nada de calcinha, garota, calcinha boa é calcinha gigante. Calcinha enorme é muito melhor, mais confortável. Sem contar que achei suas calcinhas pequenas demais, muito indecentes! Também tirei o bojo dos sutiãs com bojo. Achei muito sedutores para uma menininha como você.

- O quê? Eu quero AGORA minhas calcinhas e meus sutiãs com bojo de volta! Eu quero ir com peito maior na festa, sua fada intrometida! E quero ir com calça de cintura baixa. Não dá para usar calcinha gigante com jeans assim. Melhor pagar cofrinho que pagar calcinha.

- Quê?

Diante da expressão espantada da fada, Luna achou melhor não entrar num assunto tão complexo àquela hora.

- Depois eu explico, mas agora eu quero tudo do jeito que estava!

- Ih, tá bem, tá bem! Como é mal-agradecida... Só queria te deixar mais bonita, mais confortável, mais na moda...

- Que moda? Isso é moda da década de 60! A gente está em 2007!

- Você tem razão, desculpe... eu só estava querendo ajudar... - disse a fada, cabisbaixa.

- Ô, Tatu... Então, tá. Quer arrumar coisa para fazer à noite? Então ajeita esse vestido aqui, que está furado, arruma essa calça, que está larga na cintura, faz bainha nessa saia... - enumerou Luna, tirando as peças do armário. - Agora vou tomar banho, daqui a pouco a Ednica tá lá embaixo.

Com calça jeans baixinha, uma bata preta e o sutiã (com bojo recolocado) valorizando o decote discreto, Luna ficou linda. Perfumou-se e, por insistência da fada, botou um batom clarinho, um rímel para valorizar os olhos e uma cor nas bochechas, providenciada não por um blush, mas pelo pozinho "Ô, bronzeado espetacular!", de Tatu.

- Uau! Tá parecendo que fui à praia! Irado!

- Irado é enraivecido! Ah, não! Você está com raiva de mim? Se você não gostou da cor de sol, eu tiro, vem cá...

- Não, Tatu! Irado é uma coisa muito boa, muito maneira.

- Maneiro é bom, né?

- Muito bom.

- Então tá - disse a fada, dando uma piscadela.

Nove e meia em ponto, Ednica e sua mãe estavam na portaria para buscá-la. Luna pegou o elevador com Tatu em silêncio. Ela sabia que não seria uma festa qualquer. Seria a festa em que tentaria mais uma vez se aproximar daquela... daquelazinha... Lara Amaral. Argh, pensou.

- Olha a má vontade com a garota!

- Olha você entrando no meu pensamento de novo! Não tem vergonha, não, é? Pára com isso, Tatu! Não gosto!

- Tá, tá. Encontro você na festa.

- Você sabe onde é?

- Claro que sei, tolinha - disse Tatu, desaparecendo num piscar de olhos, deixando no ar um pozinho brilhante, que lembrava purpurina.

Luna levou um susto. Era a primeira vez que alguém desaparecia na sua frente. Ficou chocada e embevecida ao mesmo tempo. E saiu do elevador com um sorriso encantado no rosto.

No play de Jordana, o DJ tocava hip-hops conhecidos da galera e uma fumaça esquisita deixava o ambiente com cara de incêndio. Mas era só gelo seco. Para o salão de festas ficar com cara de festa.

Meninos de um lado, meninas de outro. Meninas dançando e incorporando as letras das músicas, meninos rindo, se socando e falando sobre esporte; meninas com olhos atentos, meninos nem aí para elas.

Luna chegou e não avistou Tatu. Poucos minutos depois chegou Lara Amaral que, para sua surpresa, estava sem Pedro Maia. E sem aquelas amigas insuportáveis. Ótima chance para se aproximar. Respirou fundo e foi até ela:

- Mil desculpas por hoje.

- Você de novo? Não acredito! - rugiu. - E não desculpo!

- Eu só queria te conhecer melhor.

- Claro, arrancar os cabelos de uma pessoa é uma ótima tática para se aproximar dela - debochou Lara.

- Desculpa aí, vai! Eu sou da paz, sou do bem... acho briga uma coisa tão horrorosa, tão nada a ver comigo... tô com vergonha do que fiz mais cedo.

Silêncio. Lara agora ouvia atentamente Luna.

- Cê tá na TPM? - perguntou Lara.

Luna não estava, mas achou ótima essa desculpa. - Tô.

- Mentira, queria se aproximar de mim para ficar perto do maravilhoso Pedro Maia.

- Eu não tô a fim dele, Lara.

- Tá bom.

- Sério, ele não é meu tipo - disse uma mentirinhazinha.

- Seu tipo? Um garoto lindo, maravilhoso, sensacional e dono de um beijo espetacular não é seu tipo? Conta outra!

- Ele não é maravilhoso, vai.

- Não, ele é supermaravilhoso.

- Por que ele não está aqui com você?

- Porque... porque... porque eu não quis vir junto, não gosto de namoro-grude - gaguejou Lara.

- Sei. E, vem cá... o beijo dele é isso tudo, mesmo? - perguntou Luna, bancando a curiosa.

- Nossa! É o melhor beijo que eu já dei na vida!

Luna quase contou a ela que sabia que de bom o beijo de Pedro Maia não tinha nada. Em vez disso, pela primeira vez na vida, sentiu pena de Lara Amaral. A menina mais metida do colégio estava mentindo para ela mesma.

Lara estava sem graça, visivelmente constrangida. Luna quebrou o gelo.

- Posso te servir um refrigerante?

- Claro que não. Minhas melhores amigas vão chegar já, já, elas fazem isso pra mim.

Mais uma vez, a alfinetada de Lara tinha sido nela própria. Era difícil admitir que ela, a mais popular, a mais linda, a mais rica, estava completamente sozinha na festa mais esperada do mês. Daí as respostas grosseiras. Luna foi compreensiva:

- Pô, Lara, me dá uma trégua, vai! Eu tô em missão de paz!

- O que é que está acontecendo, Luna? - quis saber Lara, desconfiada.

Luna pensou, pensou, e saiu-se com essa:

- Eu sonhei com você uns dias atrás, um sonho em que um anjo me dizia que eu tinha que ficar sua amiga. Como sou meio esotérica, achei que não custava nada fazer o que o anjo mandou. Vai que a gente se dá bem?

- Sonho? - indagou Lara, com um sorriso tímido, porém sincero.

- É, sonho!

- Eu gosto dessas coisas de sonho... E de anjo. Adoro anjo!

- Eu também! Olha aí, já temos uma coisa em comum! Lara olhou no preto do olho de Luna como jamais olhara antes.

- E então? Será que não dá para você me dar uma chance? - indagou a escolhida de Tatu.

Diante do sorriso agora aberto de Lara, Luna virou-se para pegar os refrigerantes. Enquanto enchia os copos...

- Adorei essa história de sonho, muito bem, Luna, bela saída! Sonho é sempre enigmático, misterioso, impressiona. E aproxima as pessoas. Sonho e anjo, então... Ótima combinação! Meus parabéns, escolhida!

- Onde é que você estava?

- Passeando por aí. Como as coisas estão mudadas! Os carros estão muito mais rápidos e bonitos, tem muito mais prédio na rua, mas achei que as pessoas parecem muito mais estressadas.

- Você passeou como?

- Flutuando. Vim flutuando de Copacabana até aqui.

- Você flutua?

- Claro que flutuo, Luna! Eu sou uma fada, fa-da!

- Pára! É o maior sonho da minha vida flutuar! Sempre sonho que estou flutuando! É legal? É em câmera lenta ou é rapidão? Você flutua alto ou baixo?

- Depois te conto, agora pára de conversar comigo, você tem que conversar com a Lara - ordenou Tatu.

Luna estava virando-se para obedecer a sua fada-prima quando avistou um obstáculo para o cumprimento de sua missão.

- Droga!

- O que foi?

Pedro Maia tinha acabado de chegar e estava falando com Lara.

- Não vou mais lá, né?

- Claro que vai, leva esses refrigerantes.

- Não! Eles vão se beijar já, já! Eu não vou para lá para empatar os dois.

- Olha lá, olha lá, o Pedro Maia trouxe um amigo. O casal não está sozinho, vai lá, leva os refrigerantes, fica amiga dela, anda!

Tatu disse isso e empurrou Luna. - Tá aqui o seu refri, Lara. Oi, Pedro.

- Oi, Luna. Esse aqui é o Léo, amigo meu lá do prédio.

- Oi, Léo, tudo bem?

- Hum... tá ótimo, Luna, mas tá precisando de mais um pouquinho de gelo. Você bota pra mim?

- Você tá brincando, né, Lara? Tem três pedras de gelo!

- Mas eu quero mais uma. Eu gosto de número par.

- Ô, Lara, eu não sou uma daquelas meninas que puxam seu saco, não. Eu quero ser sua amiga, não sua empregada.

Lara pareceu armar-se para um bate-boca com Luna quando a fada se intrometeu na conversa:

- Pára com isso, menina! Vai e não discute! Deixa de ser cricri! - branqueou com sua escolhida.

Luna engoliu a raiva e o orgulho, lembrou-se da missão esquisitíssima em que se metera e resolveu agir como uma menina madura.

- Mas como você pediu com jeitinho e muuuuito fofamente, eu vou pegar mais gelo para você, Lara.

- Uma pedra, tá? E não muito grande - especificou Lara, agora sorrindo.

- Tá - disse Luna, tentando disfarçar a imensa irritação com sua futura amiga. - Me dá seu copo - pediu, antes de virar-se rumo ao isopor com bebidas.

- Eu vou com você, estou com sede - disse Léo.

A vontade foi espirrar em cima do gelo antes de botá-lo no copo, mas não se faz isso com uma quase-amiga, Luna sabia. Enquanto Léo se servia, Luna o observou calmamente. E percebeu que um Léo valia por sete Pedras Maias. Lindo, cabelinho bonitinho, fortinho, olhos espremidinhos, o garoto era um gati-nhoinhoinho.

Justamente quando Luna fazia essa constatação, Léo deu para ela um sorriso de abalar qualquer coração carente. Ela, claro, sorriu de volta. E os dois ficaram se encarando por um tempo. A fada logo se meteu:

- Nem pensar, Luna. O momento não é para conquista! Muito menos para paixão. Sai daqui enquanto é tempo!

Sem tirar os olhos de Léo, Luna quis saber:

- Onde é que você estuda? - perguntou, melosa, ignorando totalmente a fada.

- Nãããão! Isso vai atrasar tudo! Oh, não! A outra está lá aos beijos com o Pedro Maia! Isso não vai dar certo, não vai dar certo. Vamos ao banheiro, Luna. Agora!

- Eu vou dar um pulo no banheiro e já volto, tá? Fica aqui me esperando?

- Claro que fico, Lu.

Lu? Que fofo!, Luna, ou melhor, Lu comemorou por dentro.

- Olha a saliência, menina! Não seja fácil, assim! Cadê o jogo duro? - berrou Tatu no ouvido de Luna assim que chegaram ao toalete.

- Que foi? A Lara e o Pedro estão se beijando, não vou ser a chata que vai atrapalhar. Se eu fizer isso, ela vai me achar superinconveniente e aí é que não vai querer ficar minha amiga!

Com a mão no queixo e pinta de pensativa, a fada chegou à conclusão de que Luna estava certa.

- Tá bem, tá bem. Pode ir lá ficar de prosa com o Léo.

- Ficar de quê?

- De papo.

- Ah, tá. Mas é que... eu acho que eu não quero só ficar de prosa com ele...

- Está bem, pode dançar com ele também...

- Eu quero ficar com o Léo.

- Ficar dançando com ele, foi isso que eu disse.

- Dââ! Ficar não é dançar, Tatu! Hello-ou! Ficar quer dizer beijar, juntar boca com boca e mandar ver!

- C-c-como é que éééé?! - fez a fada, absolutamente *chokita.*

- Ficar quer dizer passar um tempo beijando um menino. Pode ser numa festa, num show, numa matinê, no cinema. E esse beijo pode durar a noite toda ou apenas alguns segundos.

- Você está falando de beijo na boca? É isso mesmo que eu estou ouvindo?

- Claro que é beijo na boca! - Riu Luna. - No rosto eu beijo a minha mãe, o meu pai... - explicou, com naturalidade.

A fada estava pálida. Parecia escandalizada. Boquiaberta, olhou para o céu, botou as mãos na cintura e desabafou:

- Meu Fadim Fadi Cícero, que sem-vergonhice é essa?! Onde é que esse mundo vai parar?

- Fadim Fadi Cícero? Ah, pára! - gargalhou Luna.

- Olha o respeito! Fadim Fadi Cícero é o protetor das fadas - brigou Tatu. - Mas não pense que vai fugir do assunto, espertinha! Isso que você está me contando é um absurdo, uma falta de vergonha!

- Ai, cara, que fada mais sem noção! Ficar não tem nada demais! O que é que tem eu querer beijar o garoto?

- Você não pode beijar esse menino, você nem o conhece, Luna!

- Eu superconheço o Léo. Conversei muuuuito com ele!

- Três minutos é muito desde quando? Ninguém conversa muuuuito em três minutos!

- Três minutos é uma eternidade! Tem gente que nem conversa, beija antes mesmo de saber o nome.

- Fadas me mordam! Que absurdo! Como é que em 42 anos o romantismo acabou? Que tragédia!

- Ah, Tatu! Pára de ataque e me ajuda a conquistar o Léo, vai! Ele me dá um frio na barriga...

Tatu ficou indignada com o pedido.

- Vê se uma fada séria como eu vai ajudar uma **criança** como você a entrar nessa indecência! Cadê o romance, a mão na mão, a conquista, as flores?

- Que flores? Nossa, Tatu, como você é careta!

- Careta?

- É! Ai, como é que eu vou explicar isso? Uma pessoa careta é uma pessoa certinha, conservadora, presa aos padrões tradicionais, sabe?

- Ah, tá. Você me acha quadrada, entendi...

- Quadrada? Eu te acho meio redondinha, quadrada não...

- Redondinha? Você tá me chamando de gorda, Luna?

- Ah, Tatu, você está meio acima do peso, né?

- Ah, é? Ah, é? Pois fique sabendo que no tempo em que eu estive por aqui eu era uma fada linda, maravilhosa, corpão de misse de parar o trânsito! E não era nada quadrada, quer dizer, careta! Sempre fui moderna, pra frente! Pra frentex.

- Pra frentex? Corpão de misse? Cara, são muito hilárias as coisas que você fala!

- Olhe o deboche, eu sou uma fada! Fa-da! E só sou conservadora no que diz respeito à sem-vergonhice. No tempo em que vim aqui os rapazes flertavam com as meninas antes de namorar.

- Ã ?

- Flertavam, olhavam, paqueravam...

- Ah, tá.

- Aí, se as meninas retribuíssem o flerte, os caras se aproximavam, pediam o telefone... e conversavam às pampas antes de ir à casa delas para conhecer a família, pedir em namoro...

- Nossa, que coisa mais demorada!

- Os casais namoravam um tempão com os pais da menina por perto, só depois de uns meses é que eles começavam a sair, se os pais permitissem. Mas nada de beijo!

- Sem beijo? Eles faziam o quê, então?

- Conversavam, iam ao cinema, à lanchonete, se conheciam, viam se suas personalidades combinavam, se era bom estar perto um do outro... Só depois de um tempo os casais se beijavam. Vê se assim não é muito mais romântico? Muito mais bacana que conhecer e sair beijando. Que saliência é essa? Você é moça de família!

Luna riu.

- Não estou entendendo... Você não deu nenhum ataque quando viu a Lara e o Pedro se beijando. Por que eu tenho que ouvir esse sermão todo?

- Porque só você me ouve. Se todos aqui pudessem me ouvir, eu ia passar um pito em todo mundo. Ah, se ia! Romantismo é lindo! Cadê o romantismo, minha gente?

- Romantismo é legal, Tatu, eu sei. Mas hoje também é bom, acho que é menos complicado. A gente fica. Simplesmente fica. Se o ficante vai virar namorado, aí só Deus sabe. Se ele beijar mal, é só partir para outro. Ficar é supercomum, todo mundo fica. Em festa, em show, no carnaval. Com um, com vários.

- Como "vários"? Vários no mesmo ano?

- Claro que não! Na mesma noite!

- Não é possível! Que assanhamento! Onde é que esses jovens vão parar? Ninguém mais tem medo de pegar sapinho?

Luna achou graça da preocupação de Tatu. Ela tinha corpo de jovem, cara de jovem, mas no fundo pensava, agia e falava como sua avó.

- Não é assanhamento! Todo mundo pega todo mundo, os tempos mudaram.

- Estou passada. Me diz uma coisa, as meninas que 'pegam' vários numa noite não ficam faladas?

- Ficam. Isso não deve ter mudado muito desde a última vez que você veio aqui. Mas não acho justo as meninas ficarem faladas e os garotos ficarem metidos porque pegam todo mundo.

- É... Pelo visto, pouca coisa mudou desde 1965.

- Então tá, fadinha queridinha, o papo está ótimo mas agora vou lá ver meu gatinho, tá?

- Eu vou com você.

- Não, mesmo!

- Vou!

- Não vai! Vai dar uma volta! Vai flutuar por aí!

- De jeito nenhum, vou ficar do seu lado! Não vou permitir essa pouca-vergonha! O menino tem pinta de safadinho.

- De fofinho, você quis dizer. Agora vaza, deixa de ser grudenta!

- Vaza?

- Some, evapora! Você sabe fazer isso como ninguém.

- Olha o deboche, Luna! Luna, não me ignore, Luna. Lunaaaa!

A menina virou-se, deixou Tatu falando sozinha e foi ao encontro de Léo. A fada, claro, foi flutuando atrás. Assim que Luna se aproximou do garoto, ele a pegou pela cintura.

- Você é linda, sabia?

- Rê... rerrê... - Riu, suuuper sem graça.

"Que riso bobo é esse? Que cara de vira-lata empolgado é essa? Não vai beijar esse garoto! Não é hora de se apaixonar!"

"Quem falou em se apaixonar, sua fada doida?", rebateu Luna, em pensamento, claro, sem tirar o sorriso dos lábios e os olhos dos olhos de Léo.

- Você é a namorada que minha mãe pediu a Deus.

Óóó, que lindo!, comemorou Luna mentalmente.

- Lindo? Ele acha que a MÃE dele ia gostar de você. Isso é lindo onde?

- Vamos dançar?

- Claro.

"Agora, sim! Dançar não é ficar, não é sem-vergonhice. Estou começando a achar que ele não quer só tirar uma casquinha de você, Luna."

"Você ainda tá falando? Caramba, como você fala, Tatu!"

E eles dançaram. E comeram salgadinhos e beberam refrigerante e se olharam, e conversaram, e riram. Até a fada, que agora observava tudo de longe, começava a achar o casal bonitinho.

Depois os dois foram para a parte de fora do salão de festas, onde a luz era quase nula e um murinho providencial escorava alguns casais que tinham se formado na festa. Lá, encostados lado a lado, conversaram mais um pouco.

Ele não esperou muito para abraçar Luna, que tentou disfarçar a ansiedade pelo primeiro beijo.

- Tenho que ir ao banheiro.

- De novo? - assustou-se Léo. - Você *tá* passando bem?

- Arrã, *tô* ótima, espera aqui, já volto. Luna estava desesperada.

- Tatu, você *tá* aí?

- Sim! - A fada materializou-se na sua frente.

- - Eu tô em pânico! Pânico grave!

- Por quê, menina?

- Porque eu sou BVL! BVLéééésima! E ninguém sabe disso, só a Bia Baggio, a Nina Dantas, a Clara Damasceno, a Julia Baltazar, a Maria Luíza Soares, a Nanda Monteiro e a Letícia Simonetti - enumerou Luna, falando mais rápido que locutor de corrida de cavalos. - Você acha que eu conto para o Léo que sou BVL?

- Eu sei lá o que é BVL!

- Boca Virgem de Língua! Selinho eu já dei, mas língua... só conheço a minha!

- Do jeito que você me deu aulas sobre ficar e pegar, achei que você era superacostumada a beijar. Uma mestra no assunto.

- Que nada! Nunca beijei, não sei como é e nunca aprendi, por mais que eu quase entre na televisão quando tem beijo nas novelas.

- Mas você nunca treinou?

- Treino direeeto! No espelho, na mão...

- Treina na maçã, boba. É melhor. Pelo menos você baba, baba, mas come depois, e maçã é uma fruta muito gostosa. Mesmo babada.

- Écati! Que nojo! - estrilou Luna. - Anda, me diz o que você acha, falo ou não falo?

- Acho que você não beija. Está claro que você não está preparada. Você é muito criança pra beijar!

- Não vou nem comentar essa frase. Sabe o que é? Eu tenho medo de errar o beijo.

- Não tem erro nessas horas! - irritou-se a fada.

- E se minha língua sufocar o garoto, entrar na garganta dele e não sair? Eu posso matar o menino, coitado! Eu tenho a língua enorme, ó! - disse Luna, tocando a ponta do nariz com a língua, para mostrar para a fada que falava sério.

Tatu riu. E se rendeu à modernidade. Afinal, vááárias meninas na festa estavam ficando e ela não podia atrapalhar Luna nessa hora.

- Que bobagem! Claro que você não vai matar o Léo, que idéia! Rapidinho você pega o jeito e vai beijar que é uma beleza!

- E se ele perceber que eu sou BVL?

- Ele não vai perceber! Não acredito que vou dar esse conselho, mas, pelo que parece, os tempos são outros, mesmo.

- Fala logo! Não quero que ele pense que eu estou com diarréia, é muito anti-romântico!

- Luna, caso o Léo perceba a sua BVLice, você admite que está iniciando no negócio e pergunta se ele se importa de te dar umas aulas de beijo. Aposto que ele vai amar ser seu professor.

- Tá louca? Nunca vou conseguir dizer isso! Não tem como você jogar um pozinho na minha boca para eu ficar com o melhor beijo do mundo?

- Não!

- Que fadas insensíveis e injustas! Existe um pozinho "Ô, sonho bom!", outro chamado "Ô, iPod porreta!" e não existe um "O, beijo gostoso!"?

- Claro que existe, só não está aqui comigo. Não achei que precisaria dele, nunca passou pela minha cabeça que uma pirralha como você já pensava em beijo.

Irritadíssima com o "pirralha" e com a falta de um pozinho que lhe desse confiança lingual, Luna virou as costas e foi marchando para perto de Léo, que parecia ainda mais bonito.

Abraçou-o lentamente, ele mexeu no seu cabelo, ela sorriu, eles se aproximaram mais, o ar faltou, a temperatura esquentou, o coração acelerou, suas bocas ficaram a menos de um centímetro uma da outra até que a boca de Léo encostou suavemente na de Luna.

Ui, que frio na barriga eia sentiu!

Beijaram muito. E foi booom!

E Luna não falou nadinha sobre sua BVLice para Léo.

Não foi naquela noite que a menina conseguiu ficar amiga de Lara, embora uma grande porta tenha sido aberta. Agora ela sabia que tinha amansado a fera, tudo seria mais fácil. Quando o problema acontecesse, ela certamente já estaria mais próxima de Lara.

Pensou nisso e foi para casa feliz, sonhando acordada com os abraços de Léo e com a missão que ela finalmente começava a cumprir. Embora não fosse fada, foi para casa flutuando. Flutuando nas ondas de calor e arrepio que seu corpo sentiu no trajeto até seu edifício toda vez que se lembrava de seu primeiro beijo.

Morta de cansaço, assim que entrou no quarto se jogou na cama. E só não desabou de sono porque, como típica mulherzinha, quis perguntar a si mesma: "Será que ele vai ligar amanhã?"

- Ai, ai, ai... Vocês não aprendem! Isso não muda! O Léo é um garoto, Luna, e, como todo garoto, ele pediu o telefone para não ligar no dia seguinte. Acorda, Luna!

- Fada enxerida! Entrou no meu pensamento de novo! -branqueou. - E quem disse que ele não vai ligar? Ele pode ser romântico! Pode ser fofo, pode estar pensando em mim... Pode me mandar flores, pode me pedir em namoro...

- Namoro? Achei que vocês tinham só... "ficado".

- É... você tá certa... A gente só ficou. Pensando bem... não sei mesmo se eu quero namorar. Agora que perdi meu BVL é melhor dar uma conferida nos beijos de outros meninos, né? Ver qual combina melhor comigo...

- Fácil! Vai virar uma menina fácil, uma menina falada, uma Maria Maçaneta, todo mundo vai passar a mão! Que desgosto! - fez drama a fada, arrancando uma gargalhada da menina.

- Maria Maçaneta? Que coisa engraçada! Tatu, eu não vou sair pegando geral, vou saber selecionar os caras, pode deixar. Eu sou muito exigente, não vou ficar com qualquer um só por ficar.

- Ah, bem. Então, nada de namoro?

- Nada de namoro, tá decidido! Quero praticar, ficar, deixar meu beijo um espetáculo!

- Fico aliviada, acho bom mesmo você não pensar em namoro agora, não vai sobrar muito tempo para namorar quando acontecer o problema da Lara.

- Chato é que eu não consigo parar de pensar nele... Será que estou apaixonada pelo Léo?

- Claro que não! Você está com pensamento fixo no cara só porque ele te deu seu primeiro beijo! Supernormal!

- É... - suspirou Luna, sorriso pateta nos lábios, olhos perdidos no nada.

- Ah, não! Não agüento paixonite de adolescente, é demais para a minha cabeça, menorrrr paciência. Tchau! - disse a fada, um tanto irritada, antes de evaporar no quarto e deixar Luna com olhar de pamonha olhando para os desenhos coloridos no teto.

As sete da manhã, a menina ouviu a voz que já lhe era familiar:

- Bom-dia.

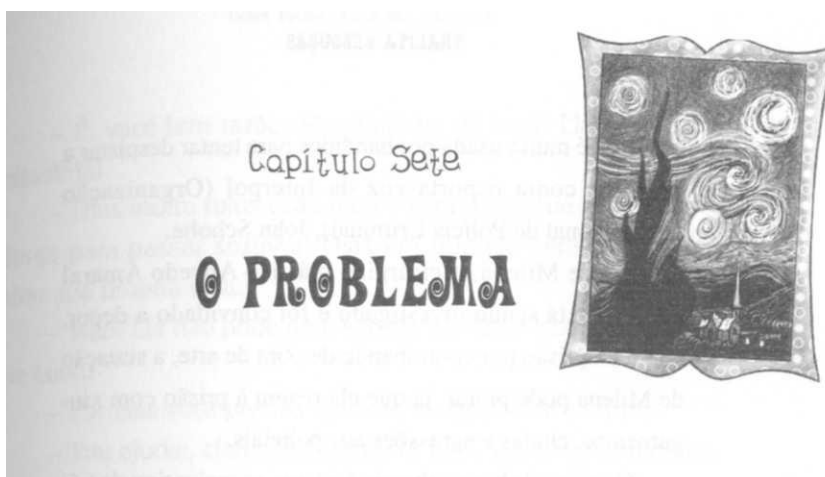
- Não, hoje é sábado, posso dormir até tarde.

- Não pode, não.

- Por quê? - reclamou Luna, sem sequer abrir os olhos. -0 Léo tá no telefone?

- Não. Estourou o problema da Lara.

- O quê?

- Eu falei que era uma questão de tempo. E como uma boa amiga, você vai se levantar, tomar banho e se arrumar. Você precisa começar a ajudá-la agora.

Luna ainda limpava a baba quando leu as letras garrafais da manchete do jornal. Elas não deixavam dúvidas: o problema de Lara era mesmo grave.

Tráfico de luxo SOCIALITE MILENA AMARAL É DETIDA COM OBRA DE ARTE AVALIADA EM US$ 15 MILHÕES EM AMSTERDÃ

Luna esfregou os olhos para ler direito. Abismada, abriu o jornal rapidamente para ver o que dizia a matéria sobre a irmã de Lara, que começava assim:

A estudante Milena Amaral, de 18 anos, foi presa ontem no começo da noite no aeroporto de Amsterdã ao tentar embarcar para a França com uma tela roubada de Van Gogh. A obra, de 1885, foi levada de um banco holandês sete meses atrás e está avaliada em US$ 15 milhões. A polícia suspeita que Milena seja de uma família de traficantes de obras de arte cuja função é transportar as peças roubadas para diferentes países até que elas cheguem às mãos do chefe da quadrilha, um colecionador americano. "Essa manobra é muito usada por bandidos para tentar despistar a polícia", conta o porta-voz da Interpol (Organização Internacional de Polícia Criminal), John Scholte.

Pai de Milena, o cirurgião plástico Alfredo Amaral também está sendo investigado e foi convidado a depor. Além da prisão por contrabando de obra de arte, a situação de Milena pode piorar, já que ela reagiu à prisão com xingamentos, chutes e agressões aos policiais.

O tráfico de bens culturais é o terceiro maior tipo de tráfico no mundo, atrás apenas do tráfico de drogas e de armas. A Interpol vem acompanhando o crescimento desse comércio ilegal e estuda as melhores formas de proteger o patrimônio cultural dos países e punir os criminosos. Na maioria dos casos, as obras furtadas vão parar nas mãos de colecionadores, antiquários e donos de galerias de arte inescrupulosos que almejam aumentar seus acervos ou lucros. Segundo o cadastro da Interpol, mais de 120 mil obras de arte estão desaparecidas no mundo.

A matéria dizia mais, muito mais. Era grande, com direito a fotos de Milena e dos pais de Lara. Mas Luna não precisava ler mais nada. Sabia exatamente o que estava acontecendo, e se espantou seriamente:

- Caraca! É esse o problema da Lara!

- É, Luna - disse a fada, séria.

- Isso é o pior problema do mundo! Gente do céu, coitada dela! A família da Lara é uma família de *traficas* de obra de arte? Nunca desconfiei! Eu nem sabia que roubar quadro dava dinheiro! Vem cá, será que a Lara...

- Não tire conclusões precipitadas! Nós não sabemos o que é verdade e o que é mentira nessa história.

- É, você tem razão. Mas tadinha da Lara! Ela deve estar péssima!

- Dias muito ruins virão para a Lara. Dias que ela não teria força para passar sozinha. Dias em que ela pensaria até em tirar sua própria vida.

- Não! Ela não pode nem sonhar em fazer isso - espantou-se Luna.

- Por isso você precisa ajudá-la a segurar essa barra.

- Vou ajudar, claro. Mas como te falei, ela tem mil amigas, elas nunca deixariam a Lara passar por essa barra sozinha.

- Falta muito pouco para você descobrir que essa é a maior mentira que você já disse.

Antes de ir para o banho, Luna contou para os pais o problema de Lara, mas eles não entenderam muito bem seu interesse pelo assunto.

- Lara não é a menina que brigou com você ontem na escola?

- É, mãe...

- Achei que você não gostasse dela...

- Eu não gostava, pai... Mas eu preciso ajudar a Lara.

- Acho ótimo você querer ajudar, só queria entender melhor essa sua aproximação com ela. Será que esse é o momento certo? - questionou sua mãe.

- Você não disse ontem que ela é cheia de amigas que você não suporta? - perguntou seu pai.

- Ai, gente, é uma longa história. Mas as amigas dela não são tão amigas assim... Eu acho... Eu tenho que ir para a casa dela. Alguma coisa me diz que ela vai precisar muito de mim. Será que vocês podem me levar lá?

- Não é melhor ligar antes de ir?

- Mãe, ela pode nem estar atendendo o telefone. E ela precisa ter uma amiga do lado!

Os dois se entreolharam e, mesmo cabreiros, ficaram orgulhosos da filha querer ajudar uma pessoa com a qual não se dava bem num momento tão difícil. Depois que Luna se arrumou, levaram a filha ao prédio chique em que Lara morava em frente à praia. Acharam melhor não subir, já que não conheciam os pais da menina, e a hora não era exatamente convidativa para uma visita de estranhos.

- Filha, vai lá e interfona. Vê se a Lara está em casa, se você vai ficar com ela mesmo, se não vai atrapalhar... A gente está aqui esperando.

Lara estava e pediu que ela subisse. Luna acenou para os país da portaria e pegou o elevador.

- Luna! Não acredito! Que bom te ver aqui! - gritou Lara, aos prantos, correndo para abraçá-la forte. - Minhas amigas nem me ligaram! - completou frágil, triste, exausta de tanto chorar.

Foi então que Luna percebeu que popularidade, beleza e dinheiro podiam comprar muita coisa, menos amigos.

Era a primeira vez que algo abalava a paz dos Amaral. Ricos, bem-nascidos, famosos nas colunas sociais e bajulados por meio mundo, eles eram o retrato de uma família feliz.

Amora, a mãe, era linda - linda com cara de rica. Sempre com as melhores roupas das melhores grifes, maquíadíssima, cheirosíssima, penteadíssíma, altíssima, nunca tinha um fio de cabelo fora do lugar. Num shopping grã-fino, tinha uma loja careira de incensos, roupas e acessórios para a prática de ioga e nas horas vagas organizava jantares beneficentes.

Alfredo, o pai, era um famoso cirurgião plástico, conhecido internacionalmente por sua habilidade com o bisturi. Deixava ainda mais belas beldades da tevê e das passarelas e socialites podres de ricas. Corria no calçadão diariamente às sete da manhã e às oito e meia já estava em sua clínica em Botafogo para operar. À tarde, atendia em seu consultório chique em Ipanema homens e mulheres endinheirados dispostos a melhorar sua relação com o espelho. Sua fixação por trabalho deixava Lara triste às vezes. Por causa da profissão, ele deixou de vê-la em duas apresentações de balé e teve que sair no meio de uma feira de Ciências da escola.

Milena era a irmã mais velha de Lara, uma jovem do tipo rebelde sem causa, que só se vestia de preto para bancar a *dark,* para fingir que não se preocupava com aparência. Comprava coisas góticas de grife, não tomava sol e gostava de pintar os olhos de preto-preto-preto antes de ir para a escola. Seu semblante sempre sério parecia traduzir sua alma: arrogante, agressiva. Na infância, seu passatempo predileto era puxar o cabelo das meninas mais novas do colégio quando elas passavam, Luna incluída.

Ela tinha ido passar seis meses na Europa depois de repetir o ano e entrar em crise sobre o que fazer da vida. Não sabia se queria virar estilista, cantora, artista plástica, veterinária ou publicitária. E, como fazem os ricos de novela, foi viajar para dar uma espairecida" e aprender novas línguas e culturas.

A arrogância parecia ser de família. Luna sempre achou os Amaral metidos, esnobes, nariz em pé. O pai de Lara era do tipo que olha as pessoas de cima, com olhar superior. Nas colunas sociais, aparecia sempre rindo simpaticamente em festas badaladas ao lado de gente importante, como políticos, artistas e famosos em geral. No dia-a-dia, nem sequer dava bom-dia aos empregados.

Suas filhas eram conhecidas como as riquinhas do colégio e, apesar de odiadas por uns, eram paparicadérrimas por vários. Mas que fique claro: ninguém se aproximava delas por amizade. As pessoas queriam mesmo ganhar um pouco de popularidade, algumas horas na piscina das irmãs, fins de semana na mansão de Angra e convites VIPs para as melhores festas e shows. Foi o que Luna descobriu quando chegou ao enorme apartamento de Lara.

- Nenhuma amiga minha veio me ver... Deve estar todo mundo com medo de se aproximar de uma... de uma... de uma criminosa... - disse Lara, soluçando. - Eu não sou criminosa, Luna! Meus pais não são criminosos, nem minha irmã é! Eu juro! Juro! - Desabou em prantos.

- Calma, Lara, não adianta se descontrolar nessas horas.

- Mas é tudo mentira! Estão dizendo que a clínica do meu pai é de fachada, que é só para lavar dinheiro, que a grana dele vem do tráfico de obras de arte. Não é verdade! Meu pai é viciado em trabalho, se tem uma coisa que ele ama é aquela clínica!

- Eu sei, Lara... - disse Luna, antes de dar na amiga um abraço forte.

- Obrigada por estar aqui comigo - agradeceu Lara baixinho, com os olhos inchados e o coração todo magoado.

- Ô, Lara, imagina...

- A minha mãe desmaiou, quase teve um treco quando o telefone tocou de noite. Baixou médico aqui e tudo, ela teve que ser sedada para dormir. Agora só chora, olha para o nada e fica repetindo que está morrendo de vergonha. O meu pai está transtornado, fumando um cigarro atrás do outro e não pára de falar no telefone - contou Lara, enxugando as lágrimas que não paravam de jorrar. - Foi barra essa madrugada aqui em casa.

- Por que você não me ligou?

- Era muito tarde, e a gente não era... assim... amiga, né?

- Disse bem. A gente não **era.** De agora em diante pode contar comigo. E pode ligar duas, três, quatro horas da manhã que eu vou sempre te atender, tá?

- Tá... - concordou Lara, chorando mais ainda. - Eu *tô* com tanto medo... Medo de perder minha irmã, meus pais, minha paz... A minha vida acaba sem eles... Acaba...

- Não fala isso. Vai dar tudo certo.

- Como você pode ter tanta certeza?

Luna não tinha. Mas sabia que era a única coisa que podia dizer naquela hora.

- Uma vez eu li na agenda da Nina uma frase que dizia mais ou menos assim: "No fim tudo dá certo. Se não deu certo, é porque ainda não chegou ao fim." É de um escritor chamado Fernando Sabino.

Ao ouvir Luna, Lara ficou pensativa, em silêncio. Parecia refletir o sentido de cada palavra. Mas por mais que sua amiga insistisse em injetar otimismo na sua manhã, ela não conseguia pensar noutra coisa, a não ser:

- Minha irmã pode ficar na cadeia por muito tempo se isso for verdade.

- A Milena é inocente! Você não acabou de dizer? Não vai acontecer nada com ela! - afirmou Luna, logo percebendo a fisionomia tensa de Lara. - A Milena não é inocente?! - quis saber, curiosa.

- Não sei... - respondeu a menina, para choque de Luna. - Horrível o que eu vou dizer, mas ela tem uns amigos estranhos na Europa... Uns caras que são viciados em jogos, rodam o mundo jogando fortunas em cassinos.

- Caraca, nem sabia que existia gente viciada em jogo. Nem sabia que existia esse vício.

- Existe, e é péssimo. Pode acabar com a vida de uma pessoa, como as drogas. Vira-e-mexe esses dois amigos dela aparecem duros para pedir ajuda. Gente viciada gasta muito para manter o vício, né? Sei lá se eles não convenceram a Milena a roubar para dar o dinheiro para eles. Não confio nada naqueles caras.

- Sério?! - Luna arregalou os olhos.

- Sério. A minha irmã é do tipo que faz tudo pelos amigos. Para mim, nada. Para gente que ela conhece há meio minuto, tudo - soltou uma farpa. - Ela adora esses gringos, é superínfluenciável... Ela pode ter ficado com pena deles... sei lá a história que eles contaram!

- Lara! Tô chocada! Seus pais sabem desses gringos?

- Meus pais? Claro que não! Eles não sabem de nada! Eles são muito mais preocupados com a vida deles do que com a nossa. Não se preocupam com quem a gente sai, aonde a gente vai, que nota a gente tirou... - desabafou Lara, olhos fixos no chão, chorando. - Se ela for presa, quer dizer, se eles forem presos, eu vou ficar sozinha, sem família.

Uau! Lara abriu a torneira do desabafo e desandou a falar. A falar coisas que Luna nem sequer suspeitava. Tentou ajudar:

- Mas eles não vão ser presos, você não disse que seu pai é inocente?

Lara quedou-se pensativa por um instante. E desabou:

- Eu acho que ele é, mas... olha quantos quadros tem na minha casa... é muita coisa! Será que foi tudo comprado dentro da lei? E se enganaram meu pai e os quadros que a gente tem aqui forem roubados? - angustiou-se. - Eu posso ser presa também. Não posso? Será que podem me prender, Luna? -desesperou-se.

Tadinha da Lara. Como a irmã, uma pobre menina rica.

- Não fica assim, vai! Agora não é hora de chorar, é hora de pensar: você acha que esses europeus têm alguma coisa a ver com a tela encontrada com a Milena?

- Não sei... Mas já imaginou a minha família na cadeia? Por anos e anos? - Lara agora chorava mais ainda.

Luna estava pasma.

- Não, não pensa nisso! Nessas horas a gente tem que pensar positivo. Vai dar tudo certo.

- Meus pais viajam amanhã à noite para a Holanda para tentar resolver essa situação. Meus avós paternos estão no Chile, meus outros avós moram em Friburgo... Eu não tenho pra onde ir, vou ficar sozinha pela primeira vez na vida. Tudo bem que tem os empregados, mas vou me sentir sozinha do mesmo jeito... - contou Lara, assoando o nariz.

Luna não precisou de muito tempo para pensar.

- Sozinha? Nesse apartamento gigante? De jeito nenhum. Enquanto seus pais estiverem fora, você dorme na minha casa. É pequena, mas é muito gostosa.

- Mas não sei quanto tempo eles vão ficar fora, pode demorar...

- Não importa. Você vai ficar comigo o tempo que precisar.

- Sério?

- Sério!

- Você não vai ligar para a sua mãe para perguntar se eu Posso dormir lá?

- Claro que não. Tenho certeza de que ela não vai se importar.

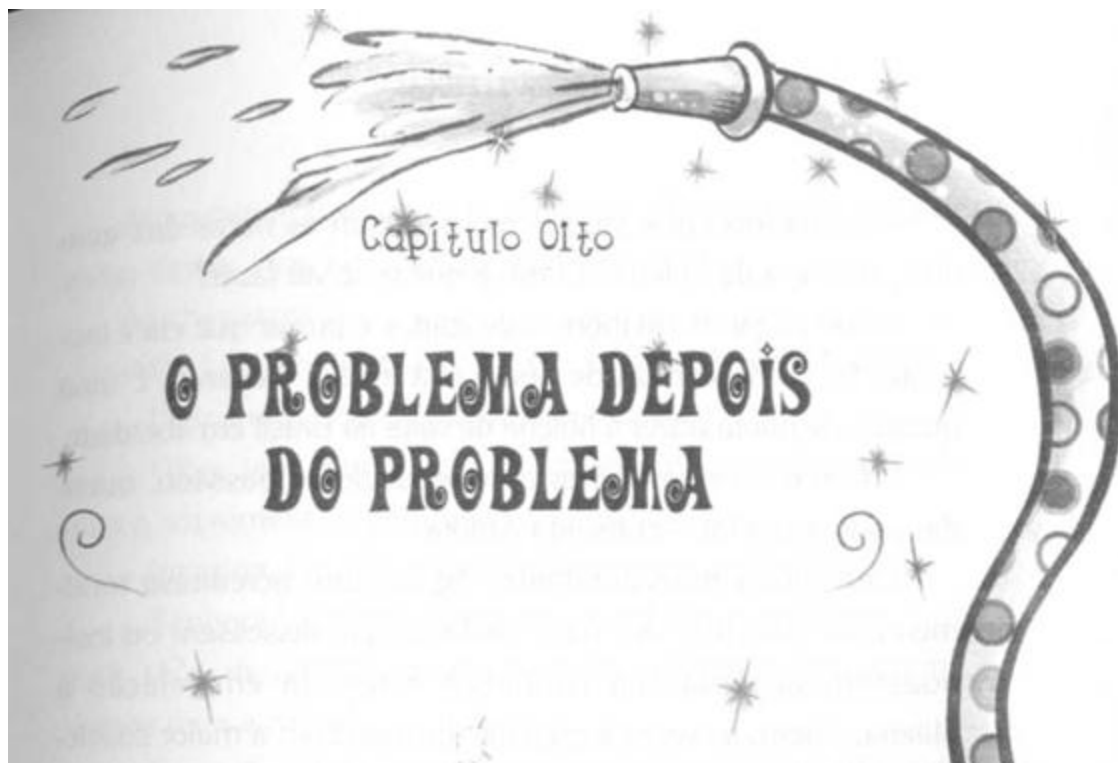
- Mas eu não quero dar trabalho...

- Que trabalho, menina? Vai ser um prazer hospedar você. E como diz minha mãe, onde comem três, comem quatro.

- Meus pais só vão viajar amanhã. Quero ficar perto deles até lá. Mas você não pode dormir aqui hoje comigo? Vou me sentir melhor. Aí amanhã a gente vai pra sua casa.

- Fechado!

Os olhos apagados de Lara se encheram de luz e sorriram sinceramente agradecidos para os de Luna. Naquele momento, ela soube que tinha pelo menos uma amiga, e ela estava ali, bem na sua frente, quando ela mais precisava.

Enquanto as duas se abraçavam ternamente, Tatu as observava de longe, com água

nos olhos e uma certeza: as fadas-mestras tinham escolhido a pessoa ideal para ajudar Lara.

Luna ficou grudada com sua nova amiga o domingo inteiro, até a hora do embarque dos Amaral. Lara estava abatida, inchada de tanto chorar, mal conseguira dormir na noite anterior. Estava assustada com o caos que virara sua vida, a imprensa fazendo plantão na porta de seu prédio, os amigos (os dela e os dos pais) sem dar as caras, a incerteza da situação de Milena, de seus pais...

Alfredo e Amora, aliás, tiveram uma conversa séria com a filha antes de ir para o aeroporto e garantiram: não sabiam de onde surgira essa história, não eram formadores de quadrilha e não traficavam obras de arte. Eram 100% inocentes

- Estou levando todos os comprovantes de compra de cada quadro pendurado no nosso apartamento. Vou provar a nossa inocência. Foi tudo um mal-entendido, uma piada sem graça Que o destino nos pregou - explicou seu pai.

- Mesmo aliviada, Lara derramou um monte de lágrimas.

- Ô, filha... não chora... Prometo limpar essa sujeirada que estão fazendo com a nossa família - disse ele, firme.

- Lara respirou fundo, esforçou-se para sorrir e perguntou o que estava martelando sua cabeça:

- A sua inocência vai ser provada com as notas dos quadros, mas e a da Milena? Como é que você vai fazer?

- Vou pagar os melhores advogados e provar que ela é inocente. Eu tenho certeza de que a sua irmã é inocente. É uma questão de honra trazer a Milena de volta ao Brasil em liberdade.

- E aí nós vamos deixar esse pesadelo no passado, querida, pode acreditar - consolou Amora.

Lara estava mais confiante. Agora, sim, acreditava totalmente na inocência dos pais. Nada do que dissessem ou insinuassem abalaria sua confiança neles. Já em relação à Milena... bem, às vezes a menina afirmava com a maior convicção do mundo que sua irmã era inocente; outras, tentava espantar o pensamento inevitável: "Será? Será que ela não tem culpa nenhuma?"

A escolhida das fadas cumpriu fofamente seu papel de amiga acompanhando Lara até o aeroporto Tom Jobim. A menina queria ficar com os pais até o último minuto.

Antes de embarcar, Alfredo e Amora viraram-se para Luna e agradeceram, emocionados:

- Muito obrigada por você estar ao lado da Lara num momento delicado desses, Luna. Eu não sei o que seria dela sem uma pessoa bacana por perto.

- Fico muito feliz de saber que a Lara vai ficar com você enquanto estivermos fora. Cuida dela pra gente, tá? - disse o pai.

- Pode ficar tranqüilo, tio. Eu e meus pais vamos tratar a Lara como se fosse da nossa família - respondeu Luna, orgulhosa, sentindo-se importante e madura.

Despedida feita, as duas foram para a casa de Luna a bordo do carrão importado dos Amaral, com Damião, o motorista da família, ao volante. Ele ficaria à disposição das duas enquanto os pais de Lara estivessem viajando.

As meninas fizeram todo o trajeto até a casa de Luna de mãos dadas, mas em silêncio. Ao chegarem lá...

- Oi, Lara, muito prazer, eu sou a Marcela, mãe da Luna.

- E eu sou o Otávio, pai dessa mocinha aí.

- Olha, tem estrogonofe de frango e mousse de maracujá para a sobremesa, espero que você goste.

- Imagina, tia. Vou adorar tudo o que a senhora fizer.

- Senhora? Senhora tá no céu, Lara! Pode me chamar de você, tá? - descontraiu a mãe de Luna. - O jantar está pronto. Vamos para a mesa?

- Sua mãe é fofa - sussurrou Lara para a amiga enquanto se encaminhavam para a sala de jantar.

A mesa, os pais de Luna, embora visivelmente nervosos com a situação da família de Lara, faziam de tudo para deixar a menina à vontade.

- Quero que você se sinta em casa aqui, hein, Lara? Nada de fazer cerimônia. Se sentir fome mais tarde é só fuçar a geladeira, sempre tem coisas boas lá dentro - avisou Marcela.

- Tá bem, tia, obrigada - agradeceu Lara, tímida. Silêncio se fez.

- Hoje teve jogo no Maraca. Você gosta de futebol? - perguntou Otávio.

- Não muito.

- Qual seu time?

- Flamengo.

- Boa, menina!

Risos tímidos e mais silêncio. Otávio resolveu quebrá-lo:

- Vai ser bom ter você aqui esses dias. A Luna, quando era pequena, vivia pedindo uma irmã, agora vai ser como se tivesse uma. Você tem irmã, Lara?

- Otávio! - Subiu o tom de voz Marcela.

- Pai! - repreendeu Luna. Que furo ele havia dado!

- Meu Deus, me desculpa! Que absurdo, claro que tem! Esquece, apaga! Desculpa, Lara!

- Não tem problema, tio. Não precisa ficar nervoso. Vocês estão me conhecendo agora e, se não fosse essa história toda, não saberiam se eu tenho ou não irmã.

- Lara, nós estamos do seu lado para o que der e vier. Estamos torcendo para tudo dar certo...

- Vai dar tudo certo, mãe - interrompeu Luna.

- Claro, vai dar tudo certo. Mas até lá quero que você olhe para a gente como uma segunda família. Sei que está sendo muito difícil para você, mas se quiser desabafar, chorar, berrar, pode contar com a gente, tá? Nossa casa é sua casa agora.

- Obrigada, tia. Obrigada mesmo.

- E então, gostou do estrogonofe?

- Maravilhoso. Vou até repetir, tá? Não comi nada hoje.

- O estrogonofe da minha mãe é péssimo, você jura que gostou? - ironizou Luna.

- Pior é o arroz, uma papa só. Coitada da Lara... deve estar com fome, mesmo... - brincou Otávio.

O clima descontraiu e o jantar prosseguiu otimamente. Ao terminarem, as meninas foram para a Casa da Luna.

- Uau! Que quarto irado! Quantas luas, quantas estrelas... Quantos desenhos maneiros! - exclamou Lara ao entrar no quarto da nova amiga, embasbacada com tanta criatividade espalhada por tão poucos metros quadrados.

- Eu sei! - gabou-se a menina. - Eu que fiz tudo! Da maçaneta ao mural com colagens.

- As pinturas do teto também?

- Também, claro.

A conversa fluiu pouco, ambas estavam exaustas, suas pálpebras logo começaram a pesar. O dia tinha sido esquisito, lento, triste. E tristeza cansava, isso as duas aprenderam.

Quando Luna estava quase pegando no sono, sentiu um cutucão no ombro. Não era Lara, era Tatu. Lara dormia profundamente no colchonete.

- Onde é que você estava? Sumiu o dia inteiro! Eu estava preocupada! Como é que me deixa sozinha sem saber o que fazer? - sussurrou, com medo de acordar sua nova amiga.

- Pode falar normalmente, sua garota perguntadeira! Joguei "Ô, sonho bom!" em todo mundo hoje, principalmente na Lara, ela estava precisando, só teve pesadelos desde a prisão da irmã.

- Você pode me dizer qual é o próximo passo, pode me dar uma luz? O que eu faço com ela agora?

- O que você tá fazendo está ótimo, ela não precisa de mais nada além de um ombro amigo.

- Eu jurei que ela teria mil ombros amigos.

- Não te disse que ela não tinha amigos? Pelo menos não amigos de verdade.

- E pensar que eu achei que ela, por ser popular, tinha o mundo nas mãos.

- Pois é, agora que ela não é mais a rica, famosa e invejada da escola, acabaram os amigos. Eles eram amigos da imagem da Lara. A imagem dela ficou ruim, eles não pensaram duas vezes na hora de sumir.

- Coitada. Estou com tanta peninha dela.

- Prepare-se para ficar com mais pena amanhã. E seja forte.

- Como assim "seja forte"? O que vai acontecer amanhã? Não gosto de códigos.

- Não posso dizer mais nada, Luna, tenho que ir.

- Não! Antes me diz o que vai acontecer amanhã! Vão descobrir se a Milena é inocente ou culpada? A Milena é inocente ou culpada?

- Não quero falar sobre isso, vamos mudar de assunto, por favor!

- Tá bom, tá bom! - concordou. Mas depois de uma breve pausa, não resistiu: - Última pergunta? Só mais uma!

- Tá - rosnou Tatu.

- O pai delas é culpado ou é inocente? E a Milena? Trafica quadros caros mesmo? Eles vão ser presos? Tem a ver com a história dos gringos que a Lara contou? A Lara vai ser presa? -perguntou, roxa de curiosidade.

- Cinco perguntas. O trato era uma, portanto, não vou responder nenhuma. Agora vamos falar daquele aguado e sem-sal do seu namorado Léo? Francamente. Nem ligou para saber de você... Meninos, humpf!

- Que namorado? A gente só ficou! Já te falei!

- Ah, é. Esqueci essa sem-vergonhice!

- Quer fazer o favor de voltar para o assunto e me dizer se a Milena é inocente ou culpada?

- A partir de agora, a gente só vai conversar quando a Lara estiver dormindo, tomando banho ou bem longe da gente, tá?

- Não foi isso que eu perguntei! - irritou-se Luna. - Ela é inocente ou culpada?

- Não sei, mas se soubesse não diria. Você tem que continuar amiga da Lara independentemente do desfecho dessa história. Amiga é para isso, não importa o que aconteça, está sempre ali.

- Eu sei, eu sei! Eu vou estar com a Lara nas horas boas e ruins, pode ter certeza. Mas eu mereço saber!

- Merece nada! Está fazendo muita pergunta chata, tchau, vou pra praia sentir cheiro de mar, deu saudade.

- Não, não mesmo! Tatu! Não me deixa falando sozinha! Tatu! Volta aqui!

Tarde demais. A fada tinha evaporado. Desta vez, sumiu e deixou no ar um pozinho azul muito brilhante, que tinha um gostoso cheiro de maresia.

No dia seguinte, Luna fez um chocolate gelado para a amiga e levou para o quarto.

- Normalmente eu como só uma maçã ou uma fruta-do-conde de manhã, mas como você é hóspede, fiz esse chocolate. Eu não boto açúcar, você bota?

- Não, assim tá ótimo. Hum... Tá uma delícia, parece milk-shake - disse Lara, bebericando seu café-da-manhã com os olhos inchados de sono e choro bem mais serenos com Luna por perto.

- Não precisa exagerar, vai! - Riu Luna. Um breve silêncio se fez no quarto colorido.

- Brigada, viu? Por tudo - agradeceu Lara, antes de deixar cair uma lágrima.

- Ô, Lara... Não chora... Eu estou fazendo por você o que eu gostaria que uma amiga fizesse por mim.

- Amigas... eu não sei o que é isso.

- Não diz bobagem! Você tem várias...

- Ah, é? Cadê elas? Cadê a Ju, a Dani? - perguntou Lara, com o coração apertado, angustiado. - Eu achei que tinha amigas, achei mesmo que eu fosse querida... Mas ninguém nem me ligou. Ninguém.

Luna lhe deu um abraço forte, esmagado, abraço de urso. Depois de mais uns soluços, Lara correu para debaixo do chuveiro para limpar as lágrimas e a tristeza. Era preciso se preparar para o dia que estava nascendo.

A bordo do carrão importado guiado por Damião, o motorista dos Amaral, a dupla aportou na escola pontualmente às 7h30, coisa rara para a dorminhoca Luna, que quase sempre se atrasava para o primeiro tempo. Assim que chegaram ao colégio, a menina percebeu que o problema de Lara estava só começando.

À medida que Lara e Luna passavam pelos alunos, sentiram na pele o que é crueldade adolescente. O que se viu naquele estabelecimento de ensino foi o mais puro e cruel desprezo coletivo da história das escolas. Pela primeira vez na vida, Lara encarou olhares raivosos e carrancudos e ouviu coisas do tipo:

- Você e sua irmã, duas patricinhas cheias de pose... traficantes de quadros! Filhas de traficantes! Quem diria?

- A gente não é traficante! - reagiu Lara, com todas as veias saltando ao pescoço.

- Ah, não? Aqueles quadros todos da sua casa foram comprados legalmente? Duvido! - debochou um garoto.

- Foram, claro que foram! E meu pai vai provar para todo mundo que nós somos inocentes! - disse, perdendo a força da voz.

- Quer dizer que é por causa desse dinheiro sujo que você se acha melhor que os outros? - espetou uma gordinha.

- Não fala com ela, não, Sofia! Ela é de família de bandidos! E a gente não fala com bandido.

- Bandido não merece nem bom-dia! - alfinetou outro garoto.

- Você c sua irmã deveriam ser expulsas, acho um absurdo ter que estudar no mesmo colégio de duas criminosas - decretou uma guria de cabelos longos.

Lara estava tão magoada que não conseguiu responder. Quanto mais ouvia os desaforos, mais claro ficava: alunos mais velhos, mais novos... vários estudantes de todas as séries pareciam ter se unido com um único objetivo: humilhá-la. Para tanto, viraram-lhe as costas quando ela passou com Luna e olharam-na com expressões de nojo e recriminação. O horror. Às sete e meia da manhã.

A provocação feriu profundamente a alma de Lara. O choro subiu engasgado, chegou aos olhos, estava pronto para transbordar. Antes que isso acontecesse, ela correu em disparada na direção do banheiro mais próximo, para não derramar nenhuma lágrima em público.

No caminho, seus olhos cruzaram com os de Pedro Maia que estava em silêncio, parecia apenas assistir a tudo de camarote. Ela tinha certeza de que ele não a hostilizaria. Apavorada com a reação dos alunos e sentindo-se a pior pessoa do mundo, tudo o que ela esperava do menino que a beijara na última sexta-feira antes da prisão de sua irmã era um olhar cúmplice, um sinal de ajuda, um gesto amigo.

Lara acenou para Pedro Maia e deu para ele um meio sorriso tímido, porém sincero. No olhar lacrimejante, ela deixou claro para ele toda a sua angústia e o quanto ela precisava de um ombro acolhedor naquele momento.

Pedro Maia fingiu que não a tinha visto. Pedro Maia fez Pior. Olhou para cima, como se fizesse questão de que Lara soubesse que ele não queria falar com ela.

Que decepção!

- Pedro. Pedro? - tentou ela, assustada com a atitude do garoto.

Pedro estava ao lado dos amigos e não lhe deu sequer um oi. Continuou a agir como um estranho e parecia ter total aprovação dos amigos, que diziam em voz alta:

- Outra apaixonada, Pedro! Tu é demais, mermão!

- Tu não perdoa! Tu destrói o coração da mulherada!

- Tu tem mel, cara! Ontem no shopping foi a Mari, da sexta série, agora a Lara. Tu é meu ídolo!

Pedro Maia ouvia a tudo orgulhoso, sorrisinho cafajeste no rosto, peito empinado, parecia um rei sendo admirado pelos plebeus. Entre chocada e desapontada, Lara apressou

ainda mais o passo pensando na tragédia em que sua vida se transformara do dia para a noite. Além de tudo, seu ficante resolveu tirar a máscara justamente quando ela mais precisava dele. Não que ela se julgasse namorada ou futura namorada do Pedro Maia, mas esperava dele uma atitude no mínimo decente.

Luna viu a cena, ficou com ódio mortal de Pedro Maia e foi atrás da amiga, gritando seu nome.

- Você, hein, Luna? Até outro dia nem falava com a Lara, agora ficou amiguinha dela assim, do nada? - instigou uma menina da sétima série.

- Acha que vai se dar bem, que vai andar de iate e ir para Angra? Ela não vai praquela casa tão cedo! Se bobear eles vão ter até que vender a mansão para pagar os advogados, porque o negócio tá feio pro lado deles. Hora errada para se aproximar da ridícula.

- Ela não é ridícula!

Foi aí que Tatu, até então desaparecida, deu o ar da graça, puxando a orelha de Luna:

- Nada de briga! Anda, anda! - disse a fada, que vestia uma inacreditável roupa de bombeiro.

- Pára! Eu quero defender a minha amiga! Solta a minha orelha! - gritou Luna para Tatu, sem pensar que a pequena multidão à volta podia achar que ela era uma doida que falava com o nada.

- Não agora! Agora você precisa **ajudar** a sua amiga!

- Ela não é ridícula! - berrou Luna mais uma vez para a menina que tinha implicado com ela.

Caminhando rápido rumo ao banheiro, Tatu explicou:

- Ela foi ridícula com muita gente, você e todas as suas amigas a chamavam de ridícula até outro dia, você sabe. E ela não foi apenas ridícula. Soube ser esnobe, agressiva e arrogante quando quis. Humilhou vários dos que estão sendo hostis com ela hoje.

- É, isso é... Caraca, neguinho não perdoa... cai em cima mesmo, é como se eles estivessem se vingando de tudo o que ela fez pra galera.

- Claro! É por isso que ela está recebendo esse tratamento das pessoas. Ela sempre foi uma vaca com todo mundo aqui.

- Ela não é vaca! E nem ridícula! - retrucou Luna, já distante da muvuca.

- Se você repetir que ela não é ridícula, eu te jogo o pozinho "Ô, Pum Podre!" que você vai ver só, ninguém vai agüentar chegar perto de você e você vai ficar sozinha! Sozinha pra sempre!

- Eca! Que fada troglodita! Que nojo isso que você falou! Fada é pra ser bonitinha, bo-ni-ti-nha! - estrilou Luna, nojinho total.

Dito isso, a garota estacou, sua cabeça voou pra longe, ela respirou fundo e perguntou, mesmo com medo de ouvir a resposta:

- Você acha que se não fosse você, eu estaria fazendo coro com os outros alunos, tratando mal a Lara? - Luna sentiu um frio na espinha.

- De jeito nenhum. Crueldade e injustiça não combinam nada com você.

A menina ficou visivelmente aliviada. E feliz. Com a cabeça momentaneamente livre de preocupações, teve tempo de enfim reparar:

- Que roupa sem noção é essa? - perguntou, analisando o modelito da fada.

- Eu não vim apagar fogo? Quem apaga fogo é o quê? Bombeiro, uai! Agora deixa de conversê, entra lá! - determinou Tatu antes de desaparecer, deixando no ar uma fumacinha vermelha, claro, para combinar com seu *look* incêndio.

Luna entrou no banheiro feminino e logo ouviu os soluços de Lara, que chorava sentada de pernas cruzadas na tampa de um vaso sanitário, de porta trancada.

- Lara, vamos conversar - tentou Luna, grudada na porta que estava fechada.

- Eu não quero falar. Vai embora, por favor.

- Mas eu quero conversar com você, vem pra cá.

- Eu não vou sair daqui. Nunca mais - desabafou Lara, assustada com o burburinho que aumentava do lado de fora. -Eu achava que algumas pessoas não iam com a minha cara, mas, pelo visto, ninguém vai com a minha cara.

- Não é verdade...

- Luna, eu não sou cega, eu vi o que está acontecendo lá fora. Todo mundo me odeia. E quem não me odeia só me atura - choramingou. - Que barulho é esse?

As duas não contavam com a surpresa que se aproximava no formato de algazarra. Gritos, palmas, assovios e palavras de

ordem foram gritados por um grupo de alunos, que agora estava ainda maior e cercava o banheiro:

- Aqui se faz aqui se paga!

- Você e sua irmã nojentinha vão fazer pose na prisão!

- Vão comer comida de prisão!

- E suas roupas caras de grifes famosas? Vão ficar com quem?

Aos poucos, o banheiro foi invadido por meninas com idades, tamanhos, pesos, índoles e caráter variados. Com medo, mas bancando a corajosa, Luna postou-se de braços abertos diante da porta do sanitário em que Lara se encontrava, numa tentativa de protegê-la da galera enfurecida.

- Daqui ninguém passa!

- Sai daí, Luna! Essa patricinha precisa saber o que é ser zoada, o que é se sentir na pior, mais suja que esgoto. Essa menina me chamou de bunda gorda na frente de todo mundo. *Trafica* ridícula - reagiu Tuane, da sétima B.

- Pára com isso, gente! Os advogados da família dela estão cuidando de tudo! Foi um engano!

- Sai daí, sua puxa-saco! - disse Karla, uma fortona do segundo grau, dando um empurrão que derrubou Luna no chão do banheiro.

Lara, agora, além de chorar suava frio, seu sangue parecia ter ido para o pé. Ela tinha certeza de que não demoraria muito para aquela porta ser derrubada.

- Vem pra cá, covarde! Mostra a sua cara! Vem olhar no nosso olho e pedir desculpas por todas as grosserias que já fez com a gente e com meio colégio! - gritou Núbia, socando a porta do sanitário de Lara, assustando ainda mais a menina.

- Eia, eia, eia, Milena na cadeia! Ece, ece, ece, ela bem que merece!

- Minha irmã não merece ir pra cadeia! - reagiu Lara. - Sai daqui, gente, por favor! - implorou.

- Isso é injustiça, meninas! Ela tá chorando! - bradou Luna, levantando-se do chão.

- Ah, tadinha da mimadinha... Tá chorando, tá? Tô mor-reeeendo de pena - debochou uma aluna da oitava série.

- O que mais ela poderia fazer além de chorar? Não sabe fazer nada a não ser gastar o dinheiro do pai e falar mal dos outros!

- Filhinha de papai que gosta de desprezar os que não são ricos como ela!

As meninas estavam enraivecidas. Parecia questão de honra espezinhar a esnobe que desprezava os que "não tinham berço", como Lara disse certa ocasião para uma aluna de sua sala. A situação começou a ficar fora de controle. Luna estava acuada, queria sair para chamar a coordenadora, mas não podia deixar Lara sozinha.

O medo fez o suor brotar na testa, o coração bater acelerado.

- Todo mundo para a minha sala, acabou a bagunça! - gritou Veridiana, a coordenadora da sétima série, ao entrar no banheiro. - Deixem a Lara em paz! Se ela está com um problema, nós devemos ajudá-la, não deixá-la ainda mais triste! Uma vergonha o que vocês estão fazendo! Pra minha sala, já!

Aos poucos, as meninas saíram, cabeça baixa. Foi então que chegou Nazaré, a diretora da escola, uma senhora de seus 50 e poucos anos, 1,90m de altura e escassos cabelos vermelhos que só era vista fora de sua sala nos eventos mais importantes da escola.

- Lara, você pode sair para nós conversarmos? Reconhecendo a voz da diretora, ela abriu a porta e saiu, olhos vermelhos, nariz inchado.

- Eu sei o que você está passando, querida...

- Não sabe, não... Tá sendo muito pior do que a senhora imagina...

- Lara, eu vim aqui para dizer que daremos todo o apoio que você precisar. Para você e para a sua família.

- Obrigada, dona Nazaré.

- Agora o melhor a fazer é ir para casa. Não se preocupe com ausência na chamada... Nós realmente não esperávamos essa reação dos alunos, eu quero conversar com as turmas, os professores, punir os envolvidos na baderna... Melhor você ficar em casa uns dias.

- Posso ficar com ela? Ela tá dormindo na minha casa, os pais estão viajando... Não queria deixá-la sozinha...

- Pode, sim, Luna. Depois eu ligo para sua mãe para conversar sobre as aulas que vocês vão perder. Vão pra casa, descansem, tentem se distrair... E lembre-se, pode contar comigo e com a psicóloga do colégio... Somos todos uma família e só queremos o seu bem.

Lara correu na direção da diretora e, apertando forte sua cintura, chorou um choro angustiado, abafado, porém agradecido. Luna, por sua vez, deixou uma lágrima cair discreta pelo canto do olho enquanto via o sofrimento da amiga.

Era triste constatar que sem a máscara de durona, Lara era frágil, desprotegida.

Foram para o apartamento de Luna. Lá, Lara desabafou:

- Eu fui uma vaca. Vaca ridícula, sem noção! Com todo mundo naquela escola.

- Não, não fala isso!

- Luna, está na cara que a galera não está me tratando assim só por causa da minha irmã, que também não é muito chegada num sorriso. Eles querem se vingar da gente, da maneira com que eu e a Milena tratamos algumas pessoas...

Lara pôs-se a chorar. Luna não conseguiu dizer nada, sabia que era verdade, mas não achou que era hora de pisar ainda mais nos sentimentos e na auto-estima da garota. Garota que precisava falar, chorar, respirar:

- Se arrependimento matasse, eu estaria morta agora. Por que eu fui tão grossa com o Paulinho-come-cabelo, a Diana-tênis-furado, a Lídia-cabelo-de-palha, o Ilan-cara-de-peixe, o Tita-fala-cuspindo, a Paty-cabeçona? Por que inventei esses apelidos asquerosos? Por que tratei tão mal gente que nunca fez nada para mim? Por que esnobei alunos que eu julgava não serem do meu nível social? Por que não fiquei amiga das pessoas certas? Por que a gente erra tanto? E por que só quando acontece uma coisa dessas a gente se arrepende de ter errado?

Luna ficou sem ação com tantos porquês. Mas arriscou dar uma de conselheira:

- A vida é assim, cheia de erros e acertos. Uns erram mais, outros menos. Mas todo mundo erra.

- Eu errei mais que todo mundo junto.

- Mas está arrependida, o que te faz melhor do que muita gente junta.

- De que adianta me arrepender se ninguém nunca vai me perdoar?

- Claro que vai!

- O que eu passei hoje, Luna, eu não desejo pra ninguém. Nin-guém! O colégio inteiro contra mim... como se não bastasse meu sofrimento e todos os pontos de interrogação na minha cabeça, no meu coração...

- Ô, Lara, eu sei... Mas não foi o colégio inteiro. Foi um grupo. Aposto que um monte de gente não concordou com o que fizeram com você. E já, já, isso passa e vai tudo voltar ao normal, você vai ver.

- Desculpa, tá?

- Desculpa por quê?

- Por tudo o que eu te fiz.

- Você não fez nada...

- Fiz sim. Fui grossa com você outro dia, achei que você estava a fim do Pedro Maia e só agora vi que ele é um idiota, não me deu o menor apoio, nem olhou pra mim.

- Deixa disso.

- E pensar que eu fiquei duas vezes com o palhaço... -lamentou-se Lara. - Agora que a gente é amiga eu posso falar, só fiquei com ele porque ele é popular, viu? E porque nós dois juntos formávamos um casal lindo. Porque ô garoto pra beijar mal!

A escolhida de Tatu riu de Lara, que acabou rindo também. Luna fez cara de surpresa, não podia dizer que soube por uma fada que Pedro Maia tinha o beijo ruim.

O riso não durou muito e logo deu lugar ao clima triste.

- Eu vou mudar de escola. Vou para uma bem longe da nossa.

- Não! Você estuda lá desde pequena! Todos os professores te conhecem!

- Nunca mais vou ter coragem de botar os pés naquele colégio. Não quero estudar num lugar onde todo mundo me acha um monstro. Sem contar que não tenho como pedir desculpas para a galera, ninguém vai querer me ouvir.

- Que nada, que pessimismo fora de hora! As pessoas vão ver que você está arrependida e vão te dar uma segunda chance. Todo mundo merece uma segunda chance, afinal.

- Até eu?

- Até você, Lara... Além do mais, a galera vai ver que pisou na bola, foi horrível o que eles fizeram hoje de manhã. Agiram muito mal. Resolveram te dar vários socos no estômago para revidar um tapa na cara.

- Você acha isso mesmo?

- Claro!

- Mas eu não mereço segunda chance. Minha dinda vive dizendo que "aqui se faz, aqui se paga". Não é preciso ser muito esperta para entender que é isso que tá acontecendo comigo.

As duas se abraçaram forte. Luna não tinha nada a dizer, ela sabia que Lara estava certa, ela nunca fora bem-vista por vários alunos da escola, agora, então, com a prisão da irmã e a derrocada de sua família estampada nos jornais, os adolescentes estavam claramente revidando os maus-tratos e a postura esnobe da menina.

- O primeiro passo é se arrepender e querer mudar de atitude. Isso, por si só, já é muito lindo. Afinal, todo mundo erra. Não foi Jesus que disse para atirar a primeira pedra aquele que nunca pecou?

Lara desabou num choro sofrido, lotado de dor, angústia e vergonha. De si mesma, de seu passado, de suas atitudes. Por um lado, Luna sentiu pena da amiga. Por outro, uma alegria imensa por Lara ter descoberto tudo sozinha, ela não precisou dizer nada. Como amiga, ela entendeu que seu papel era ouvi-la, incentivá-la, fazê-la esquecer os erros do passado, botá-la pra frente, levá-la a acreditar que tudo ia acabar bem.

Invisível para não interferir naquele momento desabafo, Tatu observava a dupla e se orgulhava de sua escolhida: Boa menina. Boa menina....

À noite, quando todos dormiam, a fada surgiu usando um vestido de seda escuro frente única, rodado e estampado por pequenas flores coloridas.

- Luna, estou muito orgulhosa de você. Você virou uma amiga e tanto para a Lara.

- Tatu, que bom que você apareceu, eu queria mesmo falar com você sobre isso. Como é que num dia eu odeio uma menina e no outro adoro ajudá-la? Ela é muito frágil, indefesa, é forte só por fora. O que eu mais quero é proteger a Lara. Por que isso tá acontecendo? Você jogou algum dos seus pozinhos em mim? Algum do tipo "Ô, protetora-de-riquinhas-que-se-arrependem-de-tratar-mal-os-outros!"?

- Claro que não, Luna. Você acha que existe esse tipo de pozinho? Impressionante, você não entende nada de pozinhos! Ser esnobe, andar de nariz em pé e pisar firme foi a maneira que ela encontrou para que ninguém notasse sua fragilidade, sua timidez, sua insegurança. Maneira errada, diga-se de passagem. Mas as pessoas erram, como você mesma disse. E ela descobriu isso com a sua ajuda.

- Se não fosse você, eu não ia saber que posso ajudar uma pessoa com um simples abraço, um olhar carinhoso, um sorriso sincero. *Brigada,* tá?

- Tolinha, mais cedo ou mais tarde você descobriria que ela não é o monstro que você pintava.

- Como? Eu odiava a Lara, não gostava nem de ficar perto dela.

- Você não odiava a Lara. Apenas não ia muito com a cara dela.

- Eu não ia nada com a cara dela.

- É, mas vocês já estavam predestinadas a serem amigas, eu só vim adiantar essa amizade.

- Como é que é?

- Ela não podia passar por esse problemão sozinha. Como vocês dizem hoje em dia, ninguém merece passar por um problema desses sem ajuda. Por isso vim dar um empurrãozinho e acelerar a aproximação de vocês.

- Como assim você sabia que eu ia ser amiga dela?

- Alou! Essa missão quem me passou foi a Tininha, a fada responsável pelo Departamento de Antecipação de Amizade!

- Departamento de Antecipação de Amizade? Não é possível que exista um negócio desses!

- Claro que existe, não faça pouco do meu trabalho, ele é muito importante! É o meu sustento!

- O que fazem nesse departamento? - perguntou ela, descrente.

- Criatura, você não ouviu o nome do departamento? An-te-cí-pa-ção de a-mí-za-deeee - soletrou a fada, vários tons acima, como se estivesse falando com uma velha surda. -Portanto, o meu trabalho lá é antecipar amizades, Luna! Fadinhas do céu, o que houve com essa menina, emburrou de vez?

- Não sou burra! É que eu nunca achei que...

- Você nunca achou que fada existisse, sua chatonilda, e olha eu aqui!

- É, isso é verdade...

- E é verdade também que vocês não demorariam seis meses para virar melhores amigas. Estava escrito.

- Quê? Escrito onde?

- Ah, não, chega de pergunta. Tô com paciência, não. Vai dormir, vai. Agora eu estou indo passear na Lapa. Vou aproveitar para dar uma sambadinha. Adooooro samba - disse a fada, arriscando uns passos. Dançando, continuou: - Nós temos vários sambistas famosos no nosso mundo, sabia? Fadinho da Vila, Fadinho da Viola, dona Ivone Fada, Zeca da Fadinha...

- - Zeca da Fadinha? Fala sério!

Luna riu dos nomes dos sambistas do mundo das fadas (que mais pareciam genéricos dos sambistas do nosso mundo) e da sambadinha um tanto desengonçada de Tatu. E nem insistiu para ela ficar e explicar melhor aquela história de antecipação de amizade. Já tinha percebido que a fada, além de falar birutices de vez em quando, era dada a um mistério.

O dia seguinte passou devagar, cada hora pareceu uma eternidade. À noite, os pais de Lara ligaram com duas notícias, uma ruim e outra boa. Lara quis saber a boa primeiro. Sua mãe contou que as acusações de formação de quadrilha contra seu pai foram desmentidas, sua inocência estava provada e a família livre de todas as denúncias.

Segundo a Interpol, a tal família procurada por traficar valiosas obras de arte tinha o mesmo perfil deles: pai médico dono de clínica e duas filhas - uma coincidência que piorou o problema dos Amaral por longas horas. Só que as filhas do traficante tinham 24 e 26 anos, não 18 e 13, como Milena e Lara, e a clínica era de fachada. E mais: eles eram alemães, não brasileiros. No dia seguinte, os jornais estampariam em suas páginas a inocência de Alfredo Amaral e família.

- E a notícia ruim? - quis saber Lara, nó na garganta.

A parte ruim da história era em relação à Milena, claro. A situação continuava tensa, angustiante. Nada que pudesse inocentá-la fora descoberto.

Lara caiu de choro na cama depois do telefonema. Chorou toda a tristeza que sentiu ao ouvir que a liberdade de sua irmã continuava em jogo.

Apesar de preocupada, a menina não demorou muito para pegar no sono. Estava exausta. Luna conseguiu entretê-la durante todo o dia com jogos, imitações e guerra de travesseiros. Também lhe ensinou a pintar, a fazer embaixadinhas e brigadeiro no microondas. As duas estavam cada vez mais unidas.

O curioso é que mesmo dormindo, a ruguinha entre as sobrancelhas não abandonou o rosto de Lara. Afinal, sua irmã corria o risco de ficar atrás das grades. "Tão nova! Tem tanta vida pela frente!", lamentou antes de dormir.

Na segunda noite, os pais de Lara telefonaram novamente. Agora, sim, estavam aliviados. Uma câmera do aeroporto havia flagrado dois jovens conversando com Milena e um terceiro colocando um objeto cilíndrico em sua mochila. Não demorou para que a polícia descobrisse que os gringos eram franceses e faziam parte de um grupo de traficantes de obras de arte conhecidos por circular nas festas da alta sociedade, viajar de primeira classe e ter cara de bem-nascidos.

Depois do jantar, Luna e sua mãe conversaram com Lara, que pela primeira vez foi vista sem a imensa nuvem negra sobre a cabeça.

- Bem que meu pai sempre diz, "bandido nem sempre tem cara de bandido". Por isso ele enche tanto o meu saco pra eu não falar com estranhos, né, mãe?

- Isso mesmo, filha. Agora, como é que a sua irmã foi cair numa dessas? - perguntou a mãe de Luna.

- A Milena é supercarente, tia - respondeu Lara. - Quase não tem amigos, é solitária e triste, por mais que diga o contrário. Basta se aproximar dela com um sorriso que ela se abre. Ainda mais sozinha, viajando. Ela devia estar mais carente ainda, né?

- Sua mãe me disse por telefone que os gringos convidaram a Milena para uma festa chique num castelo nos arredores de Paris.

- Os caras deviam ser simpáticos, ter uma conversa legal... E a Milena é toda metida porque fala francês, adora praticar a língua. Além do mais, só pensa em festa. Num castelo, então... Ela deve ter enlouquecido com a idéia! Puxaram o assunto certo para enrolar a minha irmã. Por isso ela ficou entretida na conversa e não percebeu quando o cara botou a tela enrolada na mochila dela - arriscou Lara. - Sem contar que a minha irmã adora um gringo branquelo, se apaixona na hora.

- Olha só... sotaque francês, beleza, boa conversa e roupas de grife foram o bastante para ela acreditar que eles eram tão bem-nascidos quanto ela - opinou Luna.

- Esse golpe é típico: alguém simpático se aproxima da vítima, puxa assunto para distraí-la e aí outro alguém chega por trás de mansinho e rouba a pessoa ou faz o que fizeram com a sua irmã - explicou a mãe de Luna. - Olha aí como a gente não deve julgar ninguém pela aparência. Nem para o bem nem para o mal - completou seu raciocínio, aproveitando a oportunidade para dar uma lição para a filha e sua amiga.

- Tá certíssima, tia - concordou Lara, levantando-se e dando um beijo na mãe de Luna. - Vou dormir, gente. Tá batendo aquele sono, sabe? Boa-noite.

Marcela e Luna ficaram mais um tempo na sala, conversando.

- Eu estou muito orgulhosa de você.

- Por quê, mãe?

- Pela sua forma de tratar a Lara, de se aproximar dela num período delicado desses... Você está de parabéns, está sendo uma fadinha na vida da sua amiga. Protegendo-a, ajudando-a, tudo isso no momento mais difícil da vida dela.

Luna mal pôde acreditar no que sua mãe dissera. Ela, uma fada. Que elogio bacana! Agora, que conhecia uma de perto, Luna sabia que ser fada não era para qualquer uma. "Que máximo que minha mãe pensa que eu poderia ser uma Tatu", comemorou internamente.

- Eu acho que todo mundo merecia ter uma fada por perto em momentos difíceis.

- Engraçado, filha, quando eu era criança, sabe que eu acreditava nessa história de fada madrinha? Vivia querendo conhecer a minha. Criança tem cada uma...

A adolescente riu com a mãe. Ah, se ela soubesse de toda a história... Mas nunca saberia. Era um segredo seu. Seu e de Tatu, a fada mais legal do mundo das fadas. Despediu-se de Marcela com um beijo carinhoso e foi para o quarto dormir feliz da vida. Afinal, sua relação com a mãe estava a cada dia melhor.

No dia seguinte, depois de novo interrogatório, a situação de Milena estava quase resolvida, mas tinha um porém:

- Ela é inocente, o problema é que ela agrediu os policiais - contou Lara.

- Por que será que ela fez isso? Achei que a Milena era agressiva só com crianças, não achei que ela seria louca a ponto de enfrentar policiais.

- Ela não é agressiva, Luna! Ela disse para a mamãe que os gringos deram uísque pra ela. Logo uísque, que a Milena odeia o cheiro, odeia o bafo que deixa! Ela nunca bebe, não está acostumada, aposto que foi por causa da bebida que ela extrapolou - deduziu Lara. - O que me irrita é ela ser tão sem personalidade, tão maria-vai-com-as-outras. Bebeu só para agradar a uns caras que ela nem conhecia. E que podiam ter acabado com a vida dela, podiam ter tirado a liberdade da minha irmã.

- É, mas pelo que a sua mãe explicou para a minha, essa questão da agressão pode ser resolvida com o pagamento de uma multa.

- Uma multa bem salgada, com certeza. Não quero nem pensar no castigo que minha irmã vai levar dos meus pais quando chegar.

- Castigo que ela vai adorar. Qualquer coisa vai ser muito melhor do que anos enjaulada na prisão, pensa nisso.

O andamento das investigações saía diariamente nos jornais e Lara não via a hora de ver sua irmã inocentada de vez. Não só para poder respirar aliviada, mas para poder revidar a humilhação, os olhares raivosos e as ofensas ferinas que sofreu na escola. O que ela mais queria era urrar para o mundo que sua irmã e seus país eram inocentes, I-no-cen-tes.

Lara podia até ter desconfiado das amizades da irmã, mas uma coisa era certa: bandida, Milena não era. Nem ela, nem seus pais. Eles não precisavam traficar obras de arte para ganhar dinheiro, seu pai tinha o suficiente para sustentar o estilo de vida da família, vaidade era um negócio lucrativo para o cirurgião.

A nuvem de preocupação estava cada vez menor, o que permitia que as novas amigas se entrosassem mais e mais.

- Luna, minha fofolete, tá na hora de depilar esse bigodinho, hein? Você pre-cí-sa fazer esse buço. Ninguém merece menina bigoduda.

- Tô bigoduda?

- Bigodudésima! E tem o rosto tão bonito!

Luna ficou feliz e surpresa com o elogio da linda Lara.

- Você acha meu rosto bonito? - quis saber a bigoduda, olhinhos brilhando.

- Claro que acho. O que estraga é esse matagal em cima da sua boca. Duas puxadas com cera quente acabam com isso e você vai ficar mais bonita ainda. Minha depiladora é ótima, vamos marcar para sábado que vem?

- Não sei... morro de medo de sentir dor...

- Que nada! A dor é suportável. A gente sofre para ficar bonita, não é boato essa história. Mas eu vou estar lá para apertar a sua mão. - Lara botou todo o seu lado patricinha para fora.

Luna ficou visivelmente feliz por ver a amiga se preocupar com ela, com sua aparência, sua pele. Até sua dor.

- Eu precisava de uma patrícia para me dizer isso, porque eu jamais tiraria o bigode.

- Buço, Luna. Buço - corrigiu Lara, sorrindo. As duas riram juntas.

- É o mínimo que eu posso fazer por você. É muito pouco em comparação a tudo o que você está fazendo por mim.

Mais um dia se passou e finalmente Milena estava livre para voltar para o Brasil com os pais. Eles chegariam na manhã seguinte, bem cedinho. Com a família novamente em solo carioca, Lara voltaria a dormir no aconchego de sua casa. Era sua última noite no apartamento de Luna.

- Vou sentir saudade daqui. Da sua casa, da sua mãe, sempre tão carinhosa, do seu pai, do seu quarto maravilhoso...

- Também vou. Mas você sabe que minha casa é sua casa. Sempre que quiser vir matar saudade do meu teto colorido é só tocar a campainha.

- Olha que eu venho, hein? - brincou Lara.

- Pode vir. Da próxima vez que você vier, eu chamo a Bia Baggio e a Nina Dantas também. Elas vão adorar você. E você vai adorar as duas. E a gente vai ser o quarteto de amigas mais irado daquela escola.

A conversa rolou até alta madrugada. Lara estava ansiosa, louca para o dia seguinte chegar logo e dar um abraço apertado nos pais e, principalmente, na irmã, com quem não iria nunca mais brigar, jurara para si mesma.

Assim que as meninas pegaram no sono, Tatu apareceu, acordando Luna. Dessa vez, ela estava diferente. Surgiu flutuando, suavemente, vinda do teto colorido envolta por uma luz dourada que sua escolhida nunca vira. E mais: seu rosto trazia uma estrela lilás carimbada na bochecha, com um brilho ofuscante. Seus olhos estavam mais acesos que nunca, com cílios espessos, escuros, que deixavam seu olhar ainda mais cintilante, mais expressivo. Vestido rosa e branco comprido, esvoaçante, asas postiças, cabelos cor de mel, cacheados e compridíssimos, e uma varinha de condão completavam o *look* da fada. Para arrematar, Tatu trazia na boca um sorriso meigo de fada de livro infantil. Luna ficou boquiaberta.

- Que roupa é essa? Que luz é essa?

- Não é assim que você imaginava uma fada? Então, resolvi fazer uma surpresa.

- Que fofa! - exclamou Luna. - E essa estrelinha lilás linda na sua bochecha?

- Ela se chama Estrela da Felicidade. É feita de um pozinho caríssimo, que lembra purpurina, mas se chama "Ô, brilho danado de bom, sô!". Eu, obviamente, comprei o meu com uma fada-camelô que faz ponto perto da minha casa e vende pela metade do preço. A gente só usa em dias muito felizes. Dias especiais. E hoje é um dia pra lá de especial. Tudo deu certo, você e a Lara viraram amigas, você foi ótima com ela todo o tempo. Perfeita.

- Ô, Tatu... Não fala assim, que eu choro. - Emocionou-se Luna. - Por onde você andou? Estava com saudade!

- Estive por perto todo o tempo, mas só para dar uma supervisionada, porque você deu conta do recado direitinho. Estou orgulhosa da minha menina.

Luna baixou os olhos, envergonhada, e sorriu feliz.

- E a surpresa? Por que você quis me fazer uma surpresa?

- Porque... porque eu gosto de fazer surpresa nas minhas despedidas.

- Despedida? Como assim?

- Eu vou embora, Luna - disse Tatu, visivelmente triste. -Então quis ser uma fada de verdade para você, a fada dos seus sonhos, pelo menos no nosso último encontro.

- Último encontro? Não! Você não pode ir embora! Ainda tem muita coisa para acontecer. Tem o reencontro da Lara com as ex-amigas dela, sua volta às aulas, a conversa que ela vai ter com a irmã, com a galera da escola... Você não pode ir, Tatu... - reagiu, aflita.

A fada precisou respirar fundo para dizer:

- Eu tenho que ajudar outros adolescentes, você não precisa mais de mim por aqui.

Luna estava chocada. Como assim aquela fada doidinha de quem ela aprendera a gostar incondicionalmente estava se despedindo?

- Você não me disse que ia embora assim, de repente... Tudo aconteceu tão rápido... Eu não quero que você vá, Tatu... - pediu, fazendo biquinho e com os olhos cheios d'água.

E pôs-se a chorar, de cabeça baixa. A fada pegou suavemente o rosto da menina, catou uma das lágrimas que rolaram pela sua bochecha e transformou-a num pingente de cristal em forma de gota. A menina arregalou os olhos, surpresa ao ver sua lágrima se solidificar ali, na sua frente.

- Isso é pra você nunca esquecer de mim - sussurrou Tatu, segurando o choro enquanto botava o cristal na mão de sua escolhida.

- Eu nunca vou me esquecer de você. Aí, na moral, é impossível te esquecer, Tatu. Impossível... - chorou Luna. - Vou sentir muito a sua falta... Muito mesmo... - completou, agora aos prantos, chorando por ela e pela fada.

Mas o choro logo deu lugar ao espanto. O pingente começou a aquecer sua mão e ela ficou muda, abismada. Enquanto suas mãos esquentavam, ela viu seu quarto se transformar num quarto mágico. As pinturas do teto ganharam vida e começaram a se mover, assim como as das paredes. Ela precisou piscar várias vezes seguidas, para certificar-se de que aquilo não era um sonho. Uma fumaça azul-clara envolveu a Casa da Luna com um suave cheiro de jasmim, e um pozinho brilhante que Tatu tirou do sutiã e jogou no ar deu ao lugar cara de superprodução cinematográfica. Estrelinhas de várias cores e tamanhos começaram a flutuar em volta da garota. Filme. Cena de cinema mesmo. Luna assistia a tudo boquiaberta, emocionada, com vontade de rir, chorar, gritar... Isso sim é coisa de fada, ela pensou.

- É meu presente para você. Desculpa, mas é o melhor que sei fazer. Eu te disse que não sou muito boa com magia, né?

- Você é ótima, Tatu! Com magia, com adolescentes, com conselhos... com tudo. Odeio você ter que ir embora! Odeio.

- Eu também odeio essa parte. Ainda mais com uma escolhida tão especial como você. O Caso Lara vai ficar na minha memória por séculos e séculos. Aliás, falando nela, cuide bem dessa amizade, viu? Ela é para sempre.

- Xá comigo.

- Agora vamos deixar de papo furado. Dá um abraço! -pediu a fada.

As duas se abraçaram longa e afetuosamente. Violinos se fizeram ouvir. Parecia o último capítulo de novela lacrimejante.

- Não, não foi violino que eu pedi! Que droga! Foi guitarra! Com a Pitty cantando ao fundo! Porcaria! - reclamou a fada, engraçada como sempre, fazendo Luna rir. - Como é mesmo? Blom, blom, blom, xonga, xongagarra, violino bimbão sai fora e traz minha guitarra! Não, não é assim... Ah... Violino é péssimo... Nada a ver com você.

- Eu *tô* achando o máximo! - exclamou Luna, apertando ainda mais sua fada preferida.

Aquele era o último abraço que a menina daria naquele ser fantástico e encantador que entrara na sua vida no meio da noite e sairia no meio de outra.

- Se eu soubesse que você ia embora tão rápido, eu teria te abraçado mais, conversado mais com você... Você é única, Tatu. E muito talentosa.

- Pára, estou muito emocionada, assim eu vou chorar. E você sabe o que acontece quando fadas choram, né?

- Claro que não! Você é a única fada que eu conheço!

- Quando uma fada chora de emoção, uma borboleta aqui da Terra se transforma em fada.

- Ai, que fofo! Devem virar fadas lindas, pequenininhas, iguais às dos filmes! Imagina se as pessoas pudessem ter uma dessas em casa, que coisa mais meiga? Todo mundo ia querer uma!

- Eu não su-porrrr-to as fadas-borboletas - disse Tatu, num tom mais alto do que o que normalmente usava, enfatizando cada palavra. - São metiiidas! - continuou, agora mais inflada ainda. - Elas se acham, só porque têm asas coloridas e são famosas. Famosas por nada, vale lembrar! Famosas sem talento e sem conteúdo, são apenas um rostinho bonito no meio de tantas fadas competentes que não têm seu valor reconhecido!

- Nossa, por que tanta raiva das borboletinhas, tadinhas?

- Elas são bobas, só sabem voar e dançar, não fazem nada direito, derrubam tudo... Mas como são bonitinhas, acabam saindo nas capas das revistas e são sempre entrevistadas no Fadástico, o programa dominical mais visto da Rede Fada de Televisão.

- Como é que é?

- É isso mesmo! Não tenho a menor paciência com as fadas-borboletas. E vamos mudar de assunto, por favor?

- Vamos, mas antes me tira uma dúvida?

- Que é? - A fada continuava irritada.

- Você tinha me dito que fada não tem asa, mas se existem fadas-borboletas, fadas **podem,** sim, ter asas!

Ô-ou...

A feição de Tatu mudou. Seriíssima, ela branqueou, dedo em riste:

- Fadas, não! Não diga bobagem! Fadas-bor-bo-le-tas! É outro tipo de fada. Elas são completamente diferentes!

- Como assim? - Luna achou graça da irritabilidade de Tatu.

- Quer saber? Vou falar, vou falar mesmo! Porque eu falo mesmo, não gosto daquelas lambisgóias. As fadas-borboletas são um tipo beeem menor de fada. Perto delas eu sou uma fada top. Top, top, top - explicou Tatu, nariz em pé.

- Tá bom, minha top fada, não vamos brigar por causa disso. - Riu Luna, enquanto esmagava aquele ser fofo num abraço.

Quando achou que o assunto estava encerrado, a menina descobriu que sua fada era, assim, um tantinho ciumenta. E dizia isso à sua maneira.

- Elas podem ser bonitas, mas eu também sou, tá? Tá? E sou mais que elas, porque tenho uma beleza interior enorme! Isso sem contar que sou supergente boa.

- E supermodesta, diga-se de passagem - divertiu-se a menina. Ela tinha entendido o recado. - Tenho certeza de que elas não se comparam a você. Você é simplesmente a melhor fada do mundo. Insubstituível, inesquecível, inenarrável. A **MINHA** fada.

- Eu sou tudo isso? Ooooba! - comemorou Tatu, empolgada, saltitante, batendo palmas.

As duas riram.

Finda a graça, as duas se afastaram para se olhar de frente, de mãos dadas. E vivenciaram preciosos minutos de emocionado silêncio. Até que Tatu olhou no fundo do olho de Luna e revelou:

- No fim das minhas missões, eu sempre dou um presente para os que me ajudam. Pode pedir qualquer coisa.

- Ué, o meu quarto ficar com a cara de um filme de Hollywood já não é um presente?

- É. Mas como você é especial e me chamou de "sua" fada, eu quero te dar mais um. Qualquer coisa. O que você quer?

Luna nem precisou pensar.

- Flutuar.

- Sabia que você ia pedir isso!

Luna, então, começou a sentir uma estranha sensação de formigamento nas mãos, depois nos braços, nas pernas, nos pés, até o nariz formigou. Sentiu uma leveza inédita, esquisita, porém gostosa. E não demorou a constatar: seu corpo agora tinha o peso de uma pluma. Flutuando, a fada puxou-a pela mão e ela, boquiaberta e de olhos arregalados, desafiando a lei da gravidade, começou a flutuar também.

Meio sem equilíbrio, meio sem acreditar, com um medo enorme de cair, mas uma vontade imensa de prolongar ao máximo a experiência de não ter os pés no chão, em pouco tempo ela estava perto do seu teto colorido, com um sorriso embasbacado no rosto e sentindo-se uma astronauta.

- Caraca! Que irado! - exclamou Luna, sem tirar o sorriso dos olhos.

- Irado? Você não viu nada! Vem comigo. Tatu puxou a menina pelo braço e as duas entraram nas pinturas do teto que Luna fizera com tanto carinho, com tanto apreço. Tudo ali era real, por mais sonho que parecesse. Deram uma volta na casa amarela de telhado rosa, subiram na goiabeira de folhas verdes e azuis (a tinta verde acabou e a "artista" precisou improvisar com o que tinha), escorregaram numa lua amarela, dançaram no palco do teatro que Luna inventara, flutuaram junto ao cometa que brilhava no escuro ao lado de outras estrelas, pareciam dois personagens de desenho animado. Que noite especial!

Assim, no meio da madrugada, Luna conseguiu o impensável: um passeio flutuante pelo seu quarto, pelo céu do seu teto, por sobre sua cama. A experiência de não sentir a força da gravidade foi uma das mais hipnóticas de sua vida.

- Que tal?

- Muito obrigada, Tatu, eu nunca vou esquecer esse dia! E nunca vou poder contar pra ninguém, porque ninguém acreditaria nisso!

A fada ficou feliz e comemorou com uma cambalhota no ar.

- Tenta!

- Não! - reagiu Luna, doida para experimentar. - E se eu cair em cima da Lara?

- Não vai cair. Tenta! Finge que você está numa piscina. Encantada por estar flutuando, extasiada com a sensação de liberdade e prazer, Luna resolveu tentar. Usando os braços para botar a cabeça pra frente, meio estabanada, a menina conseguiu dar uma

cambalhota no ar. Depois, de costas. Aí se empolgou de vez e não teve mais jeito: fez passos de balé, nadou, deu braçadas apatetadas... Tudo isso dentro do seu canto preferido na Terra: o seu quarto.

Como despedidas eram difíceis para Tatu, ela deixou a escolhida se divertindo. Numa das cambalhotas, ela jogou em Luna o "Ô, sonho bom!", para que depois das piruetas aéreas ela emendasse numa naninha gostosa e nem a visse partindo.

Quando Luna enfim caiu no sono, a fada se aproximou dela, levou-a até sua cama, cobriu-a, deu um beijo em sua testa e despediu-se baixinho:

- Tchau, Luna. Obrigada por tudo. Vou sentir muita saudade. E desapareceu.

O sol mal tinha nascido quando Lara se levantou num pulo. Naquela manhã, seus pais chegariam com sua irmã, ela precisava ir para casa. Sentia que sua vida, enfim, começava a voltar ao normal.

Antes de voar para o chuveiro, ligou para o motorista de seu celular, tomando cuidado para falar baixinho, para não acordar Luna, que dormia profundamente, ainda sob o efeito de "Ô, sonho bom!". Pediu para ele apanhá-la em meia hora e foi para o banho. Trocou de roupa e, já pronta, olhou com carinho para cada canto daquele quarto, aquele quarto que a acolhera tão bem, tão afetuosamente. Sentou-se na cama, aproximou-se de Luna e chamou seu nome.

- Já acordou? Nem botei despertador! - espantou-se a menina.

- Estou tão ansiosa que nem sei como consegui dormir. Acordei muito empolgada, estou esperando esse momento há dias.

- Imagino - balbuciou Luna, ainda muito sonolenta, um olho fechado, outro querendo abrir.

- Desculpe te acordar. Foi só para te dar um beijo e agradecer por tudo.

- Não tem nada que agradecer. Foi um prazer ter você na minha casa.

- Eu adorei passar esses dias aqui. Você me ajudou muito.

- Como é que você vai pra casa? - Os dois olhos de Luna se abriram de repente, preocupados.

- O Damião já está lá embaixo. E a Milena vai chegar com meus pais a qualquer momento.

- Ô, Lara... não quer que eu vá com você?

- Imagina. Te acordar cedo assim é uma crueldade. Dorme mais, quando acordar me liga.

- É?

- É.

- Beleza. Se cuida. Mais tarde a gente se fal... - Luna caiu no sono antes de terminar a frase.

Lara chegou em casa poucos minutos antes de seus pais. Assim que Milena chegou, correu na direção de Lara e deu nela o abraço mais longo e apertado que já dera em toda a sua existência ao lado da irmã. As duas não disseram uma palavra. Só choraram. Muito. Seus pais se aproximaram e o abraço duplo virou quádruplo. Abraço apertado, emocionado, abraço que valeu mais que mil palavras. Se as paredes tivessem olhos, certamente eles estariam arregaladíssimos, surpresos por ver, enfim, um momento realmente afetuoso naquela imensa sala.

Os Amaral nunca foram muito chegados a um carinho e só se abraçavam em datas especiais. Mas abraço chocho, apenas cordiais tapinhas nas costas e olhe lá.

Milena estava abatida, parecia estar voltando de uma guerra. Arrependida, com a auto-estima no pé, triste por tudo que causou para a família, envergonhada. Mas mesmo assim contou para sua irmã os dias de horror que passou, a cadeia, o medo, o frio, a

incerteza, a repercussão do episódio... E ficou mais deprimida ainda quando soube que Lara fora hostilizada por causa dela.

- Mil desculpas, La... Mil desculpas... - implorava, aos prantos.

- Desculpa por quê?

- Por tudo. Por minha causa você deixou de ser a queridinha do colégio e perdeu suas amigas...

- Que amigas? Elas não eram minhas amigas. E quer saber? Se essa história não tivesse sido tão horrorosa, eu até te agradeceria, viu?

- Agradeceria?

- É, por me fazer ver que ter a sua amizade é mil vezes melhor do que ter popularidade na escola. Tô nem aí para ser popular. De que adiantava ser popular se as pessoas só gostavam de mim superficialmente? Ninguém era meu amigo de verdade, Milena, e eu descobri isso a tempo. Por sua causa.

- Lara, não precisa falar essas coisas para me animar, vai...

- Que pra te animar? Você já se tocou que, se essa tragédia não tivesse acontecido, a gente jamais estaria conversando sem brigar, como duas amigas, como agora?

- É, você tem razão. Nossas conversas não duravam mais de dois minutos.

- Isso quando você estava de bom humor, porque normalmente elas não chegavam a um minuto - implicou Lara, fazendo a irmã rir.

O bate-papo rolou até a noite, as duas falaram tudo o que nunca conversaram em 13 anos de convivência: moda, meninos, esmaltes, meninos, música, astrologia, meninos, família, bichos, novela, meninos... À noite, pouco depois que Luna ligou para saber de Milena, as irmãs resolveram dormir no mesmo quarto, como não faziam havia muitos anos. Queriam ficar perto uma da outra, recuperar o tempo perdido.

Lara sentiu-se especial por fazer Milena rir e esquecer-se aos poucos do drama que passara. Milena gostou de verdade da sensação de conforto e proteção que teve na companhia de sua irmã caçula, sua nova e grande amiga.

Na manhã seguinte, Lara pulou da cama. Estava louca para ir à escola, olhar na cara de cada um que a hostilizou. Ainda não sabia o que fazer ou dizer, mas que ia dar o troco, ah, isso ia! Tinha decidido desde o dia em que sua irmã e sua família foram inocentadas.

Passou na casa de Luna para buscá-la, não queria chegar sozinha ao colégio. Foram para a sala da diretora, que saudou a dupla com carinho e um sincero sorriso:

- Luna, parabéns por ter sido uma amiga tão presente e por ter ajudado tanto a Lara. Lara, meus parabéns por ter reagido bravamente, por não ter deixado que a opinião dos outros abalasse sua confiança de que tudo ia dar certo. Olha aí, tudo deu certo! E está todo mundo engolindo o que disse sobre a sua irmã e sobre você.

- Pois é... sobre isso... será que... será que eu não posso ir às salas de aula falar com a galera, explicar o que aconteceu?

- Claro que pode! Adorei a idéia! E quer saber de uma coisa? Eu vou com você, para ter certeza de que não vão te maltratar de novo.

Dona Nazaré, a diretora que nunca saía de sua sala de janelas gigantes e com vista para o verde, finalmente deixaria a bat-caverna, como os alunos chamavam seu escritório. E mais: para andar nos corredores como uma simples mortal, ao lado de Lara. A menina sentiu-se importante. E, muito melhor do que isso, querida.

- Caramba! A senhora vai entrar nas salas comigo? Por essa eu não esperava... - espantou-se Lara.

- É bom esticar as pernas de vez em quando. Além do mais, fiquei muito chateada com o que aconteceu naquele dia. Quero ver a reação deles agora, que está tudo resolvido.

Nesse momento, Lara ficou pensativa, distante. Parou por alguns segundos, refletiu e abriu um sorriso:

- Vamos lá, dona Nazaré?

As três seguiram para uma turma da oitava série. Dona Nazaré anunciou a entrada de Lara, que depois do oi, gente, começou, sem ensaio e sem rodeio:

- Antes de tudo, quero pedir desculpas para vocês.

A galera ficou cheia de pontos de interrogação na cabeça. Luna ficou cheia de pontos de interrogação na cabeça.

- Desculpas? Enlouqueceu ou está fazendo tipo? - perguntou o Zé Renato.

- Eu era louca antes, quando era uma ridícula com todo mundo. O jeito com que vocês me trataram foi um recado. E eu entendi esse recado. A atitude de vocês foi o troco por eu ter sido arrogante por tanto tempo. Prometo que vou tentar melhorar. Enquanto isso, gostaria de ter a chance de conhecer melhor cada um de vocês e gostaria também que vocês me conhecessem melhor. Eu sou gente boa, juro! Era um pouco metida, sim, mas vou mudar, prometo.

- Um pouco metida? - fez graça o Douglas, skatista da turma.

- Muito, muito metida - reconheceu Lara. - Aprendi demais com essa história toda, não desejo para ninguém, nem para o meu pior inimigo, o sofrimento que passei com a minha família. A gente viveu dias intermináveis, de muita dor. Imaginar seus pais e sua irmã, inocentes, atrás das grades é o pior pensamento que uma pessoa pode ter - disse ela, prendendo o choro.

- Pô, Lara... aê... foi mal, aê... A galera perdeu a noção, todo mundo se arrependeu naquele dia mesmo, aê... Desculpa... em nome de toda a classe - disse Natália, a representante da turma.

Dona Nazaré, de olhos molhados, puxou entusiasmados aplausos. Estava realmente tocada com a atitude e a coragem de Lara, que encarou seus colegas de frente com muita dignidade e ainda fez um discurso emocionante, não se deixando levar pelo desejo de vingança, de dar o troco. Luna, por sua vez, estava completamente abobada. E orgulhosa. Mas começava a desconfiar de que tinha o dedo de Tatu nessa história. Lara estava diferente, calma, branda, tranqüila, feliz. Em paz. Não era cena. Seu discurso era genuinamente verdadeiro, vinha do fundo da alma, isso Luna podia garantir.

Foram em todas as turmas cujos alunos tinham-na hostilizado. E a surpresa era sempre seguida de sincero perdão. Mútuo.

Os alunos foram bem legais com a Lara. E a Lara foi muito legal com todo mundo. Até com suas amigas rosinhas, Gisele, Daniele e Juliane. Com o trio, Lara foi mais que legal, foi magnânima. Ela perdoou às três, que justificaram seu sumiço dizendo não saber de nada. Que mentirosas!, pensou na hora. Mas como aquela amizade não valia mais nada, ela

preferiu aceitar os abraços falsos do trio em silêncio, em vez de se desgastar discutindo. Sorriu e virou as costas às suas ex-melhores amigas para voltar à sua peregrinação pela escola ao lado de sua nova *best,* como ela chamava Luna, numa abreviação de *best friend,* "melhor amiga" em inglês.

Logo chegou a vez da turma de Pedro Maia. Depois do breve discurso que fez em todas as salas, Lara acrescentou, olhando nos olhos dele:

- Essa história me ensinou muito. Aprendi que às vezes a gente confia em quem não deve confiar, e isso dá um buraco muito sinistro no peito. Aprendi também que beleza física não é essencial. De que adianta ser bonito por fora e não ser bonito por dentro, não ter caráter? De que adianta ser bonito e só conversar assuntos idiotas? De que adianta ser bonito e beijar muito, muuuuito mal, com língua dura e rotação do tipo liqüidificador? Nada!

Dona Nazaré ficou chocada com o comentário, mas deixou passar. Achou melhor não se meter. Luna arregalou os olhos. A turma inteira explodiu numa gargalhada, Pedro Maia ficou da cor de um pimentão e Lara virou-se para a porta, com um sorrisinho campeão escancarado no rosto. Decidida, e orgulhosa, saiu da turma.

Contas acertadas, era hora de voltar à vida normal. No carro, as duas engataram uma conversa super-ultra-mega-ímportante:

- Luna, vamos ao salão amanhã fazer uma escova?

- Não faço escova, gosto do meu cabelo ondulado.

- Sério?

- Sério. Eu se fosse você deixava o seu ao natural também. Seu cabelo é lindo, cacheado.

- Cê acha? - espantou-se Lara. - Ele é tão quebrado, tão ressecado...

- Porque você faz escova sempre. Passa uns dias sem usar secador para ver como seu cabelo vai melhorar. Secador acaba com o cabelo.

- Eu, assumindo meus cachos? Será que eu vou gostar? Meu cabelo é tão volumoso...

- Ele é lindo, vi quando você dormiu lá em casa e não secou. Uma mudada básica não faz mal a ninguém. Dá uma chance ao seu cabelo, Lara! - implicou Luna. - Se você não gostar dele ao natural, passa a fazer escova de novo.

- Será que vão achar que eu fico bem com meu cabelo ao natural?

- Você realmente liga para o que as pessoas pensam? Não é possível! Ainda mais depois de tudo que aconteceu!

- É, você está certíssima. Por que se importar com o que as pessoas dizem ou pensam?

- Pois é! As pessoas sempre têm uma opinião formada sobre tudo. É muito melhor levar a vida sem se preocupar com os outros, Lara! Ninguém tem nada a ver com o que você faz. Desde que você esteja bem e feliz, para que se preocupar com o que vão pensar? Vão pensar, sempre. Sabendo disso, e sabendo que é impossível controlar o pensamento das pessoas, é só agir sem se importar com a reação delas. Tudo fica muito mais fácil assim.

- Caraca! Bato palmas pra você, Luna! Admiro muito essa sua maneira de ver o mundo. Juro que vou tentar pensar dessa

forma daqui pra frente. E vou conseguir! E quer saber? Vou assumir minha cabeleira, sim! Acho até que vou cortar, dar uma radicalizada!

- Isso! Assim que se fala! Você vai adorar ficar livre do secador. Sem contar que é sempre bom mudar de cara, ainda mais depois de uma mexida dessas na vida.

- Taí, você me convenceu. Vamos ver se me agüento sem cabelo liso. - Riu Lara.

- Vamos lá pra casa? A minha mãe te chamou para almoçar com a gente.

- Imagina se eu sou louca de dispensar o rango da sua mãe! Só não posso demorar muito, tá? Quero ficar o maior tempo possível com a minha irmã. A gente vivia brigando antes de isso tudo acontecer, mas agora a gente tá grudada.

- Que irado!

- Nunca achei que um dia eu ficaria tão feliz só com o fato de olhar para o lado e ver que ela está ali, perto de mim. Ela está louca pra te conhecer, de tanto que eu falei de você.

- Eu também estou louca para conhecer melhor a Milena.

- Amanhã ela vai me levar na exposição de uma amiga dela que é artista plástica. Primeira vez que ela me chama para sair, primeira vez que ela vai me apresentar para uma amiga. Estamos, finalmente, virando amigas uma da outra. Não é tudo de perfeito?

- É muito perfeito! Muito perfeito!

As duas pularam e se abraçaram no banco detrás do carro, observadas pelo retrovisor por Damião, que sorria genuinamente satisfeito.

Quatro meses se passaram. Luna sentia muito a falta da fada. Nos primeiros dias, então.... Chorou várias vezes com saudade da presença e do alto-astral daquela doidinha de apelido esquisito que entrava em seus pensamentos sem pedir licença e usava roupas divertidas. Passou as noites tristonha e calada por pelo menos três semanas. Tentava se convencer de que algum dia se acostumaria a viver sem ter Tatu por perto.

Agora, com sua rotina de volta ao normal, ela gostava de aproveitar a companhia de suas amigas deste mundo mesmo. E a preferida, a essa altura, era sua fiel escudeira Lara, que assumira de vez seus cachos num corte mais curto, mais ousado. Agora ela era uma menina cheia de personalidade. As duas estavam mais grudadas que chiclete mastigado em sola de sapato e viraram as melhores amigas de todos os tempos, a maior dupla dinâmica que o planeta Terra já viu.

Faltava pouco para Luna completar 14 anos. A data tão esperada seria comemorada com festona na cobertura de Lara, com direito a DJ conhecido e comidinhas de bufê famoso, tudo presente dos Amaral.

- Vamos ao shopping? Preciso comprar a roupa pra festa, meu níver é daqui a três dias e eu ainda nem sei que estilo eu quero usar.

- Shopping? Ajudar a escolher roupa? Luna! Tá perguntando se macaco quer banana, né? Vou passar aí agora com o Damião. Quando estiver chegando, eu ligo para você descer.

Em menos de uma hora, as duas estavam saracoteando pelo shopping vendo vitrines, perguntando preços de prendedores de cabelos, livros, revistas, CDs, comendo hambúrguer... ah, sim!, e experimentando roupas para a festa.

Duas horas de shopping depois, Luna começou a ficar cansada de tanto andar e não encontrar o que queria. Lara ainda agüentaria por mais duas horas, mas Luna talvez capotasse em 30 minutos.

- Tô ficando de saco cheio, não tô gostando de nada, nada tem a minha cara. Eu queria bater o olho numa roupa e falar: "É essa!" Eu tenho que amar! Tem que ficar perfeita em mim! Poxa, 14 anos são 14 anos, né?

- Calma, vamos andar mais, a gente vai encontrar uma roupa linda!

- E barata.

- E barata! Vamos, anda, espanta a preguiça! Entraram numa das lojas preferidas de Luna, com roupas alegres, diferentes, fora do comum. Ela pegou vários vestidos para experimentar. Cismou que queria ir de vestido, nada de calça jeans e batinha preta. Lara, claro, aproveitou e, como nas outras lojas que entraram, experimentou umas peças também. Já que seria a anfitriã, queria vestir uma roupa nova na ocasião.

Quando saiu da cabine para se analisar num espelho maior, Luna viu o que seus olhos queriam ver havia muito tempo: Tatu. Era ela mesmo! Uns cinco quilos mais magra, com roupa adequada aos anos 2000 (calça jeans, tênis e camiseta branca deixando ver um pouco da barriga), mas definitivamente era ela! Com cabelão ao vento e seus inconfundíveis e cintilantes olhinhos, Tatu não demorou para cruzar seus olhos com os de Luna, que a encarava encantada, sem piscar, boquiaberta.

Sem parar de olhar uma para a outra, com a respiração mais rápida por conta da emoção do reencontro, as duas abriram enormes e escancarados sorrisos. Emocionados sorrisos. Tatu parecia vir em câmera lenta na direção da menina, que não via a hora de entrar numa cabine para poder dar um abraço esmagado na fada.

- O que você acha dessa saia, Lu?

- Ã? Oi? Desculpa, Lara... Tá linda, mas... acho que prefiro a outra... - respondeu Luna, olhando para o lado, com medo de perder a fada de vista.

- Que foi? Você está estranha...

- Tô não.

- Tá, sim. Achou horrível e não quer me falar.

- Imagina, Lara...

- Então o que foi?

- É que... eu achei que... - gaguejou Luna.

- Achou o quê? Fala!

- Achei que...

- Ela achou que estava maluca porque me viu. Pensava que eu ainda estava morando fora do país, né, Luna?

- Quem é você? - quis saber Lara.

- Pode me chamar de Tatu. Eu e a Luna somos grandes amigas. Infelizmente não nos vemos tanto quanto gostaríamos, mas sentimos um amor imenso uma pela outra.

Luna estava espantada, até parou de respirar, tamanho o susto. Como assim Lara estava vendo (e conversando com) a sua fada?

- Oi, eu sou a Lara. O que você acha dessa saia, Tatu?

- Linda. Realça o tom da sua pele.

- E você, Lu?

- Linda... - respondeu Luna, ainda atordoada.

- Não senti muita firmeza... Vou botar a outra para vocês baterem o martelo. Aliás, por falar em bater martelo, você tá linda com esse vestido. É a sua cara. Acho que você finalmente encontrou a roupa da festa.

Luna sorriu e Lara voltou para a cabine.

- Como assim a Lara pode te ver?

- Eu estou materializada, tolinha.

- Como é que é?

- Agora eu faço isso. Estou fazendo o maiorrrr sucesso com os gatinhos, estou uma deusa, estão todos me olhando quando eu passo! - disse, nada modesta, como sempre.

Luna riu, riu muito. Que bom estar ali com aquela fada figuraça. Parecia que tinham se visto no dia anterior, tamanha a sintonia.

- O que você tá esperando para me dar um abraço, hein? - quis saber Tatu, tascando na menina um abraço esmagadaço que quase tirou seu equilíbrio.

- Que saudade, Tatu!

- Muita saudade, muita saudade!

- E esse corpo, e esse cabelo? Você é uma nova mulher. Uma linda mulher!

- Eu sei, tô um espetáculo de fada, não tô? Um arraso!

- Tá maravilhosa!

- Agora eu estou malhando, indo ao salão... Agora eu tenho tempo para cuidar de mim. Depois da Missão Lara recebi muitos elogios e... fui promovida!

- Oba! Parabéns! Promovida a quê?

- Mocinha, a senhorita está de frente para uma... fada sênior! Tchanããã! - contou, orgulhosa, sorrindo de orelha a orelha e com as mãos espalmadas e tremelicantes perto do rosto.

- Que tudo! Parabéns!

- Parabéns para você, que me ajudou a realizar minha missão.

- Quer dizer que, a partir de agora, só problemas de adultos?

- Adultos, adultos, não... Eu chamaria a turma que eu ajudo de pós-adolescentes. As fadas seniores recém-con-tratadas só pegam missões envolvendo o pessoal de 18 a 22. Mas é legal mesmo assim.

- Claro que é! E o que você veio fazer dessa vez?

- Já, já vou conhecer a escolhida das fadas, uma tal de Babete. Dizem que é doidinha, mas tem um coração gigante. Vai se meter em encrenca quando tentar impedir o casamento de um cantor brega famoso, vai parar na televisão e tudo.

- Ué, agora você sabe o problema da escolhida?

- As fadas seniores vêm muito mais bem informadas para as missões do que as juniores. Fada sênior é coisa fina, tá pensando o quê, minha filha? Tenho uma sala, um

computador só pra mim, uma estagiária e duas horas de almoço. Isso é mordomia ou o quê?

Lara saiu da cabine.

- Que tal essa saia?

- Pavorosa. Te deixou com a bunda enorme e quadrada -foi suuupersincera Tatu.

- Você quer dizer gorda?

- Ai, que bom que você também achou. Ufa!

- Gente, pára tudo! Amei você, Tatu! Adoro pessoas que dizem a verdade. Vou levar a outra, então.

Assim que ela entrou na cabine de volta, Tatu virou-se para Luna.

- Vim aqui só te dar um beijo, mesmo. E dizer que esse vestidinho aí não dá. Você tá parecendo um balão com ele.

- É, também não gostei muito, não...

- Está péssimo. Diz pra Lara que você preferiu o vermelho que experimentou antes, muito mais a sua cara.

- Eu sei, também acho, mas ele ficou meio largo nas costas, a alça ficou grande e eu queria que ele fosse um pouco mais curto. E não vai dar tempo pra tanto conserto até o dia da festa.

- Entra na cabine e experimenta o vestido de novo. Fiz uns ajustes nele.

- Ajustes? Que tipo de ajuste?

- Joguei nele o "Ô, estilista magnífica", ué!

- Ai, você não deixou meu vestido com cara de roupa de freira, não, né?

- Claro que não, boba! Aposto que está do jeitinho que você queria.

- Jura?! - empolgou-se Luna, quase sem acreditar. - E se eu der uma engordadinha até o dia da festa? Acho melhor você ficar por perto para me ajudar... Preciso estar linda, perfeita!

- Luna, querida, você acha mesmo que vai engordar até a sua festa? Claro que não! Mas, caso isso aconteça, fica tranqüila, ele agora é um vestido mágico. Engordando ou emagrecendo, você vai ficar perfeita com ele.

- Caraca! Pra sempre?

- Caraca! Claro que não! Dâ-â! Só até o dia do seu aniversário! Essa magia tem tempo limitado. Se durar mais do que o necessário, eu acabo voltando para o meu antigo emprego. Você quer que isso aconteça? Claro que não, né? Isola! Tô amando minha vida agora!

- Tá bom! Tá bom!

- O que eu queria era te dar um presente que fizesse você se lembrar de mim no dia da sua festa.

Luna deu um sorriso gigante. E se emocionou.

- Eu vou me lembrar sempre de você, Tatu...

- Eu também... Mas, por favor, corta esse cabelo! Nada de pedir para aparar só dois dedinhos. Mostra a sua cara, que é linda, confia no seu cabeleireiro, ele é ótimo.

- Como é que você sabe?

- Eu sei de tudo, tolinha. Já esqueceu? Nesse momento, Lara saiu da cabine.

- E aí, Lu, vai levar esse aí mesmo?

- Acho que não... Gostei mais do vermelho.

- Ah, tá, ficou lindo, mesmo. Mas talvez tenha que deixar pra apertar, será que vai dar tempo?

- Acho que os ajustes eu consigo fazer em casa mesmo. É pouquinha coisa.

- Que ótimo! Então eu vou lá pagando a saia. Você vem?

- Tô indo.

- Beleza. Tchau, Tatu. Prazer.

- Muito prazer, Lara. Cuida bem da minha amiga aqui, tá?

- Pode deixar! - disse Lara antes de partir na direção do caixa. Luna olhou triste para Tatu, como que se pressentisse o que a fada estava prestes a dizer.

- Foi bom ver você, mas... eu preciso ir.

- Não! Fica mais! Tenho tanta coisa pra te contar!

- Não posso, tenho que esbarrar nessa tal de Babete. Dessa vez não vou entrar no sonho do escolhido, fiz um curso intensivo para aprender a entrar materializada na vida das pessoas. As fadas-mestras acham que assusta menos.

- Sério? E como funciona isso?

- Ué... eu me aproximo, puxo assunto, faço cara de séria, digo que tenho um recado importante para dar, sento para tomar um café e... pimba! Conto logo que sou uma fada, não faço nem uma preparação! Sento e falo logo: sou uma fada. Fa-da!

- Nossa! E dá certo?

- Por enquanto não. Já me deixaram falando sozinha três vezes.

- Quantas vezes você tentou?

- Três.

- Ah, tá - divertiu-se Luna.

- Mas essa vai ser minha última vez, vou parar com isso. Vou voltar a usar a tática de entrar na vida das pessoas em sonho, é mais fácil, sabe?

- Sei. A dificuldade vai continuar a ser convencer as pessoas de que você é uma fada.

- Eu sei. Se você, que é uma pirralha, demorou para acreditar, imagina a turminha com mais de 18? Tem uns que me deixam falando sozinha e vão direto pro médico, procurar remédio para alucinação. Acham que estão malucos, que precisam de um psiquiatra... dão o maior trabalhão!

- Imagino!

As duas se olharam ternamente.

- Eu queria muito vir aqui, Luna.

- Pra me ver?

- Claro! E pra me exibir, né? Queria mostrar que agora sei me materializar. Acho chiquéééérrimo fada que se materializa. Sempre achei. E eu só posso fazer isso agora por sua causa. Obrigada, Luna! Você me ajudou muito! Ganhei o maior respeito no mundo das fadas, todo mundo comenta como eu fui ótima, perfeita, espetacular no Caso Lara.

- O que mata você é essa sua modéstia - brincou Luna.

- Como é que vou ser modesta se até entrevista na Fada Soares eu dei? Fiquei importante, Luna!

- Fada Soares?

- É uma gordita engraçada que tem um *talk show* na televisão. Na verdade o nome artístico dela é Fá. Fá Soares.

- Ai, que máximo! Que saudade que eu estava disso!

- Mas sabe o mais legal dessa história? A promoção e o sucesso só aconteceram porque cumpri a minha missão do jeito que as fadas-mestras mais gostam: sem me intrometer no problema. Quanto menos a gente se intromete, melhor. Fiquei apenas de longe, observando tudo. O sofrimento da Lara, sua forma de ajudá-la, de abraçá-la, de fazê-la sorrir, nem que por um segundo... Foi muito bonito ver vocês duas amadurecerem juntas. Muito bacana ver nascer uma amizade tão especial.

- Imagina, Tatu, você ajudou muito!

- Que nada! Meu trabalho foi só convencer você a ficar amiga dela. O resto coube à pessoa bacana que você é e ao potencial de ser bacana que a Lara tinha mas não usava. Eu podia ter jogado nela o pozinho "Ô, lágrima, sai daí!" quando ela chorava, o "Ô, vai embora, dor!" e até o "Ô, riso, chega mais!", para quando ela não conseguia sorrir. Mas não fiz nada disso.

- Jura que você tinha esses pozinhos e não usou? Nem quando a Lara desistiu de se vingar de todo mundo no colégio, de dizer coisas horríveis para os alunos que a agrediram tanto? Duvido que você não tenha jogado nela um pozinho do tipo "Ô, vingança, vaza!".

- "Ô, vingança, vaza!"? Fala sério! Que nome esdrúxulo é esse? Você está debochando dos meus pozinhos, é? Não precisei usar pozinho nenhum! Aliás, fui muito elogiada pelas fadas-mestras por deixar o caminho livre para vocês. Só não escapei de levar uma bronca por causa da sua espinha. Não devia ter feito aquilo.

- Ai, Tatu, a gente tem tanta coisa pra conversar... Vamos tomar um sorvete! Quero que você conheça melhor a Lara, ela é muito maneira! E te adorou, viu?

- Eu sou irresistível, quem não me adora, Luna? - brincou Tatu. - Tô abalando geral! U-hu!

- Você já era metida, agora está mais metida ainda! - Riu a menina. - Agora, vem cá, que vocabulário moderno é esse?

- Fiz um intensivão com o pessoal do Departamento de Atualização de Gírias Contemporâneas Brasileiras. A Fada Pasquala é muito irada! Superprofessora! Me ensinou tudinho! Agora eu estou simplesmente TDP, Tudo de Perfeito.

- Ai, ai, Tatu! Você continua a mesma figuraça! Que bom! - Rolou de rir Luna.

- Ah, não esqueça de botar perfume no dia da festa. - Tatu mudou o rumo da conversa. - O Lucas vai e ele adoooora um perfume.

- Eu vou ficar com o Lucas?

- Hum... Digamos que você vai dar umas bitocas nele... Ô, sem-vergonhice!

-Oba!

- Preciso ir, Luna.

- Não! Não dá para ficar até o dia da minha festa? Adoraria ter você por perto num dia tão especial pra mim...

- Não posso... Parabéns adiantado, menina linda. Saúde, paz e muita alegria na sua vida - desejou, dando nela um abraço apertado. - Aproveite sua festa, sua amizade com a Lara, sua família, seus amigos... E não se esqueça de fazer três pedidos na hora de soprar a velinha.

- Mentira que isso adianta!

- Claro que adianta! As fadas madrinhas geralmente estão perto de seus afilhados nessas horas e elas são ótimas realizadoras de desejos de aniversário.

- Que irado!

- Além do mais, sua amiga aqui pode dar uma palavrinha com a sua fada madrinha antes da festa.

- Você conhece minha fada madrinha? Como ela é? Maneira? Linda? Extrovertida? Nova? Velha? Tem asa?

- Não posso contar nada. Regra número 18 do parágrafo terceiro do Manual das Fadas: 'não contarás jamais, para ninguém, nadinha de nada sobre fadas madrinhas'.

- Ah, Tatu! Que manual é esse? Ainda acho que você inventa essas maluquices!

- Olha o respeito, garota! Não tem maluquice nenhuma! Agora que eu fui promovida, tenho contato com a alta cúpula fadai mas não posso sair falando das fadas madrinhas por aí. Dá um castigo danado, nem te conto!

- Tá, tá! Não quero que você fique de castigo de novo. Ainda mais por minha causa.

- Você tem que ficar feliz comigo, Luna! Aposto que, sabendo da nossa amizade, a sua fada dinda vai ser bacana com você e vai atender a seus pedidos. Mas nada de pedido impossível, tá?

- Um deles vai ser te ver mais. Mesmo que seja em sonho. Isso é impossível?

- Talvez sim, talvez não... Agora estou trabalhando menos, quem sabe de vez em quando eu não consiga aparecer nos seus sonhos para a gente conversar?

- Não é o ideal, mas já seria maravilhoso! - comemorou Luna. - Presentão de aniversário ver você, viu? Obrigada pela visita.

- Obrigada a você. Por tudo. Se cuida, Luna!

- Nem mais uns minutos? Para você bater perna comigo e com a Lara? Ela é patrícia, mas é *mó* gente boa!

- Seria ótimo, mas não posso mesmo. Minha missão me chama.

- Essa missão é de que departamento?

- Departamento de Roubadas Gigantes. Já viu o que me aguarda, né?

Tatu deu uma piscadela e mandou um beijo carinhoso para Luna. Andou na direção da porta, escolheu um corredor e seguiu pelo shopping. Antes, virou-se para trás e, pela última vez, olhou carinhosamente para a sua menina. Parecendo uma modelo num desfile, a fada causou torcicolo em muito marmanjo. E logo sumiu de vista.

- Luna! Lunaaaaaaaa! Tá surda? Estou te chamando há milênios, em que planeta você tava? - esgoelava-se Lara, já com seu vestido na sacola.

- Desculpa, La... É que eu não via essa amiga há um tempão.

- Gente boa ela.

- Ela é ótima. É única... - disse Luna, com o coração apertadinho.

- De onde vocês se conhecem?

- Xiii... É uma longa história. Um dia eu te conto - respondeu, enxugando uma lágrima pequetita que escapuliu do olho. - Agora preciso pagar meu vestido. Vou abalar a Vieira Souto de vermelho, né não?

No dia de seu aniversário, Luna e Lara passaram a tarde preparando o local da festa, enfeitando o terraço do apartamento dos Amaral com velas e luminárias coloridas. Amora

não pôde ajudar as meninas. Nos últimos meses, passava horas intermináveis na ONG que criara para ajudar e apoiar parentes de brasileiros presos no exterior. Fazia questão de cuidar de perto de tudo e de dar às pessoas carinho, amor e abraços, artigos que, aprendera, são de primeira grandeza.

Marcela, a mãe de Luna, ficou incumbida de ajudar na decoração. Sua relação com a filha não podia estar melhor. Luna finalmente voltara a ocupar o posto de boa filha que tanto prezava. E ainda por cima tinha virado uma aluna melhor. A amizade com Lara rendeu frutos até no colégio, já que a patricinha era inteligente e sabia explicar como ninguém.

O pai de Lara também mudou depois do episódio. Ultimamente reservava dois dias da semana para fazer cirurgias beneficentes para a população de baixa renda. Milena, agora, estava decidida: estudaria para se tornar diplomata. Gostava de viajar, de conhecer outras culturas e ainda era louca por línguas.

À noite, luzes coloridas e uma imensa lua cheia que flutuava sobre o mar tornaram a cobertura de Lara praticamente um cenário de filme. Luna dançou, ao som do DJ, suas músicas preferidas, ficou com Lucas, sua nova paixonite, e viu uma estrela cadente cortar o céu de Ipanema bem na hora do bolo. Uma estrela cadente diferente das outras. Grandiosa, longa, superbrilhante. Em seguida vieram gritos de uau! e aplausos entusiasmados e embasbacados dos convidados. Para ela e para o espetáculo da natureza que acabaram de ver.

Luna sabia que aquele momento especial tinha o dedo de uma certa fada. Era a cara dela uma surpresa de alto nível. Lara se aproximou da amiga aniversariante e deu nela um abraço esmagado, demorado, gostoso. Que presentão Tatu havia deixado. Para as duas.

Linda em seu vestido mágico, Luna, ainda abraçada com Lara, olhou para o céu e teve certeza de que sua fada preferida, a fada que transformara aquele ano no ano mais surpreendente de sua vida, estaria sempre por perto. E sorriu feliz.

FIM!